

XCLUSIVE

# FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



Ano 19  
nº 228  
Abr/2026



**ENTREVISTA**  
"A SAÚDE ANIMAL É UM  
ELO FUNDAMENTAL  
PARA A PRODUÇÃO DE  
ALIMENTOS SEGUROS",  
APONTA EMÍLIO SALANI,  
VICE-PRESIDENTE  
DO SINDAN

**SUSTENTABILIDADE**  
ESG: PLATAFORMAS  
INTEGRADAS SURTEM COMO  
RESPOSTA À NECESSIDADE  
DE GOVERNANÇA MAIS  
ROBUSTA

**BOVINOCULTURA**  
ESTUDO APONTA QUE  
LEITE BRASILEIRO EMITE  
MENOS DA METADE DO  
CARBONO DA MÉDIA  
MUNDIAL

## PRINCIPAIS AVANÇOS NUTRICIONAIS NO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

ENTENDA COMO A CIÊNCIA, A TECNOLOGIA E A PREOCUPAÇÃO  
AMBIENTAL ESTÃO AUMENTANDO A EFICIÊNCIA PRODUTIVA

**LANÇAMENTO**



# Comedouro Calha com Cinto Transportadora

O comedouro de calha com cinta transportadora para machos, garante distribuição precisa de ração, reduz o estresse, a competição no lote e promove melhor desempenho.



**PRECISÃO QUE ALIMENTA,  
TECNOLOGIA QUE TRANSFORMA RESULTADOS!**



FUNDADOR

**Oswaldo Ciasulli (MTB. 32.517)**  
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

**Diogo Ciasulli**  
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA

**Jaqueline Ridolfi**  
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO

**Giovana de Paula**  
(MTb 39.817)  
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER

**Kevin Nascimento**  
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

**Daniel Guedes**  
(MTb 33.657)  
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE ADMINISTRATIVO  
E RELACIONAMENTO COM CLIENTE

**Bianca Fagundes**  
bianca@dc7comunica.com.br

MARKETING

**Raiane Modesto**  
raiane@dc7comunica.com.br

EXECUTIVO DE NEGÓCIOS

**Brenno Fressatto**  
brenno@dc7comunica.com.br

ADM/TRAFEGO

**Carolina Bagini**  
carolina@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, ABPA, ACNB, APCs, Altemir Gregolin,  
Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, José Luiz Tejon,  
Larissa Spricigo, Mayra Theis,  
Reginaldo Ferreira Rocha

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br  
**Revista on-line gratuita:**  
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



# NUTRIÇÃO COMO ESTRATÉGIA

A nutrição deixou de ser coadjuvante. Hoje, ela define o resultado. Em um cenário de custos voláteis, maior exigência por eficiência e pressão crescente por sustentabilidade, formular dietas já não é apenas uma questão técnica é uma decisão estratégica. Cada escolha nutricional impacta diretamente desempenho, custo, sanidade e, cada vez mais, a pegada ambiental da produção.

Essa mudança reflete a evolução do próprio setor. Se antes o foco estava em produzir mais, agora está em produzir melhor, com precisão e capacidade de adaptação. E é nesse ponto que a nutrição assume protagonismo: como ferramenta para extrair mais valor de cada insumo, reduzir perdas e equilibrar produtividade com responsabilidade.

A combinação entre ciência, tecnologia e uma visão mais integrada da produção tem acelerado esse processo. Aditivos funcionais, nutrição de precisão e melhor aproveitamento de ingredientes mostram que eficiência e sustentabilidade caminham, definitivamente, juntas.

Esta edição da Feed&Food destaca justamente esse avanço. Ao abordar os principais movimentos da nutrição na produção de proteína animal, reforça um ponto central: os resultados já não dependem apenas do que se produz, mas de como se produz e de como se decide.

Esse tema se conecta diretamente com uma das agendas mais relevantes do setor. Produzir com menor impacto e maior eficiência deixou de ser diferencial e passou a ser condição. E isso exige troca de conhecimento, visão de longo prazo e capacidade de execução.

O Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade nasce com esse propósito: ampliar o debate e aproximar soluções que integrem desempenho e responsabilidade. O Troféu Curuca, por sua vez, reconhece quem já transforma esse equilíbrio em prática.

Mais do que suporte, a nutrição se consolida como estratégia.

E será cada vez mais decisiva para o futuro da produção animal.

Boa leitura!

**Diogo Ciasulli**  
CEO



# SUMÁRIO



# 20

## CAPA

PRINCIPAIS AVANÇOS  
NUTRICIONAIS NO  
SISTEMA DE PRODUÇÃO  
DE PROTEÍNA ANIMAL

## SOLUÇÕES PWC

**06** A tecnologia de nutrição animal e seu impacto no mercado global de proteína

## QUALIFICANDO

**08** No meio da cadeia (produtiva) e no meio da crise (geopolítica)

## PLASSON

**10** Impactos da climatização na suinocultura

## ABIQUIFI

**16** Convergência entre Biotecnologia, Biossegurança e One Health no Brasil

## COBB

**18** Compartimento nº 001 da indústria avícola mundial da Cobb-Vantress, completa 10 anos

## MESA

**27** Eficiência, inclusão e transparência para atender ao novo consumidor global

## COBERTURA PHIBRO

**28** Phibro Master Science propõe integração entre ciência, inovação e estratégias para elevar resultados da cadeia avícola

## AVES

**30** Biossegurança em matrizeiros: uma questão de prevenção e estratégia essencial para a continuidade e o crescimento da avicultura de corte

## ABPA

**33** Estão abertas as inscrições para programação de palestras do SIAVS 2026

## AVES

**34** Egg Quality reúne os principais pontos que garantem o sucesso de produtores de poedeiras comerciais e reprodutoras leves ou pesadas

## FS FUELING SUSTAINABILITY

**36** Do milho à nutrição animal, energia que nutre a produção animal

# 12

## ENTREVISTA

“A SAÚDE ANIMAL É UM ELO FUNDAMENTAL PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SEGUROS”, APONTA EMÍLIO SALANI

# 40

## COBERTURA

SIMPÓSIO BRASIL SUL DE AVICULTURA REFORÇA A INTEGRAÇÃO ENTRE CIÊNCIA, INDÚSTRIA E CAMPO

## AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

**38** Quando o cooperativismo transforma territórios

## COBERTURA

**42** agCare, nova divisão da Agrocereceres Multimix, cria conceito nutricional no sistema de produção de proteína animal

## APCS

**44** APCS chega aos 59 anos entregando resultados

## BOVINOS

**46** Detalhes fazem a diferença no semi-confinamento

## SBZ

**48** Oportunidade no cocho: estratégias para decidir pelo uso de alimentos alternativos

## LEITE

**50** Estudo aponta que leite brasileiro emite menos da metade do carbono da média mundial

## ACNB

**52** ACNB anuncia calendário do Circuito Nelore de Qualidade 2026 com 38 etapas

## LOGÍSTICA

**54** Custos logísticos atingem 15,5% do PIB em 2025 e acendem alerta para competitividade do País

## REGINALDO

**55** Ações que potencializam cada vez mais resultados na pecuária

## ABIEC

**56** Brasil amplia presença internacional no agro e reforça papel na segurança alimentar

## ASBRAM

**58** Scot Consultora reforça o papel da informação de qualidade na tomada de decisões durante reunião da ASBRAM

## PEIXE BR

**59** Importações de tilápia superam exportações brasileiras pela primeira vez e acendem alerta no setor

## PEIXE

**60** Aquicultura paulista ganha força e tilápia passa a integrar o Valor da Produção Agropecuária

## ABCC

**62** Panorama da Carcinicultura Paraibana no Ano de 2025

## SUSTENTABILIDADE

**64** ESG: Plataformas integradas surgem como resposta à necessidade de governança mais robusta nas organizações

## TEJON

**66** Jovens produtores incluem biogás na gestão do setor



Mayra Theis e Fabio Pereira

## A TECNOLOGIA DE NUTRIÇÃO ANIMAL E SEU IMPACTO NO MERCADO GLOBAL DE PROTEÍNA

Nos últimos anos o crescimento do consumo global de proteína animal esteve diretamente associado à expansão da demanda por grãos, principalmente soja no contexto chinês. Como maior importador mundial do grão, a China consolidou uma lógica relativamente linear: o aumento da produção de carnes, em particular suína e de aves, implicava necessariamente maior volume de soja importada — com destaque para a soja de origem brasileira. Essa relação estruturou parte relevante da dinâmica do comércio agrícola internacional.

No entanto, avanços recentes nas tecnologias de nutrição animal vêm alterando de forma estrutural essa equação, introduzindo novos vetores de eficiência produtiva e redefinindo o papel da soja na cadeia global de proteínas.

O principal eixo dessa mudança ocorre no nível da formulação das rações. A China tem implementado uma estratégia deliberada de redução da dependência do farelo de soja nas dietas de suínos e aves, substituindo parcialmente a proteína vegetal por aminoácidos sintéticos e promovendo melhorias contínuas na eficiência zootécnica dos sistemas produtivos.

Esse ajuste não se reflete em redução do consumo final de proteína animal, mas sim na forma como essa proteína é produzida, com maior precisão nutricional, melhor aproveitamento dos insumos e menor uso relativo de grãos por unidade de carne produzida. Esse movimento é sustentado por investimentos crescentes em pesquisa e desenvolvimento conduzidos por universidades e centros de inovação chineses, com foco em proteínas alternativas, nutrição de precisão e eficiência alimentar. Atualmente, a maior parte da soja consumida na China é importada, o que equivale ao uso indireto de milhões de hectares agrícolas fora de seu território.

A meta estratégica do país é reduzir essa dependência ao longo da próxima década. Na prática, isso pode resultar na eliminação da necessidade de parte desses “hectares equivalentes” utilizados para a produção de soja destinada à exportação, com implicações diretas para os fluxos globais de comércio agrícola.

A reconfiguração do uso da soja na nutrição animal pode ser compreendida a partir de alguns pilares: redução direta da inclusão de farelo de soja nas dietas, por meio de formulações mais eficientes e balanceadas; substituição parcial por aminoácidos

sintéticos, segmento no qual a China possui liderança global em escala, tecnologia e custo; melhoria consistente da conversão alimentar, permitindo a produção de maiores volumes de carne com menor consumo total de grãos. A combinação desses fatores reduz o uso total de soja por quilo de proteína animal produzida, sem comprometer desempenho produtivo ou qualidade do produto final.

Esse processo tende a se intensificar nos próximos anos, à medida que ajustes técnicos na nutrição animal e ganhos de eficiência produtiva se consolidam. Como resultado, pode haver uma redução estrutural da demanda potencial chinesa por soja — atualmente o principal mercado de exportação do Brasil. Importante destacar que essa dinâmica não elimina a importação de soja pela China, mas altera o seu grau de dependência e previsibilidade, tornando o insumo menos crítico e mais gerenciável dentro da estratégia alimentar do país.

Para o Brasil, esse movimento não deve ser interpretado exclusivamente como perda de mercado, mas como uma mudança na natureza da interdependência comercial com a China, que tem como meta, reduzir essa dependência na sua matriz de suprimento.

Essa transição pode abrir oportunidades no uso mais estratégico da terra, diversificação de mercados e processamento da soja, incluindo biocombustíveis, bem como agregação de valor por meio do fortalecimento da competitividade da proteína animal produzida localmente, com maior foco na exportação de carnes em vez de grãos e farelo. Por outro lado, a diversificação para outras culturas pode representar desafios adicionais, dependendo das condições de mercado e competitividade relativa.

Os avanços nas tecnologias de nutrição animal e no desenvolvimento de fontes alternativas de proteína não ocorrem em um vácuo técnico. Esse processo é influenciado por fatores geopolíticos, uma vez que se materializa principalmente pelo lado da demanda chinesa, cuja escala e relevância moldam a dinâmica do mercado global.

Diante desse cenário, o Brasil precisa monitorar continuamente essas transformações, compreender as novas lógicas de eficiência produtiva e demanda internacional, e ajustar sua estratégia de forma planejada, estruturada e orientada ao longo prazo. A China continuará comprando soja, mas não manterá o mesmo grau de dependência — e essa mudança redefine a relação comercial entre os dois países. ■



### Mayra Theis

Sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness

### Fabio Pereira

Diretor da PwC Brasil e Agtech Innovation

# Mais desempenho começa na saúde intestinal

 **Xtract**® 6930 Aves

Tecnologia fitogênica microencapsulada que promove integridade intestinal e otimiza índices produtivos em frangos de corte.



## **Melhor ganho de peso e conversão alimentar**

Maior aproveitamento de nutrientes e eficiência produtiva.



## **Economia de energia metabólica**

Melhor aproveitamento da energia.



## **Microencapsulamento com alta estabilidade**

Proteção dos ativos e resposta consistente, inclusive em rações peletizadas.



## **Resultados comprovados em campo**

Desempenho consistente em diferentes níveis de desafio sanitário.

**Eleve a performance do seu plantel com  
tecnologia validada e segurança técnica.**

Fale com a equipe ADM e conheça a aplicação ideal para o seu sistema produtivo.



[admnutricaoanimal.com.br](http://admnutricaoanimal.com.br)

[contato.br@adm.com](mailto:contato.br@adm.com)

[@admpremixeaditivos](https://www.instagram.com/admpremixeaditivos)



## NO MEIO DA CADEIA (PRODUTIVA) E NO MEIO DA CRISE (GEOPOLÍTICA)

A escalada das tensões no Oriente Médio e as interrupções em rotas estratégicas como o Estreito de Ormuz (estabelece acesso entre o Golfo Pérsico e o Mar Árábico) e, potencialmente a via marítima “Bab el-Mandeb” (elo de ligação ao Mar Vermelho que facilita acesso ao Canal de Suez e conseqüentemente ao Mar Mediterrâneo), reacendem preocupações sobre a resiliência das cadeias globais de suprimento e ampliam o potencial de um choque simultâneo sobre custos, logística e oferta, já que através desses corredores transita parcela relevante do comércio mundial de petróleo, gás natural, fertilizantes e alimentos.

Em 2025, os embarques do agronegócio brasileiro para aquela região somaram US\$ 12,4 bilhões (29% de toda pauta exportadora de carne de frango e 6,5% de carne bovina, além de milho, açúcar, etc.), à exemplo do Irã, que respondeu por US\$ 2,9 bilhões e absorveu cerca de 22% das vendas de milho, evidenciando a dependência de fluxos específicos e a vulnerabilidade a eventuais disrupções logísticas prolongadas. Por sua vez, as importações, expõem nossa extrema dependência externa por fertilizantes (16% dos nitrogenados têm origem no Oriente Médio), já que a restrição ao tráfego marítimo na região tem comprometido sobremaneira o abastecimento global e inflacionado os preços que influenciam diretamente os custos da produção agrícola.

Os efeitos para o Brasil tendem a se concentrar na dependência por insumos importados e pela exposição comercial ao mercado com implicações (in)diretas para a indústria de alimentação animal, elo intermediário da cadeia agroindustrial e responsável por gerar proteína animal através do milho e farelo de soja, cereal e derivado de oleaginosa, cujas produtividades dependem dos nitrogenados (principalmente ureia oriunda do Irã para vindoura safrinha de milho), fosfatados e potássicos.

A pressão, inclusive, pode acentuar-se pela dinâmica dos preços de energia, já que o cenário de instabilidade no Golfo alavanca o preço do petróleo e influencia diretamente o mercado do-

méstico por conta do diesel utilizado no plantio, colheita e transporte, além do impacto estrutural resultante do oneroso modal brasileiro de frete rodoviário, responsável pela compressão das margens e redução da competitividade externa.

O custo mais elevado da produção agrícola impulsiona os preços do milho, soja e farelo que afetam imediatamente a indústria de alimentação animal, cuja escala depende do desempenho das exportações da proteína animal (principalmente frango e carne bovina) destinadas ao Oriente Médio e qualquer interrupção ou encarecimento das rotas comerciais tende invariavelmente afetar o ritmo de produção das indústrias frigoríficas e, por consequência, a demanda por alimentação animal.

Em resumo, os custos em alta impulsionados por fertilizantes e energia, e a incerteza quanto à demanda condicionada pela fluidez logística e pelo comportamento dos mercados importadores, configura grande ameaça porque a combinação desses fatores tem grande potencial de impactar a competitividade do agronegócio brasileiro no curto prazo, muito embora, a intensidade dependerá, em grande medida, dos desdobramentos geopolíticos e manutenção do fluxo de cargas nos principais corredores marítimos.

A invejável integração do agronegócio brasileiro às cadeias globais assegura excelente retorno durante os ciclos de estabilidade, no entanto, tamanha exposição em ambiente internacional, cada vez mais volátil e fragmentado, estabelece riscos imprevisíveis, cuja adaptação vai requerer diversificação dos fornecedores de insumos, do fortalecimento da produção doméstica de fertilizantes e da ampliação dos mercados consumidores estrangeiros.

A indústria de alimentação animal atua como ponte entre a produção agrícola e a pecuária, funcionando como intermediária dos fluxos produtivos, mas também como ponto de concentração das tensões e convergência dos efeitos da geopolítica, da inflação dos custos e da ciclotimia do mercado. Em resumo, a cautela se impõe. ■



**Ariovaldo Zani,**  
médico veterinário,  
CEO do Sindirações;  
Presidente da Câmara  
de Sustentabilidade e  
Bem Estar Animal/ABPA;  
Presidente do Conselho  
Consultivo de Insumos  
Agropecuários e Indústria  
Extrativa/SENAI SP;  
Membro da Comissão  
Estadual do Agronegócio  
do Conselho Regional  
de Medicina Veterinária/  
CRMV SP.



Compromisso e responsabilidade  
**NA PRODUÇÃO DE ADITIVOS  
SEGUROS E SUSTENTÁVEIS  
PARA OS ANIMAIS**



**activo** INOVAÇÕES EM EFICIÊNCIA ALIMENTAR

**mastersorb** INOVAÇÕES EM PROTEÇÃO CONTRA TOXINAS

**PROTE-N** INOVAÇÕES EM SUPLEMENTAÇÃO DE NNP

**Globigen** INOVAÇÕES EM NUTRIÇÃO DE LEITÕES E PET

**gamos** **Levuly** **Factor** **Brewmax** INGREDIENTES FUNCIONAIS



Empresa certificada  
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

[www.grasp.ind.br](http://www.grasp.ind.br) |     /grasp.ltda



# IMPACTOS DA CLIMATIZAÇÃO NA SUINOCULTURA

**P**ara entendermos sobre a climatização, primeiro precisamos falar sobre a ambiência. Ambiência é o conjunto de condições ambientais em que os suínos vivem. A qualidade do manejo ambiental pode afetar positivamente ou negativamente a produtividade da granja. Um bom ambiente para os suínos inclui:

- 1) Controle da zona de conforto térmico e acústico;
- 2) Respeitar os mecanismos fisiológicos e comportamentais dos suínos;
- 3) Manejar adequadamente todas as fases de produção;
- 4) Garantir uma boa qualidade do ar e ventilação: temperatura, umidade e volume de vento;

**POR QUE A CLIMATIZAÇÃO É IMPORTANTE?** A climatização de galpões para suínos em condições de verão é fundamental para garantir o bem-es-

tar dos animais e a produtividade nas criações. Com as temperaturas altas durante o verão, é essencial adotar estratégias que proporcionem conforto térmico aos animais. Além disso, a climatização adequada contribui para evitar o estresse térmico, que pode impactar negativamente a saúde e o desempenho dos animais. Em alguns modelos de climatização, também aproveitado para remover os gases que são produzidos internamente nos galpões, principalmente em períodos frios onde há necessidade de fechamento de cortinas e com isso aumenta a concentração dos gases.

Quando pensamos em climatização na suinocultura, estamos falando sobre a capacidade de manter o conforto térmico nos galpões seja através de aquecimento, resfriamento, ventilação. Alguns modelos de sistemas de ventilação utilizados são: ventilação natural e ventilação artificial (que pode

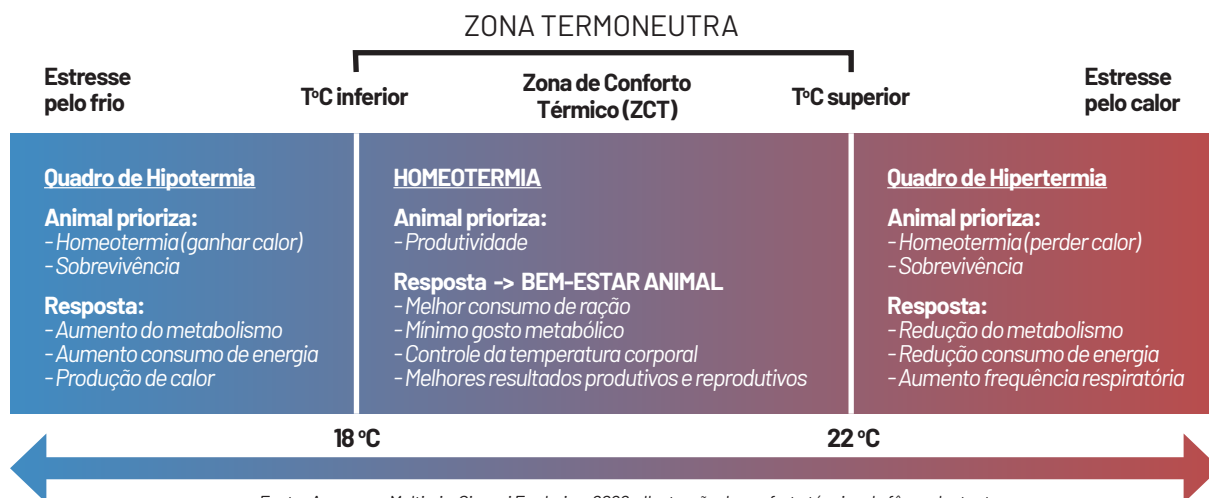
ser por pressão positiva ou negativa).

A ventilação natural como o próprio nome diz trata-se de um modelo natural, sem interferência de equipamentos para fluxo de ar internamente ao galpão, pode ser utilizado cortinas para controle de situações de frio, vento extremo e chuvas.

A ventilação artificial é um sistema que têm influências de equipamentos para forçar o fluxo de ar internamente aos galpões. Há duas formas:

- **Pressão positiva:** Pressão positiva é criado quando a pressão dentro de um espaço é maior do que a pressão externa. Portanto, é o sistema em que os ventiladores forçam (empurram) o ar externo para o interior da instalação, esses ventiladores podem ser posicionados de forma transversal ou longitudinal e podem ter auxílio de nebulizadores para garantir o resfriamento do galpão;

# ZONA TERMONEUTRA DA FÊMEA SUÍNA LACTANTE



• **Pressão negativa:** A pressão negativa é criada quando a pressão dentro de um espaço é menor do que a pressão do ambiente externo. É criado um vácuo interno para passagem do ar. O conceito é gerar uma depressão por meio de um extrator de ar, fazendo-o passar por um sistema de resfriamento evaporativo e assim extrair o calor no verão durante a renovação do ar ambiente e eliminando partículas e gases do seu interior. Galpões com pressões negativas para criação de animais confinados no verão são uma estratégia eficaz para melhorar o conforto térmico dos animais e, consequentemente, aumentar a produtividade.

Nesse texto, iremos dar ênfase ao sistema de ventilação de pressão negativa, que é uma tecnologia que vem sendo muito fomentada no campo com ótimos resultados e com retorno de investimento de curto a médio prazo. Mas, será que existe apenas um projeto para todas as fases? Será que sempre precisaremos da mesma quantidade de equipamentos? Qual seria a solução ideal para quantidade de equipamentos a utilizar?

Para responder a esses questionamentos, primeiramente é necessário saber que para cada fase do animal existe uma necessidade diferente de conforto térmico e consequentemente projetos diferentes para se-

rem aplicados. Porém, não é somente a variável do tamanho do animal que precisa ser levado em conta no momento da execução de um projeto, é necessário considerar o tamanho do galpão, a densidade dos animais e as condições climáticas locais. Essa abordagem integra o cuidado com a saúde e o bem-estar animal à produtividade, criando um ambiente sustentável e eficiente para a criação.

O maior desafio do sistema está exatamente no local onde também se pode tirar o melhor resultado, na fase de maternidade. Há um grande desafio nessa fase pois necessita proporcionar conforto térmico para a matriz e para o leitão que têm necessidades térmicas completamente diferentes. Usando um exemplo, uma matriz está confortável em um ambiente de 20°C, porém o leitão em suas primeiras semanas de vida necessita de temperaturas mais altas, por exemplo aproximadamente entre 30 e 32°C. Por esse motivo, os projetos precisam ser realizados por especialistas que vão instruir como proporcionar ambiente agradável em cada fase do animal. Na maternidade, é importante que a fêmea se alimente bem para poder produzir quantidade ideal de leite e dessa forma conseguir desmamar leitões com pesos maiores do que em situações de calor, proporcionando o ganho produtivo esperado ao produtor. A fêmea não perde tanto peso e volta

com mais estrutura para a fase de gestação, onde também é importante que esteja com ambiente térmico confortável para que não perca o seu desempenho e ainda assim melhore a qualidade gestacional, diminuindo o percentual de retorno de cio e aumentando a quantidade de animais nascidos vivos.

Para cada etapa de produção é importante destacar que é necessário utilizar temperaturas, umidade e velocidade de vento diferentes bem como as adaptações civis necessárias para o funcionamento adequado do sistema. Lembrando que o que importa é garantir sensação térmica (relação entre velocidade do ar, umidade e temperatura) ideal ao animal. Portanto, é imprescindível que procure um especialista para elaboração do projeto ideal.

Na fase de creche, além de proporcionar conforto térmico é importante destacar que o sistema garante a extração dos gases produzidos, algo que é uma dificuldade quando tem ventilação natural e o clima frio.

Mas e na terminação? Gostaria de deixar esse questionamento, o que o sistema pode oferecer de melhoria nessa fase tão importante do animal? ■

**Diego Palombo**, Engenheiro Mecânico/MBA em gestão de projetos e negócios e Gerente Comercial Suinocultura Plasson do Brasil

# “A SAÚDE ANIMAL É UM ELO FUNDAMENTAL PARA A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SEGUROS”, APONTA EMÍLIO SALANI

**O VICE-PRESIDENTE DO SINDAN** DESTACOU QUE A QUALIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO SETOR ESTÁ DIRETAMENTE LIGADO À EVOLUÇÃO DOS PRODUTORES DE CARNE, LEITE E OVOS, QUE DEPENDEM DE ELEVADOS PADRÕES SANITÁRIOS PARA GARANTIR PRODUTIVIDADE, COMPETITIVIDADE E ACESSO A MERCADOS

**GIOVANA DE PAULA**

giovana@dc7comunica.com.br

Os últimos anos trouxeram profundas transformações para o setor de saúde animal. Após um período de ajustes em um cenário pós-crise, o setor avançou significativamente para fortalecer e ampliar o papel estratégico desse mercado. Temas como prevenção, bem-estar animal e saúde única ganharam ainda mais relevância, consolidando a importância do setor não apenas para a pecuária e a segurança alimentar global, mas também para o crescente mercado pet, que desempenha um papel essencial na vida das famílias brasileiras.

Quem explica esta questão é Emílio Salani, vice-presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal, o Sindan. Segundo ele, o Brasil, com sua expressiva população de animais de companhia, reflete um movimento global de maior conscientização sobre a humanização, a saúde e o bem-estar dos pets. “Esse cenário exige que o

setor se mantenha em constante evolução, oferecendo soluções inovadoras, promovendo práticas sustentáveis e garantindo a qualidade e a rastreabilidade dos produtos”, aponta.

Fundado em 1966, o Sindan congrega 80 empresas responsáveis por cerca de 90% do mercado brasileiro de medicamentos veterinários.

Entre as suas atribuições, estão a representação legal das indústrias de saúde animal perante os órgãos oficiais, a produção de estudos, coordenação de campanhas sanitárias e educativas, além da comunicação e defesa da reputação do setor.

Para atender a essas novas demandas, o Sindan está expandindo sua atuação e reforçando sua estrutura organizacional. Criamos comissões estratégicas voltadas ao fortalecimento do setor, à interlocução com órgãos reguladores e à aproximação com a sociedade e o mercado. Entre as novas frentes de trabalho a entidade aponta a saúde e bem-estar animal, com incentivo à adoção de práticas



**Emílio Salani**, vice-presidente do Sindan: “O Brasil ocupa posição de destaque global, consolidando-se como o maior produtor e exportador de carne bovina do mundo e já é uma potência nas cadeias de aves e suínos. Esse protagonismo deve se manter nos próximos anos”.

preventivas para a melhoria da qualidade de vida dos animais, tanto de produção quanto de companhia, sustentabilidade e rastreabilidade, com atuação alinhada às novas exigências globais sobre transparência na origem dos insumos e compromisso com práticas sustentáveis e apoio à inovação e pesquisa, com estímulo ao desenvolvimento de novas tecnologias para melhorar a saúde animal e fortalecer a indústria veterinária no Brasil.

Segundo Salani, o Sindan tem desempenhado um papel ativo na educação e conscientização de produtores rurais, tutores de pets e demais elos da cadeia produtiva. “Somente no último ano, foram publicadas mais de 120 reportagens abordando temas essenciais para o setor, além de centenas de conteúdos informativos nas redes sociais da entidade”, afirma. “Além disso, seguimos fortalecendo nosso relacionamento com órgãos reguladores e stakeholders para garantir um ambiente de negócios cada vez mais transparente e harmonioso. Em 2025, trabalharemos para estreitar ainda mais essas relações, promovendo o desenvolvimento sustentável do setor e consolidando o Brasil como referência mundial em saúde animal.

Juntos, seguimos inovando, evoluindo e garantindo um futuro mais saudável para nossos animais e para toda a sociedade”, afirma Salani.

Acompanhe na sequência a entrevista exclusiva de Emílio Salani, vice-presidente do Sindan, à **Feed & Food**.

**Como você avalia o momento atual da indústria de saúde animal no Brasil e quais são os principais motores de crescimento para o setor nos próximos anos?** Apesar das incertezas na economia, a indústria de saúde animal vive um momento de expansão consistente, com um crescimento médio em torno de 10% ao ano na última década, impulsionado principalmente pelo desempenho da cadeia de proteínas animais. A saúde animal é um elo fundamental para a produção de alimentos seguros e de qualidade e o desenvolvimento do setor está diretamente ligado à evolução dos produtores de carne, leite e ovos, ►

que dependem de elevados padrões sanitários para garantir produtividade, competitividade e acesso a mercados. Nesse contexto, o Brasil ocupa posição de destaque global. O país consolidou-se como o maior produtor e exportador de carne bovina do mundo e já é uma potência nas cadeias de aves e suínos. Esse protagonismo deve se manter nos próximos anos, o que cria um ambiente estruturalmente favorável para a indústria de saúde animal. Além disso, a necessidade de aumentar a produtividade de forma sustentável — com foco na redução de emissões, na otimização do uso da terra e no atendimento a critérios ambientais —, somada à crescente preocupação com o bem-estar animal, reforça a demanda por soluções inovadoras em saúde animal. Em síntese, o crescimento do setor nos próximos anos será sustentado por um tripé claro: aumento da produtividade, fortalecimento do conceito de saúde única e avanço das práticas de bem-estar animal.

**O Brasil está acompanhando o ritmo global de inovação em saúde animal? Quais avanços regulatórios mais impactaram positivamente o setor recentemente?** O Brasil reúne características únicas que o colocam como um verdadeiro celeiro de oportunidades para o desenvolvimento de novas soluções na área de saúde animal. A expressiva população animal, a diversidade de espécies de produção e a ampla variedade de climas e sistemas produtivos criam um ambiente altamente favorável à inovação. Para que esse potencial se traduza em resultados concretos, é fundamental que as soluções estejam alinhadas às demandas reais dos produtores. Nesse sentido, as indústrias de saúde animal têm ampliado de forma consistente os investimentos em inovação, com foco no desenvolvimento de produtos cada vez mais eficientes, capazes de elevar a produtividade no campo. Apesar desses avanços, o setor ainda enfrenta a necessidade de uma atualização do arcabouço regulatório, de modo a acompanhar a velocidade das inovações tecnológicas. Há um consenso sobre a importância de regras mais modernas, compatíveis com a evolução científica e com as melhores práticas internacionais.

Atualmente, novas normativas estão em discussão e a expectativa é de que, em breve, seja publicado um novo decreto que modernize as regras do setor. Essa atualização regulatória deve trazer mais previsibilidade e segurança jurídica, beneficiando tanto a indústria quanto os produtores e, em última instância, os consumidores.

**Que mudanças regulatórias ainda são necessárias para tornar o ambiente de negócios mais ágil e competitivo?** Na nossa visão, é preciso avançar nos processos de regulamentação voltados à pesquisa e ao desenvolvimento de produtos para a saúde animal. Um dos principais pontos é a modernização das regras para a obtenção de licenças, com processos mais eficientes, previsíveis e alinhados à realidade tecnológica do setor. A simplificação e a atualização desses procedimentos são fundamentais para

“AS INDÚSTRIAS DE SAÚDE ANIMAL TÊM AMPLIADO DE FORMA CONSISTENTE OS INVESTIMENTOS EM INOVAÇÃO, COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS CADA VEZ MAIS EFICIENTES, CAPAZES DE ELEVAR A PRODUTIVIDADE NO CAMPO”

reduzir prazos, estimular investimentos em inovação e permitir que novas soluções cheguem mais rapidamente ao mercado. Esse aperfeiçoamento regulatório é um dos pilares para manter o portfólio de produtos atualizado e em sintonia com os padrões e exigências do mercado internacional.

**Como o Sindan tem dialogado com o MAPA e demais órgãos reguladores para reduzir burocracias e acelerar registros e quais são hoje as frentes de inovação mais promissoras na área de saúde animal?** O Sindan mantém um diálogo permanente com o MAPA, sustentado por uma relação de confiança, transparência e debates de caráter técnico, o que garante a participação ativa da entidade nas discussões sobre a modernização do marco regulatório do setor.

Como resultado desse processo, o Sindan tem contribuído para a construção de novas regulamentações e para a revisão das normas vigentes. Com a iminente publicação de um novo decreto, será necessária a atualização de todo o arcabouço de atos normativos, com o objetivo de dar mais clareza às regras, maior especificidade aos requisitos técnicos e mais segurança e previsibilidade para o setor. A proposta é que essas normas estejam alinhadas à realidade brasileira, refletindo um agronegócio moderno, competitivo e reconhecido globalmente pela qualidade e pela segurança de seus produtos. No campo da inovação, algumas frentes se destacam como particularmente promissoras. Entre elas estão as soluções com maior polivalência na prevenção de doenças, capazes de ampliar a proteção dos animais com o mesmo número de doses; os avanços em reprodução animal, fundamentais para ganhos de eficiência produtiva; e o desenvolvimento de produtos que favoreçam o pleno crescimento e desenvolvimento dos animais, contribuindo para sistemas produtivos mais sustentáveis e eficientes.

**O Brasil tem condições de se tornar um polo de pesquisa e desenvolvimento em vacinas e fármacos veterinários?** Com certeza. Para que isso se concretize, no entanto, é fundamental contar com um regimento regulatório atualizado, instituições científicas sólidas e bem estruturadas e incentivos claros por parte dos órgãos reguladores. O país já dispõe de uma base relevante de centros de pesquisa, universidades e profissionais qualificados, o que cria um ambiente favorável à inovação. O fortalecimento de parcerias entre a indústria, instituições de pesquisa e universidades é um fator decisivo para ampliar a capacidade de desenvolvimento tecnológico e acelerar a geração de soluções alinhadas às necessidades do campo. A consolidação desse ecossistema de inovação não apenas impulsionaria o desenvolvimento da indústria de saúde animal, como também ampliaria o protagonismo do Brasil no cenário global, reforçando sua posição como referência em ciência, tecnologia e produção agropecuária. ■

# O futuro do campo cresce com a gente

---

O campo ensina: crescer é um **processo contínuo**.

A confiança nasce com o **tempo**, na **presença** e no **trabalho** que constrói **legado**.

Há **50 anos**, a **Agroceres Multimix** caminha ao lado do produtor, unindo experiência, ciência e tecnologia para ajudar **o futuro do campo a crescer**.

agroceres  
MULTIMIX

50  
ANOS



# A CONVERGÊNCIA ENTRE BIOTECNOLOGIA, BIOSSEGURANÇA E ONE HEALTH NO BRASIL

POR HELENA FACCIOLI

One Health é uma abordagem colaborativa e multissetorial que reconhece a interconexão entre a saúde humana, animal e ambiental. No Brasil, essa interdependência é especialmente visível na produção animal, com a intensificação dos sistemas produtivos, a circulação de pessoas e insumos, a proximidade entre rebanhos e fauna silvestre e as transformações no uso do solo, que criam um cenário em que riscos sanitários podem surgir e se espalhar rapidamente. Por isso, aplicar o conceito de 'One Health' de forma prática não é apenas uma pauta de saúde pública, mas também um requisito para a segurança alimentar, a sustentabilidade e a competitividade do país no comércio internacional.

Nesse contexto, a convergência entre Biotecnologia e Biossegurança oferece um caminho concreto para transformar o conceito de 'One Health' em capacidade operacional: prevenir, detectar precocemente e

responder com rapidez a ameaças sanitárias que afetam rebanhos, trabalhadores, consumidores e o ambiente. Em um país com dimensões continentais, grande diversidade de biomas e liderança global em produção de proteína animal, essa integração é estratégica para proteger cadeias produtivas e reduzir perdas econômicas, barreiras comerciais e impactos ambientais.

A Biotecnologia aplicada à produção animal já não se limita à "inovação de laboratório". Ela vem se consolidando como um conjunto de ferramentas que melhora a tomada de decisão sanitária no campo e na indústria. Como exemplo, tecnologias de diagnóstico molecular, como PCR em tempo real e painéis multiplex, permitem identificar patógenos com maior velocidade e precisão, apoiando ações de contenção antes que ocorram disseminações amplas. O sequenciamento de nova geração (NGS) e a genômica aplicada reforçam a vigilância ao permitir tipagem e rastrea-

mento de agentes, contribuindo para a investigação epidemiológica e para o desenho de estratégias mais eficazes de controle. Além disso, vacinas de nova geração (como subunidades e plataformas recombinantes) tendem a ampliar a segurança e a previsibilidade, com potencial de reduzir o risco sanitário e o uso de antimicrobianos em determinadas situações.

Na prática, o ganho mais relevante para animais de produção é a capacidade de conectar "o que está acontecendo" (vigilância e diagnóstico) com "o que deve ser feito" (medidas de biossegurança e manejo). Isso inclui melhorar protocolos de vacinação e monitoramento, orientar medidas de isolamento e quarentena, otimizar o controle de trânsito e apoiar decisões em pontos críticos da cadeia, como granjas, fazendas, transporte, abate e processamento. Em sistemas intensivos, em que a velocidade de disseminação pode ser alta, o tempo entre a suspeita e a con-

firmação diagnóstica é um fator determinante para reduzir perdas.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que Biossegurança em produção animal precisa ser entendida em dois níveis complementares. O primeiro se refere à política e sistema: governança, vigilância, laboratórios, integração de dados e capacidade de resposta. O segundo é a Biossegurança no nível da propriedade e da cadeia, a destacar o controle de acesso, fluxo de pessoas e veículos, quarentena de animais, manejo de dejetos, qualidade de água e ração, controle de vetores e de fauna sinantrópica, desinfecção e treinamentos. A contribuição da Biotecnologia é fortalecer esses dois níveis, oferecendo métodos para detectar riscos mais cedo, monitorar melhor a efetividade de medidas e orientar ações com base em evidências.

Nesse ponto, 'One Health' ganha um sentido muito concreto para a produção animal. Surtos e emergências sanitárias não afetam apenas os animais, uma vez que podem impactar trabalhadores expostos, comunidades no entorno, consumidores e ecossistemas. Além disso, muitos fatores que aumentam o risco sanitário são compartilhados: mudanças climáticas (que alteram vetores e padrões de circulação), fragmentação de habitats, intensificação produtiva, logística de insumos e aumento da conectividade entre regiões. Por isso, a vigilância integrada, com dados de rebanhos, ambiente e saúde humana quando pertinente, tende a aumentar a sensibilidade do sistema e reduzir o tempo de resposta.

**EXEMPLOS ATUAIS.** Alguns exemplos ilustram bem a razão pelo qual este recorte é atual. A influenza aviária de alta patogenicidade reforça a necessidade de vigilância e preparação contínuas, com integração entre monitoramento de aves, biossegurança em granjas, fiscalização e comunicação de risco. A peste suína africana, mesmo na ausência de ocorrência local, é um caso típico de risco que exige prontidão, controle de fronteiras e planos de contingência que envolvem diferentes setores. Já enfermidades historicamente relevantes para a pecuária, como brucelose e tuberculose bovina, mostram como programas sa-

nitários sustentados ao longo do tempo dependem de diagnóstico confiável, rastreabilidade, adesão do produtor e coordenação entre autoridades e cadeia produtiva. Em todos esses casos, a convergência entre Biotecnologia e Biossegurança aumenta a capacidade do país para proteger rebanhos, reduzir impactos econômicos e manter a confiança de mercados.

Outro tema que precisa estar no centro de um texto atual é a resistência antimicrobiana. Ela é um problema de 'One Health' por definição, pois envolve o uso de antimicrobianos em humanos e animais, a circulação de microrganismos e genes de resistência e a presença de resíduos e bactérias no ambiente. Na produção, o avanço passa por um conjunto de medidas, incluindo o uso prudente e guiado por diagnóstico quando aplicável, melhoria de biossegu-

## SURTOS E EMERGÊNCIAS SANITÁRIAS NÃO AFETAM APENAS OS ANIMAIS, UMA VEZ QUE PODEM IMPACTAR TRABALHADORES EXPOSTOS, COMUNIDADES NO ENTORNO, CONSUMIDORES E ECOSSISTEMAS

ridade e bem-estar (reduzindo pressão de doença), vacinação mais efetiva, alternativas como probióticos e imunomoduladores e monitoramento de indicadores sanitários. A Biotecnologia pode contribuir tanto na prevenção quanto na vigilância, com testes mais rápidos, rastreamento genômico e ferramentas que orientem intervenções mais precisas.

**DESAFIOS E OPORTUNIDADES.** Apesar do potencial, a implementação consistente dessas soluções enfrenta desafios relevantes no Brasil. Um deles é a desigualdade regional na infraestrutura e na capacitação técnica para diagnóstico e vigilância, especialmente em áreas rurais mais remotas. Outro é a necessidade de integração de dados e rotinas entre instituições e se-

tores, saúde animal, humana e meio ambiente; e cadeia produtiva, para que o 'One Health' funcione como prática - e não apenas como conceito. Há também desafios regulatórios e de aceitação, como por exemplo, as novas Biotecnologias, especialmente as que envolvem modificação genética ou abordagens emergentes, exigem normativas claras, harmonização com padrões internacionais e comunicação científica transparente, principalmente quando o tema tem impacto direto em alimentos e exportações.

Nesse cenário, um caminho promissor é fortalecer arranjos cooperativos que conectem pesquisa, setor produtivo e governo, com metas objetivas e indicadores de impacto. Para que a convergência entre Biotecnologia, Biossegurança e 'One Health' gere resultados em animais de produção, é importante priorizar projetos que entreguem ganhos claros: ampliação da capacidade diagnóstica e de vigilância, redução do tempo de resposta a suspeitas, melhoria da biossegurança em sistemas intensivos, estratégias mais eficazes de prevenção e redução do uso de antimicrobianos sem comprometer produtividade e bem-estar. Portanto, com coordenação e investimentos direcionados, o Brasil tem condições de avançar como referência em soluções 'One Health' aplicadas à produção animal, transformando seu peso agropecuário em vantagem também em inovação e segurança sanitária.

Em conclusão, 'One Health' é uma lente indispensável para o Brasil por reunir, em uma mesma estratégia, saúde, produção, ambiente e economia. Quando Biotecnologia e Biossegurança trabalham juntas, a abordagem deixa de ser apenas um princípio e se torna capacidade real de proteção de rebanhos, cadeias produtivas e população. Para um país que é potência em proteína animal e detém grande biodiversidade, o ganho potencial é duplo e passa pelo fortalecimento da segurança alimentar e pela consolidação da competitividade, com soluções sustentáveis e alinhadas aos melhores padrões globais. ■

*Helena Faccioli é gerente de Inovação Radical em Saúde Animal da Associação Brasileira de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi)*

# COMPARTIMENTO Nº 001 DA INDÚSTRIA AVÍCOLA MUNDIAL, DA COBB-VANTRESS, COMPLETA 10 ANOS

*CERTIFICAÇÃO CONCEDIDA PELO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA (MAPA) E RECONHECIDA PELA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE ANIMAL GARANTE CONTINUIDADE DAS OPERAÇÕES MESMO EM CENÁRIOS DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA NO PAÍS*

A Cobb-Vantress, empresa de genética avícola mais antiga em operação no mundo, celebra em 2026 os 10 anos da conquista da primeira certificação de Compartimento de Reprodução Livre de Influenza Aviária e Doença de Newcastle do País, o compartimento nº 001 da indústria genética avícola mundial. A certificação foi concedida em maio de 2016 pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), em parceria com Organização Mundial de Saúde Animal (WOAH, antiga OIE), e consolidou a companhia como referência internacional em biossegurança na produção avícola.

A habilitação permite que a empresa mantenha seu fluxo de produção, vendas e exportações mesmo em cenários de confirmação de enfermidades sanitárias no país, como Doença de Newcastle ou Influenza Aviária.

Uma década após receber o selo, a companhia afirma que os protocolos exigidos para a compartimentação contribuíram para fortalecer ainda mais a segurança sanitária das operações e aumentar a confiança dos mercados internacionais no material genético produzido no Brasil. “O primeiro benefício envolve toda a cadeia avícola, pois conseguimos elevar ainda mais nosso nível de biossegurança, que já era extremamente rigoroso”, afirma Rafael Bampi, diretor-associado de Sanidade e Qualidade da Cobb Latam.

Desde a certificação, a companhia passa por auditorias bianuais realizadas pelo MAPA, que verificam o cumprimento rigoroso dos protocolos exigidos e garantem a renovação do selo. Durante o processo, são avaliados procedimentos internos, indicadores sanitários do



compartimento, programas de treinamento das equipes e demais requisitos previstos na legislação. “Também recebemos recomendações de aprimoramento à medida que o programa evolui, especialmente por estarmos entre as empresas que lideram a implementação desse modelo no Brasil”, explica Bampi.

Para os próximos anos, a expectativa é que o modelo se consolide ainda mais como referência de excelência produtiva no setor avícola global. “À medida que o modelo amadurece, tanto no Brasil quanto internacionalmente, demonstramos ao mercado que operar sob padrões ainda mais rigorosos de biossegurança traz benefícios concretos para toda a cadeia. Seguimos fortalecendo nossa posição como fornecedor global de material genético avícola, tendo o Brasil como um importante hub de produção e exportação”, avalia o executivo.

**ENTENDA O MODELO DE COMPARTIMENTAÇÃO NA AVICULTURA.** O conceito de compartimentação começou a ser discutido no início dos anos 2000 e ganhou relevância internacional em

2005, após surtos de Influenza Aviária de alta patogenicidade no sudeste asiático. O modelo foi desenvolvido para garantir a continuidade das operações de empresas do setor avícola mesmo em cenários de emergência sanitária.

A estratégia consiste em certificar sistemas produtivos que operam sob elevados níveis de biossegurança, com rígidos protocolos sanitários, monitoramento permanente dos plantéis, análises periódicas de risco e sistemas estruturados de rastreabilidade. No Brasil, o programa é conduzido pelo MAPA, em parceria com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Orientado pela Instrução Normativa nº 21, da Secretaria de Defesa Agropecuária, o sistema estabelece subpopulações de aves, chamadas compartimentos, que operam com elevado grau de isolamento sanitário. Cada compartimento é monitorado individualmente e passa por análises constantes de risco, além de contar com controle rigoroso da movimentação de pessoas, veículos, insumos e equipamentos. ■

# Excelência em Genética. Alimentando o Mundo.

O mundo está mudando rapidamente e nossa indústria está evoluindo com ele.

Na Cobb, o ritmo de crescimento é real, impulsionado por pessoas que acreditam no que é possível e trabalham todos os dias para concretizá-lo.

Seja em granjas, incubatórios, na pesquisa ou no serviço técnico, nossas equipes estão mais conectadas aos clientes do que nunca, transformando percepções em ações e inovação em resultados.

Com processos disciplinados e uma cultura focada em dados, estamos estabelecendo as bases para os próximos 100 anos de desempenho em genética avícola.

Nosso propósito é claro: capacitar produtores, fortalecer o desempenho e ajudar a alimentar um mundo em crescimento com confiança.







# PRINCIPAIS AVANÇOS NUTRICIONAIS NO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

**A COMBINAÇÃO DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL PERMITIU AUMENTAR SIGNIFICATIVAMENTE A EFICIÊNCIA PRODUTIVA E REDUZIR IMPACTOS AMBIENTAIS**

**GIOVANA DE PAULA**

[giovana@dc7comunica.com.br](mailto:giovana@dc7comunica.com.br)

**N**as últimas décadas, os sistemas de produção de proteína animal passaram por uma transformação profunda impulsionada por avanços científicos na nutrição, genética, manejo e tecnologia. A nutrição animal, em particular, tem desempenhado papel central no aumento da eficiência produtiva, na redução de custos e no fortalecimento da sustentabilidade ambiental da produção de carnes, leite e ovos. Esses avanços permitiram melhorar a conversão alimentar, reduzir perdas de nutrientes e diminuir o impacto ambiental da atividade pecuária.

Um dos principais avanços na nutrição animal foi o desenvolvimento de sistemas mais precisos de formulação de dietas. Antigamente, as die-

tas eram formuladas com base em nutrientes totais presentes nos ingredientes. Atualmente, a formulação passou a considerar nutrientes digestíveis ou metabolizáveis, como aminoácidos digestíveis em monogástricos e proteína metabolizável em ruminantes. Essa mudança permitiu ajustar com maior precisão as exigências nutricionais dos animais, evitando excessos ou deficiências nutricionais. Como consequência, houve melhoria no desempenho produtivo e redução da excreção de nutrientes no ambiente, especialmente nitrogênio e fósforo.

Outro avanço importante foi a evolução no conhecimento das exigências nutricionais específicas para cada fase de produção. Sistemas modernos de alimentação utilizam programas de nutrição faseada, nos quais as dietas são ajustadas conforme idade, peso ou estágio fisiológico do animal. Em aves e suínos, por exem- ►



plo, é comum utilizar diferentes rações ao longo do crescimento, permitindo melhor aproveitamento dos nutrientes. Esse modelo reduz desperdícios e aumenta a eficiência alimentar, pois cada fase recebe exatamente os nutrientes necessários.

O uso de aditivos nutricionais também representa um dos maiores avanços da nutrição animal moderna. Enzimas exógenas, probióticos, prebióticos, ácidos orgânicos, fitogênicos e adsorventes de micotoxinas são amplamente utilizados para melhorar a digestibilidade dos alimentos, a saúde intestinal e a segurança alimentar. Entre esses aditivos, as enzimas, como fitase e xilanase, destacam-se por aumentar a disponibilidade de nutrientes presentes nos ingredientes vegetais, permitindo reduzir a inclusão de minerais inorgânicos e diminuir a poluição ambiental causada pela excreção de fósforo.

A nutrição de precisão é outro avanço relevante que vem ganhando espaço nos sistemas de produção. Com o uso de sensores, softwares de formulação avançada e análise de dados, é possível ajustar as dietas de forma mais dinâmica e individualizada. Em sistemas de produção leiteira, por exemplo, tecnologias permitem monitorar consumo alimentar, produção de leite e condição corporal, permitindo ajustes rá-

pidos na dieta. Esse modelo aumenta a eficiência produtiva e melhora o bem-estar animal, além de contribuir para o uso mais racional dos recursos.

No caso dos ruminantes, os avanços no entendimento da microbiologia ruminal também tiveram grande impacto na nutrição. Estudos sobre a população microbiana do rúmen permitiram desenvolver estratégias nutricionais que favorecem a fermentação eficiente e reduzem distúrbios metabólicos. O uso de tamponantes, leveduras vivas e moduladores de fermentação tem contribuído para estabilizar o ambiente ruminal e melhorar a digestão da fibra. Além disso, novas estratégias de suplementação energética e proteica permitem aumentar a eficiência de produção de carne e leite.

Outro avanço significativo foi o desenvolvimento de tecnologias de processamento de alimentos para animais. Processos como extrusão, peletização, floculação e moagem controlada aumentam a digestibilidade dos ingredientes e melhoram o consumo voluntário. Em dietas para ruminantes, por exemplo, a floculação do milho aumenta a disponibilidade do amido no rúmen, melhorando a eficiência energética da dieta. Já em aves e suínos, a peletização reduz perdas de alimento e melhora o desempenho produtivo.

A sustentabilidade também passou

a ser um foco central da nutrição animal moderna. Pesquisas recentes têm buscado reduzir a pegada ambiental da produção animal por meio da melhoria da eficiência alimentar e da redução de emissões de gases de efeito estufa. Estratégias nutricionais como o uso de lipídios específicos, nitratos ou aditivos redutores de metano vêm sendo estudadas para diminuir a produção de metano entérico em ruminantes. Além disso, o uso mais eficiente de proteínas na dieta reduz a excreção de nitrogênio no ambiente.

Outro ponto importante é a valorização de coprodutos agroindustriais na alimentação animal. Ingredientes como farelo de algodão, polpa cítrica, casca de soja, DDG (grãos secos de destilaria) e resíduos da indústria alimentícia têm sido incorporados às dietas, contribuindo para reduzir custos e promover a economia circular. Essa prática aumenta a sustentabilidade do sistema produtivo, pois transforma resíduos industriais em alimentos de alto valor nutricional para os animais.

Nos últimos anos, também houve avanços significativos na nutrição voltada para a saúde intestinal e imunidade dos animais. A relação entre nutrição, microbiota intestinal e sistema imunológico tornou-se um dos principais focos de pesquisa. Estratégias nutricionais que favorecem o equilí-

brio da microbiota intestinal contribuem para reduzir a incidência de doenças e melhorar o desempenho produtivo. Esse enfoque tornou-se ainda mais importante com a redução do uso de antibióticos promotores de crescimento em diversos países.

Além disso, a integração entre nutrição e genética tem permitido explorar melhor o potencial produtivo dos animais modernos. Animais geneticamente selecionados para maior produtividade possuem exigências nutricionais específicas e mais elevadas. A nutrição adequada é essencial para expressar esse potencial genético sem comprometer a saúde ou a longevidade produtiva dos animais.

Por fim, a digitalização da produção animal vem abrindo novas perspectivas para a nutrição. Ferramentas de modelagem nutricional, inteligência artificial e análise de grandes volumes de dados estão permitindo desenvolver sistemas mais precisos de previsão de desempenho e formulação de dietas. Essa tendência deve intensificar-se nos próximos anos, tornando os sistemas de produção de proteína animal ainda mais eficientes, sustentáveis e tecnicamente avançados.

Os avanços nutricionais têm sido fundamentais para a evolução dos sistemas de produção de proteína animal. A combinação de conhecimento científico, inovação tecnológica e preocupação ambiental permitiu aumentar significativamente a eficiência produtiva e reduzir impactos ambientais. À medida que novas tecnologias e descobertas científicas surgirem, a nutrição continuará desempenhando papel estratégico na garantia da segurança alimentar global e na produção sustentável de alimentos de origem animal.

Segundo o Diretor Técnico do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA), Marcio Ceccantini, a nutrição animal tem um sistema muito bem embasado em décadas de boa ciência e experiência. “Assim que possibilidades de evolução são poucas, mas estão ocorrendo em vários setores e eventualmente de maneira muito rápida, mas a adoção destas tecnologias ainda depende de muito trabalho conjunto entre as empresas de nutrição e dos produtores o que não ocorre rapidamente, pois a aversão a

riscos é muito grande e compreensível, numa área com margens de lucratividade tão apertadas”, destaca.

Ele explica que o CBNA sempre traz questões importantes para discussão, antecipando várias destas tecnologias, que ao final vem tornando-se evoluções adotadas pelo campo, especialmente o uso de aditivos não antibióticos que ajudam na imunidade dos animais de produção e junto a isto, também vemos um movimento da integração da nutrição com a saúde animal, com os nutrientes relacionados ao desenvolvimento e ação do sistema imune sendo mais fortemente considerados no processo da nutrição. “Outro ponto importante é o uso de fontes de energia e proteína alternativas, como os DDGS. Combinado com o maior uso destes ingredientes, vem o uso de aditivos para o melhor aproveitamento deles, como enzimas e emulsificantes. Também aqui o CBNA há muitos anos trata deste tema, sempre trazendo as novas metodologias de avaliação e aplicação destes ingredientes”, afirma.

Ceccantini destaca que a combinação entre os setores de aditivos e produtores é fundamental. “Mas para isto acontecer, a ciência tem que continuar avançando, mas são os debates técnicos como o CBNA que fazem o ambiente para que isto aconteça”, afirma.

O Brasil, de acordo com ele, tem conseguido reagir muito bem neste ambiente, com as novas demandas do setor de produção animal sendo apresentadas pela academia, e promovendo um setor produtivo mais ágil nas suas adoções de tecnologia. “Porém sendo um setor tão grande e heterogêneo, as soluções nutricionais passam a ser individualizadas, o que torna mais complexo o processo”, diz.

Também neste sentido o CBNA, ele ressalta, tem se tornado peça importante desta engrenagem, trazendo a academia brasileira para o centro da discussão, onde as tecnologias não importam onde sejam desenvolvidas, são comprovadas ou adaptadas para condições locais. “Em um mundo hoje onde a comunicação se dá tão rápida, e onde temos acesso aos mais renomados cientistas do mundo inteiro, termos senso crítico para responder as necessidades do consumidor é fundamental”, destaca. ►



## MARCIO CECCANTINI

*Diretor Técnico do Colégio Brasileiro  
de Nutrição Animal (CBNA)*

“Dentro do CBNA, várias frentes vêm sendo discutidas, o uso da biotecnologia na produção de aditivos como enzimas, aminoácidos e melhoradores de produtividade que será o futuro da nutrição animal é sem dúvida um ponto chave, para a oferta de aditivos melhores e com melhores custos. Também a inteligência artificial como suporte a pesquisa, e como ferramenta para análise de grande volume de dados, será outro ponto de destaque. A sustentabilidade da produção é um tema que não podemos deixar para trás. Apesar de um certo arrefecimento deste tema atualmente, temos certeza que o futuro do setor está conectado a uma melhor sustentabilidade. Finalmente, atender as demandas do consumidor no que se refere a qualidade da proteína, e na forma que ela é produzida devem ser levadas em conta pelos nutricionistas. Mais uma vez o CBNA vem contribuindo em todas estas frentes, para o desenvolvimento do setor.”

# GODOFREDO MILTENBURG

Presidente do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal

## ASPECTOS QUE MAIS EVOLUÍRAM DENTRO DO SISTEMA DE NUTRIÇÃO ANIMAL

“Nos últimos anos, dois movimentos se destacam de forma bastante consistente: a ampliação do uso de aditivos não antibióticos, com foco na saúde intestinal e na imunidade dos animais, e a incorporação de fontes alternativas de energia e proteína nas formulações. Essas mudanças refletem uma transformação mais ampla do setor, que busca maior eficiência produtiva aliada à sustentabilidade e à redução do uso de antimicrobianos. Hoje, a nutrição animal está muito mais estratégica, integrando desempenho, sanidade e viabilidade econômica dentro de um mesmo sistema, um movimento que tem sido amplamente debatido em fóruns técnicos e científicos como os promovidos pelo CBNA.

Além disso, observa-se um avanço importante no uso de ferramentas de precisão na formulação de dietas, com maior uso de modelagem nutricional e integração de dados de desempenho em tempo real. Esse movimento permite ajustes mais finos nas dietas, reduzindo desperdícios e aumentando a eficiência alimentar.

Outro ponto relevante é a crescente preocupação com a sustentabilidade das formulações, com a busca por ingredientes que reduzam a pegada ambiental da produção, sem comprometer o desempenho zootécnico”.

## COMO AS EMPRESAS TÊM SE RELACIONADO COM A REALIDADE NO CAMPO E AS DEMANDAS DO SETOR

“De forma geral, há uma boa aderência entre as soluções desenvolvidas pela indústria e as necessidades do campo. O produtor tem respondido positivamente às inovações, especialmente quando elas entregam ganhos claros em desempenho, custo e previsibilidade produti-

va. Esse alinhamento também é resultado de uma maior proximidade entre empresas, técnicos e produtores, o que tem permitido respostas mais rápidas às mudanças do mercado e aos desafios do sistema produtivo.

Outro aspecto importante é a intensificação do uso de dados no campo, com maior adoção de tecnologias de monitoramento e gestão. Isso tem permitido decisões mais assertivas e uma relação mais técnica entre empresas e produtores.

Ao mesmo tempo, cresce a demanda por soluções customizadas, que considerem as particularidades de cada sistema produtivo, reforçando a importância de uma atuação mais consultiva por parte das empresas do setor”.

## QUAL O TIPO DE ANIMAL (AVE, BOI OU SUÍNO) MAIS NECESSITA DE AJUSTES PARA AVANÇAR NOS ASPECTOS NUTRICIONAIS?

“Os bovinos ainda apresentam um grande espaço para avanços, especialmente quando consideramos a heterogeneidade dos sistemas de produção no Brasil. Apesar da evolução significativa observada nos confinamentos de bovinos de corte e também na pecuária leiteira, com dietas mais precisas e maior uso de tecnologias nutricionais, ainda há oportunidades importantes de melhoria, principalmente em sistemas mais extensivos.

Isso torna a nutrição de bovinos um campo estratégico para ganhos futuros de produtividade. Por isso é um tema que tem ganhado espaço crescente na agenda técnica do CBNA.

Além disso, fatores como variação na qualidade das pastagens, diferenças regionais e limitações de manejo ainda impactam diretamente a eficiência nutricional nos sistemas de produção de bovinos. Nesse contexto, a nutrição assume um papel ainda mais estratégico, não apenas para maximizar desempenho, mas também para reduzir variabilidade produtiva e aumentar a previsibilidade dos resultados no campo”.

## O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO NOVO PERFIL DO NUTRICIONISTA PARA O SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL. QUAL É ESTE PERFIL?

“A academia brasileira tem formado profissionais com alto nível técnico, especialmente por meio de programas de mestrado e doutorado bastante consolidados em diferentes universidades. O novo perfil do nutricionista animal, no entanto, vai além da formação técnica. O mercado demanda um profissional capaz de integrar conhecimento científico com visão prática do campo, entendimento econômico e capacidade de interpretar dados. É alguém que atua de forma mais sistêmica, conectando nutrição, sanidade,



manejo e eficiência produtiva.

Além da base científica sólida, cresce a importância de habilidades complementares, como comunicação, visão estratégica e capacidade de atuação multidisciplinar. O nutricionista passa a ter um papel mais ativo na tomada de decisão dentro dos sistemas produtivos, participando de discussões que envolvem não apenas nutrição, mas também gestão, sustentabilidade e posicionamento de mercado”.

### A NUTRIÇÃO DO FUTURO

“A nutrição do futuro está fortemente associada ao avanço da biotecnologia. O desenvolvimento de aditivos como enzimas, aminoácidos, probióticos e outros melhoradores de desempenho tende a ganhar ainda mais relevância nos próximos anos.

Essas soluções permitirão maior precisão nutricional, melhor aproveitamento dos ingredientes e redução de impactos ambientais, consolidando um modelo de produção mais eficiente e sustentável. Essa é uma agenda que está no centro das discussões do CBNA ao conectar inovação científica e aplicação prática no campo. E, nesse contexto, o CBNA segue atuando como um dos principais pontos de convergência entre ciência, indústria e produção, contribuindo para orientar os avanços da nutrição animal no Brasil.

Outro ponto relevante é o avanço da nutrição de precisão, com o uso crescente de dados, inteligência artificial e ferramentas digitais para ajustar dietas de forma cada vez mais individualizada ou por grupos mais homogêneos de animais. Além disso, a agenda de sustentabilidade tende a ganhar ainda mais força, com a nutrição desempenhando papel central na redução de emissões e na eficiência do uso de recursos dentro dos sistemas de produção animal”.

Apesar das grandes mudanças nos aspectos nutricionais nos confinamentos de bovinos de corte e bovinos de leite, este ainda é o setor que necessita de maiores ajustes, aponta Marcio Ceccantini. “Como a adoção das novas tecnologias se dá muito mais na fazenda que na fábrica de ração, a comunicação é mais longa e demorada, sendo a disparidade nas tecnologias adotadas também maior. Porém, devemos ressaltar que neste ponto, as tecnologias digitais têm sido de grande ajuda para a divulgação e demonstração da eficiência e dos retornos econômicos dos avanços nutricionais a serem aplicados”, diz.

A academia brasileira forma nutricionistas de excelente perfil, destaca Marcio Ceccantini. Segundo ele, os cursos de mestrados e doutorados de excelente em diferentes universidades dos pais, e as possibilidades que os brasileiros têm tido de estudar também no exterior, tem formado profissionais de alta classe, que vem atuando no Brasil e no exterior com destaque. “Para um país exportador de proteína como o Brasil, ser referência na produção é essencial, e isto será mais bem reconhecido se nossa academia tiver espaço para apresentar seus trabalhos. Aqui também o CBNA vem atuando com desenvoltura, mesclando universidades e opiniões, para o desenvolvimento dos profissionais da nutrição animal”, afirma.

Urbano Ruiz, membro da Diretoria Técnica do CBNA e professor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, a Esalq, aponta que a nutrição tem evoluído não só naquelas funções essenciais que a gente conhece, de garantir a manutenção da vida, o crescimento e a produção, mas também pensando em questões ambientais, de maior eficiência produtiva, em relação à saúde dos animais e questões de adaptação ao excesso de frio ou calor. “A nutrição animal tem evoluído de forma a se tornar cada vez mais precisa e aumentar a eficiência produtiva. Eu falo principalmente na minha área de trabalho, que é nutrição e alimentação de suínos. Por exemplo, hoje em dia, para formular uma dieta já se trabalha considerando as exigências dos animais em aminoácidos digestíveis e padronizados,



## URBANO RUIZ

*Membro da Diretoria Técnica do CBNA e professor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, a Esalq*

“A nutrição animal tem evoluído de forma a se tornar cada vez mais precisa e aumentar a eficiência produtiva”.

em fósforo total digestivo e padronizado, em energia líquida”, destaca.

De acordo com Ruiz, os teores desses nutrientes nos alimentos são expressos nessas bases, então se considera efetivamente aquilo que o animal consegue extrair dos nutrientes contidos nos alimentos, fazendo correções para todas as perdas que podem acontecer nesses processos. “Além disso, as exigências estão cada vez mais pormenorizadas. Então, temos as tabelas, sejam elas as brasileiras ou as europeias. Nelas, as exigências dos animais estão divididas por fases de vida, por sexo, por desempenho esperado. E em razão de questões ambientais, por exemplo, no caso do Brasil, existem as exigências para animais que estão fora da zona de termo neutralidade. Assim, resumindo, tudo tem sido feito de modo a tornar a nutrição dos animais mais específica e aprofundada possível com o intuito de me- ►

lhorar a eficiência produtiva”, pontua.

Com relação às exigências, ele explica que ainda existem estudos de nutrição de precisão que visam considerar as mudanças de base nas exigências quase que diariamente e também sobre avaliação de alimentos, tentando também criar matrizes nutricionais de cada alimento específico por idade. “Então, já é algo bastante aprofundado. Também tem se estudado muito a relação da nutrição dos animais com o ambiente, ou seja, pensar em nutrir os animais não só para atender às demandas deles para crescimento, para produção, reprodução, mas também pensando em minimizar ou eliminar eventuais impactos ambientais da produção. Um exemplo é a formulação de dietas que sejam compostas por alimentos que foram produzidos sem agredir o ambiente, dietas que minimizem a excreção de resíduos pelo ambiente ou que minimizem a produção dos gases de efeito estufa”, afirma. “Além disso, também por meio da nutrição, temos uma série de estudos visando a modificação de alguns parâmetros nutricionais de modo a auxiliar os animais em situações de desafio sanitário, ou seja, pensando na nutrição como um meio de melhorar a saúde dos animais de uma forma geral. A nutrição também é voltada para questões ambientais, porém não aquelas que eu já mencionei, de poluição ambiental, mas sim de auxiliar os animais a lidarem melhor com as situações de excesso de calor ou frio, ou seja, modificar ou fornecer nutrientes que auxiliem os animais a passar por situações de estresse calórico, por exemplo, além de outros pontos que já vem sendo vistos há algum tempo, como a nutrição como uma forma de modificar a composição dos produtos, seja a carne, o leite, os ovos, de produzir alimentos mais nutritivos para o ser humano. Isso por meio da nutrição dos animais”, afirma.

Segundo Fábio Catunda, zootecnista e membro da Diretoria Técnica do CBNA, o setor de produção de proteína animal apresentou diversas evoluções na nutrição animal nos últimos anos. Ele relata que algumas são mais aplicadas ao dia a dia de campo e outras mais relacionadas a pesquisa com ênfase a suporte de campo.

## ALGUNS PONTOS DE EVOLUÇÃO NA NUTRIÇÃO ANIMAL NOS ÚLTIMOS ANOS

**1** Sistema de nutrição de precisão com uso de tecnologia de NIR e construção de matrizes de ingredientes precisas que representam a matéria prima que está entrando na fábrica de ração.

**2** Formulação com o conceito de formulação com base de energia líquida.

**3** Nutrição preocupada com aspectos de impacto ambiental – com mínima pegada de carbono ou impacto de resíduos como a imposição de redução da utilização de ZnO na Europa.

**4** Contínua preocupação de utilização de aditivos focado em melhoria de saúde animal, imunidade provenientes de soluções naturais.

**5** Utilização de aditivos e proteínas funcionais focada em acelerar nutrição intestinal de animais jovens.

**6** Os avanços em nutri genomas que mostram os impactos na nutrição em expressão de genes, como estes podem atuar em saúde intestinal e imunidade.

**7** A crono nutrição, que considera que o metabolismo animal não é constante durante as 24 horas do dia. Esta estuda como o horário de fornecimento da dieta interage com o ritmo biológico dos animais, visando otimizar a digestão, metabolismo e a eficiência produtiva.

**8** Nutrição para modulação de microbioma.

Catunda explica que a nova geração tem muito a contribuir no processo da formação do novo profissional. “Existe muita diferença de comportamento, maneira de pensar e atuar entre as gerações que é perfeitamente normal”, ele relata. “O perfil do no-

vo nutricionista exigirá que este utilize muito mais ferramentas como inteligência artificial, suporte de softwares relacionados a interpretação de dados e análise de informação relacionadas a interação entre nutrição. O nutricionista terá ferramentas completas para ter uma visão holística do impacto da formulação no desempenho e saúde animal”, afirma. “A nutrição do futuro precisará de profissionais com capacidade técnica, constantemente alinhado com as vanguardas tecnológicas e conhecimento de aplicação dos conceitos as necessidades do campo”, finaliza. ■

## FÁBIO CATUNDA

Zootecnista e membro da Diretoria Técnica do CBNA

“O setor de produção de proteína animal é muito dinâmico e as oportunidades mudam constantemente. O campo demanda e cria as necessidades. A indústria tem que se adaptar e responder de forma rápida as constantes oportunidades trazidas pelo cliente. As companhias que têm melhores soluções e respondem rapidamente aos desafios do mercado são normalmente as que tem maior sucesso”.





# EFICIÊNCIA, INCLUSÃO E TRANSPARÊNCIA PARA ATENDER AO NOVO CONSUMIDOR GLOBAL

ANA DORALINA MENEZES

A pecuária brasileira atravessa um momento decisivo diante das transformações no consumo global de carne bovina. Pressões por padrões ambientais mais rigorosos, exigências comerciais crescentes e a necessidade de ampliar a produção sem expansão de área colocam o setor diante de um desafio estratégico. Ao mesmo tempo, o país reúne condições técnicas e produtivas para responder a esse cenário com consistência, apoiado em tecnologia, gestão eficiente e uso qualificado dos recursos disponíveis.

A adaptação passa, antes de tudo, pela intensificação sustentável. A recuperação de pastagens degradadas desponta como eixo central desse processo, ao permitir ganhos de produtividade por hectare, redução de emissões relativas e melhor aproveitamento da terra. Ao requalificar áreas de baixa performance com manejo adequado, melhoria do solo e integração de sistemas, o Brasil reforça

sua capacidade de produzir mais sem avançar sobre novas fronteiras, em linha com as demandas internacionais por responsabilidade ambiental.

Outro ponto fundamental está na inclusão produtiva. A reinserção de pecuaristas na cadeia formal amplia o acesso a crédito, assistência técnica e mercados que exigem conformidade socioambiental. Mais do que atender a requisitos legais, a regularização fortalece a atividade do ponto de vista econômico e contribui para consolidar uma imagem mais consistente do setor no exterior. Nesse contexto, o alinhamento ao Código Florestal e a adoção de boas práticas tornam-se diferenciais competitivos relevantes.

A rastreabilidade também assume papel central nessa nova dinâmica. Com consumidores e compradores mais atentos à origem dos produtos, sistemas confiáveis de monitoramento tornam-se indispensáveis para garantir transparência, credibilidade e acesso a mercados estratégi-

cos. A capacidade de apresentar dados consistentes sobre a cadeia produtiva passa a ser um ativo importante na competitividade internacional.

Diante desse cenário, a atuação coordenada de entidades setoriais contribui para estruturar propostas, disseminar conhecimento técnico e apoiar o produtor nesse processo de transformação. Iniciativas voltadas à qualificação ampliam o acesso à informação e fortalecem a tomada de decisão no campo.

A resposta brasileira às novas dinâmicas do consumo de carne exige integração entre eficiência produtiva, responsabilidade socioambiental e inclusão. Ao avançar nesses pilares, o setor amplia sua competitividade e se posiciona de forma estratégica em um mercado cada vez mais orientado por critérios de sustentabilidade e transparência. ■

*Ana Doralina Menezes,  
presidente da Mesa Brasileira  
da Pecuária Sustentável*



# PHIBRO MASTER SCIENCE PROPÕE INTEGRAÇÃO ENTRE CIÊNCIA, INOVAÇÃO E ESTRATÉGIAS PARA ELEVAR RESULTADOS DA CADEIA AVÍCOLA

O EVENTO EVIDENCIOU SUA PROPOSTA DE PROMOVER DISCUSSÕES APROFUNDADAS SOBRE **OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA PRODUÇÃO DE AVES**, COM DESTAQUE PARA TEMAS LIGADOS À SANIDADE, NUTRIÇÃO E EFICIÊNCIA PRODUTIVA

**GIOVANA DE PAULA**  
 giovana@dc7comunica.com.br

A cidade de Itá, em Santa Catarina, recebeu no início de abril, a 13ª edição do Phibro Master Science, evento que se consolida como um dos principais fóruns técnicos voltados à avicultura no Brasil. Reunindo especialistas, produtores, pesquisadores e parceiros do setor, o encontro teve como foco central a integração entre ciência, inovação e estratégias práticas para elevar os resultados produtivos e sanitários da cadeia avícola.

Logo na abertura, o evento evidenciou sua proposta de promover discussões aprofundadas sobre os desafios contemporâneos da produção de aves, com destaque para temas ligados à sanidade, nutrição e eficiência produtiva. Um dos pontos altos da programação foi a abordagem das infecções causadas por *Clostridium perfringens*, bactéria associada à enterite necrótica — uma

das doenças mais relevantes economicamente para a avicultura mundial.

O diretor global de Serviços Técnicos para Avicultura da Phibro, Luis Gomez, apresentou um panorama detalhado sobre o impacto dessas infecções. Segundo ele, apesar dos avanços em biossegurança, o trato digestivo das aves permanece constantemente exposto a agentes infecciosos e substâncias potencialmente nocivas. “As aves estão sujeitas a múltiplos fatores infecciosos, incluindo bactérias aeróbicas e anaeróbicas, além de toxinas e parasitas que dificilmente são eliminados completamente do ambiente produtivo”, explicou.

Gomez ressaltou ainda que a enterite necrótica provoca efeitos significativos no desempenho zootécnico, como redução do ganho de peso, piora na conversão alimentar e danos he-

páticos. Esses fatores, segundo o especialista, reforçam a necessidade de estratégias contínuas de monitoramento e prevenção dentro das granjas.

Complementando essa discussão, o diretor do Laboratório Mercolab, Alberto Back, destacou a importância das ferramentas de diagnóstico e monitoramento a campo. Ele chamou atenção para a dificuldade de identificação da doença e para os prejuízos que ela pode causar. “A enterite necrótica é relativamente frequente, causa perdas expressivas e exige investimentos consideráveis tanto em prevenção quanto em tratamento”, afirmou. Back também apontou como desafio a necessidade de aprofundar o entendimento sobre a epidemiologia da doença e desenvolver modelos científicos que permitam reproduzi-la com precisão para estudos.

Outro eixo importante do evento foi a discussão sobre alternativas sustentáveis para a saúde intestinal das aves. A consultora Sandra Bonaspetti apresentou o conceito de eubióticos como uma das principais ferramentas nesse contexto. Segundo ela, a sustentabilidade na avicultura passa por três pilares: ambiental, social e econômico, exigindo práticas que reduzam impactos ambientais, garantam benefícios à sociedade e mantenham a viabilidade financeira da atividade.

Durante sua apresentação, a especialista detalhou os mecanismos de cuidados do intestino das aves, que incluem barreiras biológicas, químicas, mecânicas e imunológicas. Essas estruturas atuam de forma integrada para impedir a entrada de patógenos e manter o equilíbrio da microbiota intestinal.

Ela explicou que os eubióticos — termo derivado de “eubiose”, que significa equilíbrio ideal da microbiota — englobam aditivos como probióticos, prebióticos, ácidos orgânicos e compostos fitogênicos. Esses produtos, além de substituírem antibióticos melhoradores de desempenho, contribuem para a redução de inflamações, fortalecimento do sistema imunológico, melhoria da absorção de nutrientes e aumento da integridade intestinal. “O objetivo é promover um ambiente intestinal saudável, que se reflita diretamente na produtividade e no bem-estar das aves”, destacou.

Na sequência, a especialista Rosângela Rodrigues enfatizou a necessidade de personalização nas análises laboratoriais para garantir resultados mais precisos no uso de eubióticos. De acordo com ela, a comparabilidade dos dados depende diretamente da escolha adequada dos métodos analíticos, o que impacta na tomada de decisões dentro das granjas.

A inovação tecnológica também teve espaço de destaque no evento. A gerente de Produtos e Serviços Técnicos da Phibro, Bruna Martins, apresentou uma solução baseada em monoglicérides, desenvolvida para fortalecer a saúde intestinal das aves e aumentar sua resistência a desafios entéricos. O produto atua por meio de mecanismos específicos que auxiliam na proteção do sistema digestivo, contribuindo para maior segurança alimentar e eficiência produtiva.



**Luis Gomez**, diretor global de Serviços Técnicos para Avicultura da Phibro

Além dos temas relacionados à nutrição e sanidade, o evento trouxe discussões sobre a relação entre incubatórios e os índices de condenação de carcaças nos abatedouros. O especialista Felipe Kroetz destacou que falhas no manejo inicial, como ovos sujos, fluxo inadequado e uso incorreto de equipamentos, podem comprometer todo o ciclo produtivo.

Ele também enfatizou a importância da viragem correta dos ovos durante a incubação, processo essencial para o desenvolvimento adequado do embrião. “A integração entre incubatório e abatedouro é fundamental. Quando se prioriza a qualidade do pintinho desde a origem, é possível reduzir significativamente as perdas ao longo da cadeia”, explicou.

Outro tema relevante abordado foi o manejo das síndromes respiratórias em aves. O professor Luis Felipe Caron apresentou uma visão abrangente sobre o assunto, destacando que essas síndromes não correspondem a uma única doença, mas sim a um conjunto de manifestações clínicas com diferentes causas. Segundo ele, fatores como vacinação, nutrição, ambiência e biossegurança devem ser analisados de forma integrada. “Não existe uma fórmula única. Entender as síndromes é compreender a complexidade do ambiente produtivo”, afirmou.



**Bruna Martins**, gerente de Produtos e Serviços Técnicos da Phibro

A gestão sanitária também foi apontada como um dos pilares para o sucesso da produção avícola. A executiva Isabella Santos destacou que a obtenção de bons resultados zootécnicos depende de um conjunto de ações coordenadas, incluindo monitoramento constante, programas profiláticos bem estruturados e estratégias de biossegurança baseadas em análise de risco.

Ela ressaltou ainda a importância do fator humano dentro das granjas. “A gestão de pessoas é parte fundamental da sanidade. Cada profissional tem um papel importante na integração entre ambiência, saúde animal e desempenho produtivo”, afirmou.

Ao final do evento, os organizadores destacaram o papel do Phibro Master Science como um espaço estratégico para disseminação de conhecimento e troca de experiências. A iniciativa reforça a importância da atualização constante frente aos desafios do setor e evidencia o compromisso com o desenvolvimento de uma avicultura mais eficiente, sustentável e alinhada às demandas globais.

A edição deste ano encerrou-se com avaliação positiva dos participantes, consolidando o encontro como uma referência para profissionais que buscam inovação e excelência na produção avícola. ■

# BIOSSEGURIDADE EM MATRIZEIROS

QUESTÃO DE PREVENÇÃO E ESTRATÉGIA ESSENCIAL PARA A CONTINUIDADE E O CRESCIMENTO DA AVICULTURA DE CORTE, A ADOÇÃO CONSISTENTE DE MEDIDAS BÁSICAS, ALIADA À CONSCIENTIZAÇÃO DE TODOS OS ENVOLVIDOS, **É O CAMINHO MAIS EFICAZ PARA PROTEGER A PRODUÇÃO E GARANTIR A SEGURANÇA ALIMENTAR**

**GIOVANA DE PAULA**

giovana@dc7comunica.com.br

**A**tualmente, os principais riscos sanitários enfrentados pelos Matriseiros estão diretamente relacionados à introdução e à disseminação de agentes infecciosos dentro dos plantéis. Em sistemas de produção de matrizes, qualquer falha nesse controle não se limita a um problema pontual dentro da granja, mas pode comprometer toda a cadeia produtiva.

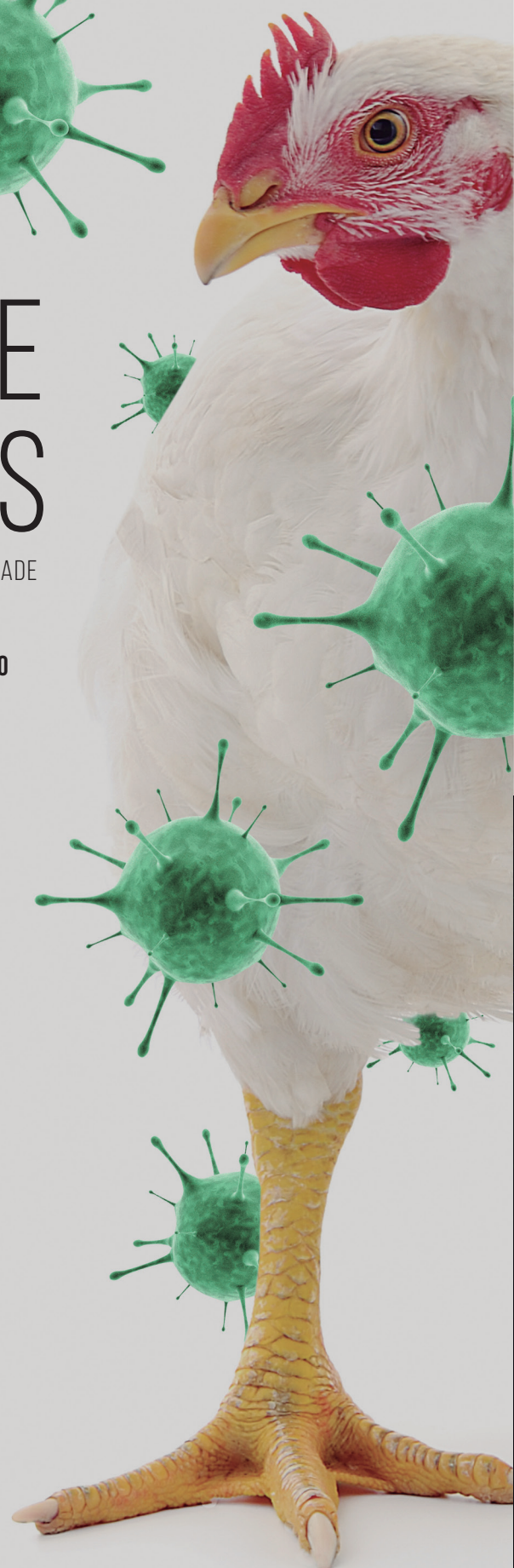
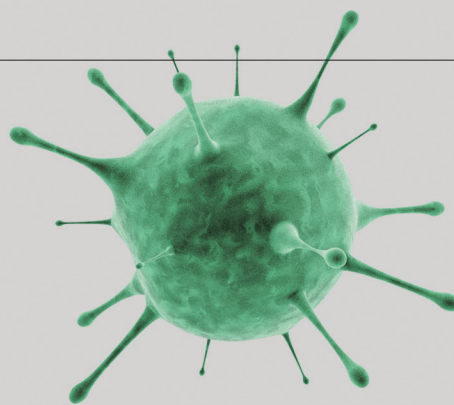
Entre os agentes de maior relevância, destacam-se doenças virais respiratórias, como a bronquite infecciosa, por exemplo, é uma das doenças virais mais desafiadoras dentro da avicultura de matrizes.

Quem explica essa questão é Jessica Karolina Rossi, Supervisora de Sanidade de Matrizes da Coopavel Cooperativa Agroindustrial. Segundo ela, além dos sinais respiratórios, seu principal impacto está na queda de produção e principalmente na qualidade dos ovos. “É comum observar ovos com casca fina, deformados e alterações internas que comprometem diretamente na incubação. Mesmo quando não há aumen-

to expressivo de mortalidade, o prejuízo se torna evidente na redução da taxa de eclosão e na piora da qualidade dos pintinhos, gerando reflexos negativos no campo”, aponta.

Outra doença respiratória de grande importância citada pela especialista, é o Pneumovírus, especialmente por sua relação com quadros respiratórios e queda de desempenho produtivo. “Em matrizes, podem causar redução na postura e aumento de ovos descartados, além de predispor as aves a infecções secundárias, agravando ainda mais o quadro sanitário. Muitas vezes, o impacto não é imediato e explosivo, mas sim contínuo, prejudicando os resultados ao longo do ciclo produtivo”, afirma.

Já a laringotraqueíte se destaca pelo seu alto potencial de disseminação e pelos quadros clínicos severos. “Quando presente, pode provocar aumento significativo de mortalidade, queda brusca na produção e grande dificuldade de controle dentro da granja. Além disso, é uma doença que pode permanecer no ambiente e nos animais, favorecendo recidivas e tornando o controle ainda



mais complexo. O impacto operacional também é elevado, exigindo medidas rigorosas de contenção e aumentando os custos de produção”, afirma.

Outro ponto crítico dentro da sanidade de matrizeiros está relacionado aos micoplasmas. A presença desses agentes exige, muitas vezes, segregação de fluxo de incubação, podendo inviabilizar a comercialização de ovos férteis e comprometendo diretamente o status sanitário da empresa. “Além disso, a infecção por micoplasma está associada à queda de imunidade das matrizes, reduzindo a resposta vacinal e abrindo portas para outros patógenos. No incubatório, o impacto aparece na forma de pintinhos mais fracos, com maior mortalidade inicial e menor uniformidade, prejudicando diretamente os resultados do frango de corte, com aumento de condenações por artrite no abate e maior mortalidade inicial nos pintinhos”, afirma.

A salmonella, por sua vez, vai além do impacto produtivo e entra diretamente na esfera da segurança alimentar e do mercado. Sua

presença em granjas de reprodução é extremamente crítica, pois pode ser transmitida via ovo, contaminando todo o sistema. Isso pode levar ao descarte de produção, necessidade de medidas sanitárias rigorosas e até à interrupção de exportações. “O prejuízo, nesse caso, não é apenas técnico, mas também institucional, afetando a credibilidade da empresa perante o mercado”, detalha.

Entre as doenças de maior impacto global, destacam-se ainda a influenza aviária e a doença de Newcastle. Ambas são enfermidades de notificação obrigatória e possuem consequências que ultrapassam a granja. Essas doenças possuem alta capacidade de disseminação e quando introduzidas em uma unidade produtiva, podem causar queda acentuada de produção, aumento de mortalidade e prejuízos reprodutivos significativos. “O impacto ultrapassa a porteira da granja, afetando diretamente o mercado. Um único foco pode resultar em abate sanitário, restrições de trânsito, bloqueios comer-

ciais e suspensão de exportações. O impacto econômico é imediato e de grande escala, podendo afetar não apenas a empresa, mas toda a cadeia produtiva da região ou do país”, diz.

Diante desse cenário, a biosseguridade deve ser encarada como uma ferramenta estratégica, e não apenas operacional. Cada doença evitada representa não só a preservação do plantel, mas a manutenção da viabilidade econômica do sistema produtivo. “Nesse contexto, o papel do supervisor de sanidade se torna estratégico. Mais do que garantir o cumprimento de protocolos, precisa também estar presente na rotina das granjas, acompanhando processos, orientando equipes e principalmente, identificando riscos antes que eles se tornem problemas reais. A proximidade com a operação permite uma visão crítica sobre os pontos de vulnerabilidade, possibilitando ajustes rápidos e eficazes”, afirma.

De acordo com Jéssica, a biosseguridade, na prática, não depende apenas de regras estabelecidas, mas da ►

# BCH Solutions

## Blends minerais personalizados para simplificar o processo e potencializar resultados!

Soluções BCH desenvolvidas para atender com precisão as exigências de cada espécie, fase produtiva e desafio da produção.



- Melhora da espessura e resistência da casca dos ovos;
- Desenvolvimento ósseo e locomotor;
- Apoio imune e antioxidante.



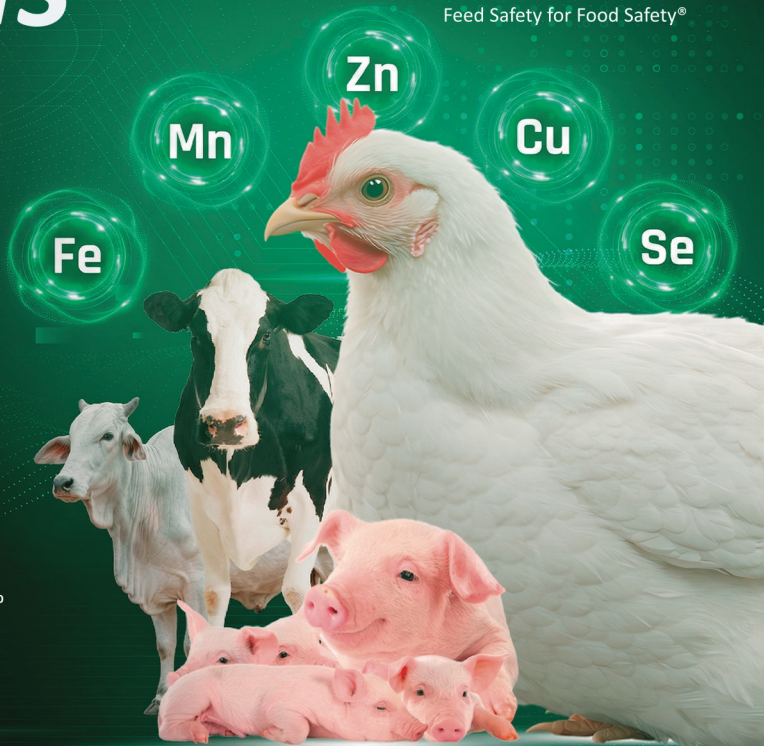
- Qualidade dos cascos;
- Mais robustez produtiva.



- Suplementação a campo e em dietas completas;
- Suporte ao ganho de peso e índices reprodutivos;
- Produtividade leiteira com mais saúde.



- Suporte ao desenvolvimento ósseo e tecidual dos peixes,



**Biochem**  
Feed Safety for Food Safety®

consistência na execução. E essa consistência só é alcançada com acompanhamento contínuo, treinamento das equipes e entendimento claro do porquê de cada procedimento. “Quando todos compreendem que cada etapa, desde o procedimento de banho até a desinfecção de um veículo, tem impacto direto na sanidade do plantel, o nível de comprometimento muda, e os resultados aparecem de forma consistente na produção”, diz.

## CONSEQUÊNCIAS DE UMA FALHA NA BIOSSEGURIDADE EM MATRIZEIROS.

Uma falha nos processos de biosseguridade pode gerar impactos severos que vão muito além de um problema pontual dentro da granja, afetando diretamente os resultados produtivos e econômicos de toda a operação.

Uma falha sanitária em matrizeiros impacta diretamente o incubatório, reduzindo a taxa de eclosão e a qualidade dos pintinhos, e consequentemente refletindo no desempenho do frango de corte no campo. Isso gera perdas acumulativas, afetando a eficiência de toda a cadeia e aumentando o custo de produção.

De acordo com Jessica Karolina Rossi, dependendo da gravidade do agente envolvido, os impactos podem ultrapassar os limites da empresa e atingir outras granjas da região, comprometendo o status sanitário local. “Doenças de alta disseminação têm potencial para se espalhar rapidamente entre unidades produtivas, principalmente quando há falhas no controle de trânsito de pessoas, veículos e equipamentos. Em situações mais críticas, isso pode evoluir para um problema em nível regional, estadual ou até nacional, com reflexos diretos sobre a produção e o abastecimento”, afirma. “Além disso, é importante compreender que a biosseguridade não possui fronteiras dentro do sistema produtivo. Todas as etapas estão interligadas, desde a granja até o incubatório e o campo, e uma falha em qualquer ponto pode comprometer todo o processo. Por esse motivo, a responsabilidade sobre a biosseguridade não deve ser atribuída a um único setor ou profissional, mas sim compartilhada entre todos os envolvidos. Cada colaborador, independentemente da sua função, exerce



**Jessica Karolina Rossi**, Supervisora de Sanidade de Matrizes da Coopavel Cooperativa Agroindustrial

um papel fundamental na manutenção das barreiras sanitárias”, afirma.

Quando se trata especificamente de matrizeiros, o impacto se torna ainda mais crítico. “Isso porque qualquer problema sanitário nessa fase é multiplicado ao longo da cadeia produtiva. Um lote comprometido não afeta apenas a produção de ovos férteis, mas interfere diretamente na qualidade dos pintinhos gerados e no desempenho dos animais no campo. Dessa forma, uma falha na biosseguridade em matrizes não representa apenas uma perda local, mas sim um risco ampliado, com potencial de gerar prejuízos expressivos em toda a operação”, explica Jessica.

## O CUSTO DA BIOSSEGURIDADE AINDA É UMA BARREIRA SIGNIFICATIVA?

Dentro da avicultura, essa visão tem mudado de forma significativa. Considerando o alto impacto econômico que uma falha de biosseguridade pode causar, como perdas produtivas, descarte de lotes, restrições sanitárias e prejuízos à cadeia, o investimento nessa área deixa de ser um custo e passa a ser uma necessidade estratégica. “Na prática, empresas que possuem maior entendimento do risco

sanitário dificilmente encontram resistência em investir em biosseguridade, justamente por reconhecerem que o custo da prevenção é muito menor do que o custo de uma eventual falha. Dessa forma, a biosseguridade se consolida como um dos pilares fundamentais para a sustentabilidade e segurança da produção, sendo tratada cada vez mais como investimento e não como despesa”, afirma a Supervisora de Sanidade de Matrizes da Coopavel Cooperativa Agroindustrial.

## TENDÊNCIAS QUE DEVEM MOLDAR O FUTURO DA GESTÃO SANITÁRIA EM MATRIZEIROS.

Entre as principais tendências, segundo Jessica Karolina Rossi, destaca-se o avanço no uso de tecnologias digitais e inteligência artificial, permitindo monitoramento em tempo real, identificação precoce de desvios e maior assertividade nas ações sanitárias. “O uso de dados produtivos e sanitários de forma integrada deve ganhar ainda mais espaço, contribuindo para decisões mais rápidas e embasadas, além da construção de históricos que auxiliam na prevenção de problemas”, afirma.

A automação de processos, segundo a opinião da especialista, também tende a crescer, especialmente em rotinas como desinfecção, controle de acesso e monitoramento ambiental, reduzindo a dependência de falhas humanas e aumentando a padronização das operações. “Paralelamente, observa-se um aumento no rigor dos protocolos, impulsionado tanto por exigências de mercado quanto pela necessidade de proteção frente a desafios sanitários cada vez mais complexos”, diz.

Outro ponto importante levantado por ela é o desenvolvimento de novos produtos e tecnologias voltadas à biosseguridade, incluindo soluções inovadoras para controle de vetores e melhorias nos programas de imunidade das aves, com foco em respostas mais robustas e duradouras. “Dessa forma, o futuro da gestão sanitária estará fortemente apoiado na integração entre tecnologia, conhecimento técnico e gestão estratégica, tornando a biosseguridade mais eficiente, preditiva e alinhada às demandas de uma avicultura cada vez mais exigente”, pontua. ■

# ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA PROGRAMAÇÃO DE PALESTRAS DO SIAVS 2026

**SIAVS** ABRE INSCRIÇÕES PARA PROGRAMAÇÃO DE PALESTRAS E ANUNCIA MAIOR EDIÇÃO DA HISTÓRIA EM 2026

Estão abertas as inscrições para participação na programação de palestras do Salão Internacional de Proteína Animal (SIAVS), maior evento das cadeias produtivas das proteínas animais do Brasil, que será realizado entre os dias 04 e 06 de agosto, no Distrito Anhembi, em São Paulo (SP).

A programação reunirá especialistas nacionais e internacionais em uma agenda abrangente de conteúdos voltados aos principais desafios e tendências das proteínas animais, além de temas transversais estratégicos para a produção.

Entre os destaques da grade estão painéis sobre sanidade e biossegurança, com foco na prevenção e controle de enfermidades; sustentabilidade e ESG, incluindo eficiência produtiva, bem-estar animal e redução de impactos ambientais; inovação e tecnologia, com aplicações em automação, digitalização e inteligência de dados; nutrição animal e insumos, com análises de custos e eficiência; além de debates sobre mercado e comércio internacional, geopolítica, acesso a mercados e segurança alimentar.

A programação foi estruturada para oferecer conteúdo técnico de alto nível, com aplicabilidade prática para produtores, agroindústrias e profissionais da cadeia produtiva.

O SIAVS 2026 já nasce como um

marco histórico para a proteína animal brasileira e mundial. Maior edição de todos os tempos, a feira ocupará 45 mil metros quadrados – um salto de 65% em relação a 2024 – e se posiciona definitivamente entre os maiores encontros globais do setor, com a participação confirmada de empresas e visitantes de mais de 60 países.

Realizado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o evento reúne milhares de visitantes de todas as regiões do Brasil e do exterior, incluindo lideranças políticas, autoridades, compradores internacionais, formadores de opinião e profissionais de toda a cadeia produtiva.

A nova edição evidencia o avanço da internacionalização do evento. Pela primeira vez, estarão presentes grandes líderes globais em equipamentos de linhas industriais, como Marel, Meyn, Foodmate e Mayekawa, reforçando o perfil inovador e tecnológico do SIAVS.

Outro destaque é a expansão da participação do setor de bovinos, que triplicou sua presença, passando de 280 metros quadrados em 2024 para mais de 620 metros em 2026, um crescimento superior a 120%.

No destaque da feira, mais de 5 mil metros quadrados estarão dedicados às principais agroindústrias de aves, suínos, bovinos, peixes, ovos e genética – segmentos em que o Brasil é referência mundial em produção sustentável

e competitiva. Ao lado delas, empresas de genética, equipamentos de granja, insumos biológicos e farmacêuticos completarão a vitrine internacional de soluções para toda a cadeia produtiva.

Para o presidente da ABPA, Ricardo Santin, o crescimento do evento reflete o papel estratégico do Brasil no cenário global. “O SIAVS se consolida como um espaço global de articulação, onde conhecimento, negócios e cooperação se encontram. É neste ambiente que o Brasil reafirma seu papel como referência em segurança alimentar e como parceiro confiável e estratégico para o futuro da proteína animal”, destaca.

Paralelamente à feira, a programação técnica do SIAVS consolida-se como um dos principais fóruns de conteúdo do setor, integrando conhecimento, inovação e visão estratégica em um ambiente de alto nível. ■

INSCRIÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO NA PROGRAMAÇÃO DE PALESTRAS DO SIAVS 2026

**Data do evento:**

04 a 06 de agosto de 2026

**Local:** Distrito Anhembi – São Paulo (SP)

**Informações e inscrições:**

[www.siavs.com.br](http://www.siavs.com.br)

# EGG QUALITY REÚNE OS PRINCIPAIS PONTOS QUE GARANTEM O SUCESSO DE PRODUTORES DE POEDEIRAS COMERCIAIS E REPRODUTORAS LEVES OU PESADAS

**ADM** AVALIA JUNTO A ESPECIALISTAS O DESEMPENHO DAS GRANJAS E CUSTOMIZA SOLUÇÕES. A COMPANHIA TAMBÉM OFERECE RAÇÕES PRÉ-INICIAIS E SOLUÇÕES ESPECÍFICAS PARA DESAFIOS CRÍTICOS NA FASE INICIAL DE CRIAÇÃO, RECONHECENDO QUE A NUTRIÇÃO DO PINTINHO DE UM DIA IMPACTA DIRETAMENTE O DESEMPENHO PRODUTIVO FUTURO

**GIOVANA DE PAULA**  
giovana@dc7comunica.com.br

Em 2024, a produção nacional de ovos atingiu 4,67 bilhões de dúzias, segundo o IBGE, novo recorde histórico para o país. Diante da expectativa de crescimento contínuo deste mercado, os produtores precisam buscar soluções que aumentem produtividade, qualidade e rentabilidade.

Um dos principais pontos de perdas no processo está relacionado à casca: estima-se que a perda chegue a 3%, podendo ser ainda maior em lotes mais velhos. Para garantir que o ovo chegue ao consumidor com qualidade, frescor e resistência, é essencial atenção à nutrição das poedeiras desde o primeiro dia de vida dos pintinhos. Entre os aspectos determinantes na produção, destacam-se:

**1 Qualidade e espessura da casca:** em fases mais avançadas do ciclo produtivo, a qualidade da casca tende a piorar devido ao prolongamento do período de postura. A relação entre o peso do ovo, a idade da galinha e as exigências minerais, especialmente cálcio, é determinante para a incidência de perdas.

**2 Tamanho do ovo:** fator diretamente ligado à lucratividade. É influenciado por variáveis como genética, temperatura, programa de luz e, sobretudo, nutrição, incluindo o consumo adequado de proteína.

**3 Coloração da gema:** um dos principais critérios avaliados pelo consumidor. A cor é determinada pelos carotenoides presentes na ração, o que permite sua melhoria por meio do manejo nutricional, inclusive com seleção de pigmentos naturais ou sintéticos.

**4 Espessura do albúmen:** traduzida pelas unidades de Haugh, é um indicador percebido pelo consumidor como frescor. Esse parâmetro tende a se deteriorar com a idade das aves e com condições inadequadas de armazenamento, mas pode ser otimizado com formulações nutricionais adequadas.

Em março daquele ano, entraram em vigor novas diretrizes sobre a impressão de informações diretamente na casca, como validade, classificação, nome e registro do produtor. As mudan-

ças reforçam a necessidade de maior controle, rastreabilidade e padronização, além de pressionar o setor a adotar práticas mais rigorosas de qualidade.

Na ADM, o conceito de EGG QUALITY reúne os principais pontos que garantem o sucesso de produtores parceiros de poedeiras comerciais e reprodutoras leves ou pesadas, avaliados junto a especialistas para mensurar o desempenho da granja e customizar soluções. A companhia também oferece rações pré-iniciais e soluções específicas para desafios críticos na fase inicial de criação, reconhecendo que a nutrição do pintinho de um dia impacta diretamente o desempenho produtivo futuro.

Entre essas soluções está o Expert Chick, dieta pré-inicial formulada para garantir maior consumo, melhor ganho de peso e desenvolvimento uniforme dos lotes desde os primeiros dias. O produto combina fitogênicos, enzimas, emulsificantes e aditivos como B-Safe, T5X e Emulmix, que juntos favorecem a digestão, melhoram a função intestinal e contribuem para que as aves expressem seu máximo poten-

cial produtivo, fatores diretamente relacionados à qualidade final dos ovos.

Outra ferramenta tecnológica é a linha B-Traxim (minerais orgânicos). Essa solução foi desenvolvida para promover uma absorção mais eficiente, com menor interação negativa entre minerais essenciais envolvidos nos processos metabólicos relacionados tanto à formação da casca quanto ao conteúdo interno dos ovos. Como resultado, há uma melhora significativa na qualidade da casca, no frescor e na padronização dos ovos ao longo de todo o ciclo produtivo.

A Feed&Food foi conversar com Marco Aurélio Nunes, gerente técnico de Aves da ADM para entender melhor este processo. Acompanhe na sequência.

**Os ajustes nutricionais e de manejo devem ser planejados de forma integrada e contínua, considerando todo o ciclo produtivo das poedeiras, desde o primeiro dia de vida até as fases mais avançadas de postura. Como eles devem ser feitos?** Do ponto de vista nutricional, é fundamental adequar o fornecimento de energia, proteína, aminoácidos, vitaminas e minerais às exigências específicas de cada fase, respeitando fatores como idade das aves, genética, ambiente e objetivo produtivo.

No manejo, aspectos como ambiência, programa de luz, densidade, acesso uniforme à ração e à água e boas práticas de biossegurança têm impacto direto no consumo alimentar, na persistência da postura e na qualidade final do ovo. Quando nutrição e manejo caminham juntos, é possível reduzir perdas (especialmente relacionadas à qualidade da casca), aumentar a produtividade e garantir maior longevidade produtiva das aves, o que se traduz em maior rentabilidade para o produtor.

**Quais foram os avanços nutricionais da avicultura de postura desenvolvidos pela ADM e que têm gerado os melhores índices de produtividade aos produtores?** A ADM tem investido fortemente em soluções nutricionais baseadas em ciência, tecnologia e avaliação prática em campo, considerando as necessidades dos avicultores. Um dos principais avanços está no desenvolvimento de dietas mais precisas e funcionais, capazes de atender às exigências metabólicas das aves em cada fase produtiva.



Marco Aurélio Nunes, gerente técnico de Aves da ADM

Entre os destaques está o Expert Chick, dieta pré-inicial que atua desde os primeiros dias de vida, estimulando maior consumo, melhor desenvolvimento intestinal e ganho de peso uniforme. Esse cuidado inicial impacta diretamente o desempenho futuro das poedeiras, refletindo em maior persistência de postura e melhor qualidade dos ovos ao longo do ciclo.

Outro avanço relevante é a linha B-Traxim, de minerais orgânicos, que promove maior biodisponibilidade e melhor absorção de minerais essenciais. Essa tecnologia contribui de forma consistente para a formação da casca, a padronização dos ovos e a manutenção do frescor, especialmente em lotes mais velhos, onde tradicionalmente ocorrem maiores perdas.

**Quais são atualmente os pontos mais relevantes que a ADM apresenta no campo para a evolução nutricional do setor de postura?** No campo, a ADM atua de forma próxima aos produtores, levando soluções que vão além da formulação da ração. Um dos pontos mais relevantes é a avaliação técnica personalizada, que considera indicadores produtivos, qualidade do ovo, desempenho zootécnico e desafios específicos de cada granja.

Além disso, a companhia tem foco em tecnologias que aumentam a eficiência nutricional, como o uso de enzimas, emulsificantes, fitogênicos e aditivos funcionais que melhoram a digestibilidade, a saúde intestinal e o aproveitamento dos nutrientes. Também há forte atenção à rastreabilidade

e à padronização da produção, aspectos cada vez mais exigidos pelo mercado e pela legislação, como as novas diretrizes de identificação e informação impressas na casca dos ovos.

**Explique, por favor, o conceito de EGG QUALITY, que reúne os principais pontos que garantem o sucesso de produtores parceiros de poedeiras comerciais da ADM e reprodutoras leves ou pesadas, avaliados junto a especialistas para mensurar o desempenho da granja e customizar soluções.** O EGG QUALITY é um conceito desenvolvido pela ADM que integra todos os fatores determinantes para a qualidade do ovo e o sucesso produtivo das granjas. Ele considera desde a nutrição inicial das aves até os resultados percebidos pelo consumidor, como resistência da casca, tamanho do ovo, coloração da gema e qualidade do albúmen.

Esse conceito é aplicado por meio de avaliações técnicas realizadas em conjunto com especialistas, que analisam indicadores de desempenho, perdas ao longo do processo, persistência de postura e eficiência nutricional. A partir dessas informações, a ADM customiza soluções específicas para cada produtor, ajustando dietas, manejos e tecnologias de acordo com a realidade da granja.

O objetivo do EGG QUALITY é garantir não apenas maior produtividade, mas também consistência, qualidade e rentabilidade ao longo de todo o ciclo produtivo, atendendo às novas exigências do mercado e às expectativas do consumidor por ovos cada vez mais seguros, padronizados e de alta qualidade. ■



# FS FUELING SUSTAINABILITY: DO MILHO À NUTRIÇÃO ANIMAL, ENERGIA QUE NUTRE A PRODUÇÃO ANIMAL

**P**ioneira na produção de etanol 100% de milho segunda safra no Brasil, a FS Fueling Sustainability opera com tecnologia de ponta, escala industrial e compromisso com a sustentabilidade. Tudo isso é levado como atributos para um portfólio exclusivo de ingredientes para nutrição animal, produzidos com rigor, padronização e respaldo científico.

A FS nasceu com operações concentradas no estado de Mato Grosso, para transformar o milho de segunda safra em energia limpa e eficiente. Com operações iniciadas em Lucas do Rio Verde em 2017,

a companhia expandiu para Sorriso em 2020 e para Primavera do Leste em 2023. Na safra 25/26, essa estrutura processou cerca de 6 milhões de toneladas de milho, resultando em aproximadamente 2,6 bilhões de litros de etanol, entre anidro e hidratado, e 2,2 milhões de toneladas de produtos destinados à nutrição animal. As unidades operam de forma contínua, 24 horas por dia, durante 360 dias ao ano, mantendo elevado padrão de qualidade. Com adição de novas plantas e a ampliação das unidades existentes, a capacidade produtiva se-

rá elevada ainda mais, reforçando o compromisso da FS com o fornecimento contínuo para o mercado. Uma indústria de larga escala, no coração da maior região produtora de milho do Brasil, com capacidade de fornecimento contínuo para atender desde grandes agroindústrias até propriedades rurais em todo o país. Todo esse processo gera, por meio de tecnologias exclusivas de fracionamento, um portfólio completo de ingredientes para nutrição animal, com o mesmo rigor e compromisso que fazem da FS referência no setor de biocombustíveis.

## TECNOLOGIA QUE ORIGINA INGREDIENTES ÚNICOS.

A FS é pioneira no Brasil no uso das tecnologias ICM de Moagem Seletiva (SMT™) e Separação de Fibras (FST™), que fracionam o milho antes da fermentação com alta precisão, separando fibras, amido e proteínas de forma controlada. O resultado são três ingredientes distintos, com composição definida, consistência garantida lote a lote e aplicação específica para cada segmento da produção animal.

O FS Essencial é o HPDDG - High Protein Dried Distillers Grains (Grãos Secos de Destilaria de Alta Proteína). Com teor proteico acima de 40%, reúne em uma única fonte proteína de alta disponibilidade, energia, fibra funcional e parede de levedura, prebiótico originado naturalmente do processo de fermentação do etanol, com potencial para modulação da microbiota intestinal. Para ruminantes, destaca-se pelo elevado teor de Proteína Não Degradável no Rúmen (PNDR de 63,1%), que favorece o aporte de aminoácidos diretamente no intestino delgado, aumentando a eficiência do uso proteico em bovinos de corte e leite. É ainda fonte de pigmentantes naturais, relevante para aves de postura, e oferece excelente aporte energético para todas as espécies.

O FS Ouro é o DFS - Dried Fiber with Solubles (Fibra Seca com Solúveis). Excelente fonte de fibra, proteína e energia, é comercializado nas formas farelada e peletizada, garantindo flexibilidade logística e de aplicação. Contém parede de levedura oriunda do processo fermentativo, agregando valor prebiótico, e se aplica do segmento econômico ao premium especial com ótimo custo-benefício.

O FS Úmido é o WFS - Wet Fiber with Solubles (Fibra Úmida com Solúveis). Indicado para operações com capacidade de recebimento de ingredientes úmidos, oferece os benefícios nutricionais da fração fibrosa do milho com alta palatabilidade, sendo especialmente interessante para uso direto em rações úmidas ou sistemas de alimentação líquida.

Todos os ingredientes são produzidos por secagem indireta a va-



por, tecnologia que preserva o valor nutricional, evita a degradação de aminoácidos e gorduras e garante coloração amarelo-dourado uniforme ao longo de todo o ano.

## SUSTENTABILIDADE NA ESSÊNCIA DO NEGÓCIO.

Os ingredientes da FS resultam de um modelo de economia circular: o milho de segunda safra abastece a indústria, que gera etanol e ingredientes para nutrição animal. A biomassa renovável gera 100% da energia industrial, e as cinzas retornam ao campo como o biofertilizante BioFertS, fechando o ciclo entre agricultura, indústria e campo. Ao utilizar os ingredientes da FS, o produtor contribui para uma cadeia com menor pegada de carbono, cada vez mais exigida pelos mercados nacional e de exportação. A empresa avança ainda para se tornar a primeira produtora mundial de etanol carbono negativo, com a implementação da tecnologia BECCS, Bioenergia com Captura e Armazenamento de Carbono.

## CIÊNCIA: UM PILAR DESDE O INÍCIO.

A ciência é um dos pilares fundamentais da FS desde o início de suas operações. A empresa investe significativamente todos os anos em pesquisa aplicada à nutrição animal, com o compromisso de oferecer reco-

mendações precisas e seguras para as empresas e produtores que utilizam seus ingredientes. É com orgulho que a FS garante que seus diferenciais não são apenas declarações comerciais, são afirmações baseadas em ciência, validadas em estudos conduzidos com as melhores instituições de pesquisa do país, que asseguram ao mercado ingredientes com desempenho conhecido, previsível e comprovado da formulação ao resultado no campo.

## UM PARCEIRO PARA TODA A CADEIA.

A FS atua em todos os segmentos: aves de corte e postura, suínos, aquicultura, pet food, bovinos de corte e leite. Mais de 1.000 clientes em 18 estados brasileiros são atendidos com alto nível de serviço, suporte técnico permanente e modelos comerciais flexíveis, preço fixo, cadência de entrega ajustável e contratos frame atrelados a referências de mercado. Mais de 60 profissionais garantem o controle de qualidade 24h por dia, com análises por NIR e laboratórios externos. Certificações GMP+ Feed Safety Assurance, Halal, Kosher, Amigos do bem-estar animal (ABEA) e ISO 9001 asseguram rastreabilidade e segurança em cada lote. ■

@fuelingsustainability  
[www.fs.agr.br](http://www.fs.agr.br)



# QUANDO O COOPERATIVISMO TRANSFORMA TERRITÓRIOS

COM PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO, EXPANSÃO TERRITORIAL E INVESTIMENTOS EM INFRAESTRUTURA E INDUSTRIALIZAÇÃO, A **CAPAL** AMPLIA SUA PRESENÇA NO SUL E SUDESTE E REFORÇA O PAPEL DO COOPERATIVISMO COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

**GLAUCIA BEZERRA**

Especial para a Revista Feed&Food

**N**o campo, algumas transformações acontecem silenciosamente, mas deixam marcas profundas na paisagem produtiva e social das regiões onde se instalam. Ao ampliar sua presença territorial, investir em infraestrutura e integrar produtores em torno de um modelo cooperativista sólido, a Capal Cooperativa Agroindustrial tem consolidado um movimento que vai além do crescimento institucional: trata-se de um processo de transformação do agro regional. Nos últimos anos, a cooperativa tem expandido sua atuação por novas regiões do Norte Pioneiro (Paraná) e de São Paulo, incorporado estruturas

produtivas e fortalecido a relação com seus cooperados, um conjunto de decisões estratégicas que posiciona a Capal como um agente ativo na modernização das cadeias produtivas e no fortalecimento do cooperativismo.

Esse avanço não ocorre por acaso. Segundo o presidente executivo da Capal, Adilson Roberto Fuga, a expansão da cooperativa é resultado direto de um planejamento estratégico estruturado ao longo de anos. A partir desse direcionamento, a organização passou a identificar regiões com potencial produtivo, mas ainda pouco atendidas por cooperativas, ampliando gradualmente sua presença e criando oportunidades para os produtores locais.

### **EXPANSÃO TERRITORIAL E INTEGRAÇÃO PRODUTIVA.**

Foi dessa forma que a Capal avançou para o Norte Pioneiro do Paraná e consolidou sua presença em regiões do interior paulista. Embora a cooperativa já estivesse presente em Itararé (SP) desde a década de 1970, áreas como Taquarivaí, Buri, Itapeva e Taquarituba apresentavam baixa presença cooperativista e produtores frequentemente isolados em suas atividades. Ao mapear esse cenário, a cooperativa passou a atuar de forma estruturada nessas regiões, ampliando o atendimento e integrando novos produtores ao sistema cooperativista.

Esse processo também foi impulsionado por movimentos de incor-

poração de cooperativas locais, que permitiram ampliar rapidamente a base produtiva e a presença territorial da Capal. Um dos primeiros passos nesse sentido ocorreu com a incorporação da Copaleste, nas cidades de Wenceslau Braz e Carlópolis, no Paraná. A integração abriu caminho para uma nova frente produtiva: o café. Embora a Capal não tivesse experiência inicial com a cultura, a cooperativa passou a oferecer assistência técnica aos produtores da região e, posteriormente, avançou também para a etapa de comercialização.

Para completar a cadeia, foram adquiridas duas empresas, uma em Pinalhão (PR) e outra em Piraju (SP), permitindo que a cooperativa passasse a atuar desde o fornecimento de insumos e assistência técnica até a venda do produto. A estratégia de integração da cadeia produtiva tornou-se um dos pilares da atuação da Capal, ampliando o valor gerado para os cooperados.

Outras incorporações reforçaram esse processo de expansão. No interior paulista, a integração da Coreata, em Taquarituba, abriu espaço para novos investimentos e ampliou significativamente a área de atuação da cooperativa. Já no Paraná, a incorporação da COAC (Cooperativa Agropecuária Caeté), em Curiúva, fortaleceu a presença da Capal junto a pequenos produtores, ampliando o alcance do modelo cooperativista.

Mais recentemente, a incorporação da Coopagrícola ampliou a presença da Capal nos Campos Gerais do Paraná, alcançando municípios como Ponta Grossa, Ivaí, Ipiranga e Palmeira, além de avançar até Irati e Campo Largo. Mais do que uma expansão territorial, a integração leva à região um modelo de atuação centrado no cooperado.

De acordo com Adilson, a Capal trabalha exclusivamente com produtores associados, um princípio que reforça a essência do cooperativismo. Diferentemente de modelos que atendem produtores de forma indistinta, a cooperativa concentra seus serviços e estruturas no fortalecimento dos cooperados. “Nós não queremos ser comparados com uma revenda. O foco é sempre buscar as melhores condições para o produtor associado”, afirma.

Essa estratégia também inclui um intenso processo de mapeamen-



“Nós não queremos ser comparados com uma revenda. O foco é sempre buscar as melhores condições para o produtor associado” - **Adilson Roberto Fuga**

to das regiões atendidas, identificando produtores com potencial para se tornarem novos cooperados e ampliando a base associativa. Para a Capal, fortalecer o vínculo cooperativo é um elemento central para impulsionar o crescimento sustentável da organização e dos produtores.

**INFRAESTRUTURA E ASSISTÊNCIA PARA GERAR VALOR NO CAMPO.** Paralelamente à expansão territorial, a cooperativa tem investido de forma consistente em infraestrutura e serviços ao produtor. Estruturas de recepção, secagem e armazenagem de grãos vêm sendo ampliadas para acompanhar o crescimento da produção, enquanto a assistência técnica tem papel estratégico na busca por maior eficiência produtiva.

Segundo Fuga, o objetivo central é ajudar o produtor a produzir mais com menor custo. Para isso, a cooperativa oferece suporte técnico especializado e condições competitivas no fornecimento de insumos. Um diferencial do modelo da Capal é que os técnicos não atuam como vendedores, mas como orientadores focados na produtividade e na sustentabilidade econômica das propriedades.

A diversificação das atividades também tem sido incentivada como forma de ampliar a geração de renda nas propriedades. A cooperativa atua em cadeias como a bovino-cultura de leite e a suinocultura, esta última em parceria com a cooperativa Aurora, criando oportunidades para que os produtores ampliem suas atividades e extraiam maior valor de suas áreas produtivas.

Os impactos do cooperativismo também se refletem diretamente nas regiões onde a Capal atua. Além de movimentar a economia local por meio da produção agrícola, a cooperativa contribui para a arrecadação municipal e para a geração de empregos. A presença da cooperativa nos municípios também está associada ao apoio a instituições sociais, como hospitais e entidades assistenciais, fortalecendo a rede de desenvolvimento local.

Para os próximos anos, a Capal aposta na ampliação da industrialização como uma das frentes de transformação do agronegócio. Em parceria com outras cooperativas, como Frisia e Castrolanda, a organização tem investido na estruturação da cadeia de lácteos, com unidades de recebimento, processamento e produção de derivados.

Outro exemplo é a intercooperação na Maltaria Campos Gerais, que abriu novas possibilidades de produção de inverno com a cultura da cevada, ampliando as alternativas de renda para os produtores. Iniciativas desse tipo, que integram produção e industrialização, reforçam o papel do cooperativismo na geração de valor dentro do próprio sistema produtivo.

Nesse cenário, a Capal busca manter sua trajetória de crescimento aliada à ampliação de serviços e oportunidades para os cooperados. Ao conectar planejamento estratégico, expansão territorial, inovação produtiva e integração entre cooperativas, a organização reforça uma visão de longo prazo para o desenvolvimento do agro. “Mais do que crescer em números, a proposta é fortalecer um modelo capaz de transformar realidades produtivas e regionais, mostrando que, quando o cooperativismo se estrutura de forma sólida, ele se torna uma força capaz de redesenhar o futuro do campo”, finaliza Adilson. ■



# SIMPÓSIO BRASIL SUL DE AVICULTURA REFORÇA A INTEGRAÇÃO ENTRE CIÊNCIA, INDÚSTRIA E CAMPO

EVENTO REUNIU **MAIS DE 2.500 PROFISSIONAIS EM CHAPECÓ (SC)** E SE CONSOLIDA COMO UM DOS MAIS IMPORTANTES DO SETOR

**GIOVANA DE PAULA**  
giovana@dc7comunica.com.br

O 26º Simpósio Brasil Sul de Avicultura (SBSA), realizado em abril em Chapecó (SC), reuniu mais de 2.500 profissionais do Brasil e do exterior, consolidando-se como um dos principais eventos do setor. Promovido pelo Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas (Nucleovet), o encontro ocorreu ao longo de três dias e foi marcado por debates técnicos, painéis estratégicos e intensa troca de experiências.

A programação abordou temas centrais da avicultura moderna, como gestão, mercado, sanidade, nutrição, sustentabilidade e processos industriais, reforçando a integração entre ciência, indústria e campo.

Paralelamente, a 17ª Brasil Sul Poultry Fair reuniu mais de 70 empresas, ampliando o ambiente de negócios, apresentação de tecnologias e networking.

A presidente do Nucleovet, Aletéia Britto da Silveira Balestrin, destacou o sucesso da edição, com público recorde e discussões relevantes. Segun-

do ela, o evento reflete um setor em constante transformação, que exige cada vez mais qualificação, inovação e visão estratégica. “A avicultura foi apresentada como uma atividade que vai além da produção, envolvendo gestão de pessoas, tecnologia e compreensão dos cenários globais”, destacou Aletéia.

A abertura do Simpósio reforçou o papel da avicultura na segurança alimentar mundial. Dados apresentados indicam que a produção global de carne de frango chegou a 105,8 milhões de toneladas em 2025, com previsão de crescimento para 107,5 milhões em 2026, consolidando-se como a proteína animal de maior expansão. Nesse cenário, o Brasil ocupa posição de destaque como segundo maior produtor mundial e líder nas exportações, com cerca de 5,3 milhões de toneladas exportadas em 2025 e participação de aproximadamente 38% do comércio internacional, gerando receitas próximas de 9,8 bilhões de dólares e presença em mais de 150 mercados.

A programação científica reuniu

especialistas que discutiram desafios e avanços da avicultura moderna. Entre os principais temas, destacaram-se sanidade, controle de doenças emergentes, nutrição de precisão e saúde intestinal. Esses tópicos evidenciaram a importância do monitoramento constante, da biossegurança e da adoção de tecnologias para garantir produtividade e sustentabilidade.

No campo da geopolítica, a palestra de abertura, conduzida pelo cientista político Heni Ozi Cukier, trouxe uma análise dos cenários globais para 2026. Ele destacou que decisões econômicas não podem ser compreendidas isoladamente, pois estão diretamente ligadas a interesses políticos e estratégicos. “Relações comerciais são também relações de poder, marcadas por disputas e interdependências”, disse. O avanço de políticas protecionistas, como o aumento de tarifas (“tarifaço”), foi apontado por ele como um fator relevante que impacta cadeias produtivas globais, incluindo o agronegócio. A compreensão da

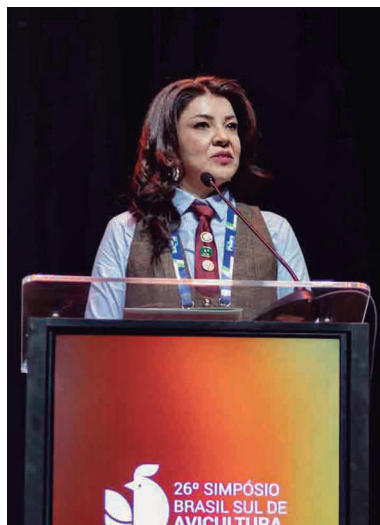
geopolítica, portanto, foi apresentada como essencial para o planejamento estratégico e a competitividade.

Na área de nutrição, o pesquisador Wilmer Pacheco abordou a granulometria da ração e seus efeitos no trato digestivo das aves. Ele explicou que o tamanho das partículas influencia diretamente a digestibilidade, a absorção de nutrientes e a saúde intestinal. “É preciso destacar a importância de equilibrar microestrutura (tamanho das partículas) e macroestrutura (formato do pellet), além da necessidade de controle rigoroso nos processos industriais, como moagem e peletização. Partículas mais finas aumentam a absorção, enquanto partículas maiores estimulam a moela e contribuem para o controle de patógenos”, disse.

Outro destaque foi a palestra da professora Roselina Angel, que discutiu os níveis de cálcio e fósforo nas dietas de frangos de corte. Ela alertou que o excesso de cálcio, mais do que a deficiência, tem sido um problema recorrente, afetando a digestibilidade de nutrientes, a qualidade da cama e a saúde das aves. “O desequilíbrio mineral pode comprometer o desempenho produtivo e a absorção de micronutrientes”, disse. A especialista destacou ainda a necessidade de maior precisão na formulação das rações e ajustes nos processos industriais, especialmente no manejo de ingredientes como o calcário.

A gestão de pessoas foi um dos temas centrais do evento, especialmente diante da escassez de mão de obra na cadeia produtiva. O painel sobre capital humano reuniu especialistas que discutiram mudanças estruturais no mercado de trabalho, como envelhecimento populacional, queda da natalidade e novas expectativas das gerações mais jovens. Foi ressaltado que os profissionais buscam propósito, desenvolvimento e melhores condições de trabalho, exigindo adaptação das empresas.

Joanita Maestri Karoleski, Presidente do Fundo JBS pela Amazônia, destacou que o desafio pode estar mais relacionado à qualidade da liderança do que à falta de trabalhadores, sugerindo um “apagão de liderança”. “É preciso criar ambientes organizacionais estruturados, integração entre gerações e valorização do capital humano como elemento estratégico”, disse.



**Aletéia Britto da Silveira Balestrin**, presidente do Nucleovet

Vilto Meurer, ex-diretor de produção agropecuária da BRF, reforçou que liderança, conhecimento técnico e métodos de gestão são pilares fundamentais para retenção de talentos. “Temos que propiciar um engajamento, do senso de pertencimento e do propósito no trabalho, além da necessidade de capacitação contínua e uso de metodologias adequadas para formação de adultos”, afirmou.

Delair Bolis, presidente da MSD Saúde Animal no Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia complementou o debate afirmando que a escassez de mão de obra é uma tendência estrutural, exigindo mudanças nos modelos de trabalho. “Eu avalio como positivo o uso estratégico da tecnologia aliado ao desenvolvimento de lideranças, ressaltando que o futuro do setor depende da capacidade de integrar pessoas, processos e inovação. Também destacou que a tecnificação deve ser aplicada de forma criteriosa e alinhada à estratégia”, afirmou.

Na área de sanidade, foram abordados desafios como doenças respiratórias e problemas entéricos. A médica veterinária Renata Casagrande discutiu a laringotraqueíte infecciosa das galinhas, enfatizando a importância de um diagnóstico completo baseado em três pilares: análise epidemiológica, sinais clínicos e exames laboratoriais. “A doença, identificada em Santa Catarina a partir de 2020, apresenta baixa virulência, mas exige monitoramento constante devido ao risco de mutações. A vacinação tem se mostrado



**Joanita Maestri Karoleski**, Presidente do Fundo JBS pela Amazônia

eficaz no controle, embora não elimine completamente o vírus”, afirmou.

Já o médico veterinário Ricardo Rauber apresentou os impactos das micotoxinas na saúde intestinal das aves. “Essas substâncias afetam a microbiota, a integridade do intestino e a capacidade de absorção de nutrientes, resultando em pior desempenho produtivo. Micotoxinas como aflatoxinas, fumonisinas e DON atuam como fatores predisponentes a doenças, especialmente quando associadas a outros desafios do ambiente produtivo. O controle dessas substâncias, por meio do monitoramento de matérias-primas e rações, é essencial para garantir eficiência na produção”, destacou.

Além dos conteúdos técnicos e estratégicos, o SBSA também promoveu ações sociais. Parte da receita foi destinada a instituições beneficentes de Chapecô, como a Associação de Voluntários do Hospital Regional do Oeste e a Rede Feminina de Combate ao Câncer, reforçando o compromisso social do Nucleovet.

De forma geral, o Simpósio evidenciou que a avicultura moderna depende da integração entre conhecimento científico, inovação tecnológica, gestão eficiente e qualificação profissional. O evento reforçou o papel estratégico do Brasil no cenário global e destacou a necessidade de adaptação contínua frente aos desafios econômicos, sanitários e sociais, consolidando o setor como essencial para a segurança alimentar mundial e o desenvolvimento econômico. ■

# AGCARE, NOVA DIVISÃO DA AGROCERES MULTIMIX, CRIA CONCEITO NUTRICIONAL NO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

NOVA DIVISÃO DA **AGROCERES MULTIMIX** É FOCADA EM PESQUISA, DESENVOLVIMENTO, VALIDAÇÃO, PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DE ALTA PERFORMANCE

**GIOVANA DE PAULA**  
giovana@dc7comunica.com.br

A Agroceres Multimix apresentou em março a agCare, sua nova divisão dedicada ao desenvolvimento de produtos de especialidade para a nutrição animal, com base em ciência, método e validação técnica rigorosa.

O lançamento foi realizado na cidade de Itatiba, no interior de São Paulo. A agCare é a nova divisão da Agroceres Multimix focada em pesquisa, desenvolvimento, validação, produção e comercialização de produtos de alta performance, desenvolvidos para responder às demandas reais do campo.

A estrutura da divisão foi concebida para transformar conhecimento técnico e científico em soluções confiáveis, sustentadas por dados, consistência estatística e comprovação biológica.

A criação da divisão agCare consolida uma visão estratégica já presente na Agroceres Multimix: ampliar a

fronteira tecnológica da nutrição animal por meio de soluções de alta performance, com elevado nível de confiabilidade e resultados comprovados.

O movimento reforça o compromisso da empresa com a inovação e com a evolução contínua da nutrição animal no Brasil e no mundo, entregando ao mercado produtos desenvolvidos com alto rigor científico e foco. A Agroceres Multimix, nos últimos cinco anos, investiu R\$ 80 milhões, com a condução de 274 estudos científicos. Esse modelo, de acordo com a Agroceres Multimix, já se reflete em um portfólio robusto atualmente disponível no mercado e sustentados por dados técnicos consistentes.

Segundo Ricardo Ribeiral, diretor da Agroceres Multimix, desde 2008 a empresa trabalha dentro de conceito de especialidades. “Trabalhamos os conceitos de especialidades sensoriais, nu-

tricionais tecnológicas e zootécnicas”, detalhou. “Conseguimos, assim, entender os desafios do mercado, com caminho próprio e protocolo específico para cada produto”, afirmou. “Entendemos a ação de cada blend com robustez, em cada produto, com muita confiabilidade e análise de dados”, disse.

Ribeiral destacou que todo o trabalho é feito por meio de uma ampla análise ajustada ao mercado, através de conceitualização técnica. “É um grau profundo de complexidade para a construção e validação de todo o processo. Suplantamos, assim, o conceito de nutrição dentro do processo de produção de proteína animal, redimensionando as entregas através de cada especialidade com o máximo desempenho”, apontou.

Todos os produtos desenvolvidos pela divisão agCare seguem um rito estruturado de desenvolvimento, ba-

seado em ciência aplicada e validação criteriosa. O rigor científico é o principal filtro que orienta cada etapa do processo, assegurando soluções consistentes e confiáveis para o produtor.

Cada especialidade parte de uma investigação aprofundada, passa por validações técnicas criteriosas e é sustentada por uma estrutura laboratorial preparada para garantir precisão, confiabilidade e performance.

Apenas soluções que demonstram consistência estatística e biológica, aliadas à segurança e reprodutibilidade dos resultados, avançam até a etapa de comercialização.

De acordo com Tarley Araújo, gerente de pesquisa e saúde animal da Agroceres Multimix, o processo de desenvolvimento das especialidades nasce da demanda do mercado, da decisão de encontrar a solução, com revisão científica para a busca de soluções. “Qual é o melhor caminho a seguir para o desenvolvimento de soluções?”, questionou. “O produto só surge após ampla análise de dados, pesquisa e resultados”, explicou. “Há um envolvimento muito grande da equipe de campo, nossa primeira entrada de demandas”, explicou. “Mudamos, inclusive, conceitos de experimentos para validar o termo de especialidades, com protocolos de desafios sanitários, nutricionais e até comportamentais”, pontuou.

Araújo avaliou como destaque dentro da Agroceres Multimix toda a estrutura de testes feita pela empresa. “Temos o mais alto rigor para os testes e pesquisas, com repetição, casualização e controle local, com revisão de cada problema e busca pelas respostas”, disse. “Com a divisão agCare, atingimos um novo patamar dentro de um conceito nutricional mais amplo”, disse.

**PARCERIAS CIENTÍFICAS E INSTITUCIONAIS.** A divisão agCare mantém parcerias técnicas e científicas com instituições de referência no Brasil e no exterior, que contribuem para a validação dos produtos e para a compreensão aprofundada de mecanismos de ação, respostas biológicas e limites de uso, entre elas Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ-USP), Universidade Federal de Viçosa (UFV) Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Kansas State University (EUA).



Ricardo Ribeiral, diretor da Agroceres Multimix

Filipe Zanferari, gestor técnico de formulação e desenvolvimento da Agroceres Multimix, destacou o desempenho previsível dos produtos sob a variabilidade real. “De ingredientes, processo e do uso em campo. Pontuamos quais controles garantem os resultados da estabilidade dos ingredientes, a segurança e se é invariavelmente eficaz”, explicou. “Precisamos entender a complexidade dos desafios. Os ingredientes têm uma importante parcela de responsabilidade, normalmente negligenciada para a qualidade das misturas”, destacou.

Jéssica Russo, coordenadora de pesquisa para aves da Agroceres Multimix, afirmou que o conhecimento da equipe faz toda a diferença no campo. “Há uma troca muito grande de informações para a evolução de nossos produtos e, assim, solucionamos as principais demandas de nossos clientes”, disse. “Adequamos análises e estudos para garantir a segurança em cada princípio ativo nas granjas. São protocolos que duram até três anos até o lançamento das especialidades, tamanho o rigor estabelecido”, afirmou.

Ela detalhou o processo para o lançamento do agProfito. “Espelhamos o que acontece no campo, no centro de pesquisa, com o desafio dos animais, avaliação de desempenho zootécnico, integridade



Tarley Araújo, gerente de pesquisa e saúde animal da Agroceres Multimix, e, na foto à direita, Felipe Alves, nutricionista de suínos da empresa

intestinal, rendimento de carcaça e da qualidade da casca dos ovos”, pontuou.

Segundo Felipe Alves, nutricionista de suínos da Agroceres Multimix, o trabalho feito pela empresa é baseado em estratégia, ingredientes cientificamente testados e estrutura para análise de dados. “O que faz a engrenagem girar são os desafios vividos a campo”, destacou. “A solução de problemas depende de um conjunto de fatores que envolve ciência, robustas linhas de pesquisa e o trabalho de melhoria na eficiência dos ingredientes”, afirmou.

Alves apresentou o trabalho feito com o Flavolac. “Eu considero este produto um case de sucesso. Ele discutiu o impacto do aumento da produtividade sobre a sobrevivência de leitões”, disse. “Registramos a melhoria e o equilíbrio entre o aumento de leitões nascidos vivos e o número de desmamados, um fator que amplia a melhoria da rentabilidade final ao produtor”, explicou. ■



Jéssica Russo, coordenadora de pesquisa para aves da Agroceres Multimix, e, na foto à direita, Filipe Zanferari, gestor técnico de formulação e desenvolvimento da empresa

# APCS CHEGA AOS 59 ANOS ENTREGANDO RESULTADOS

A Associação Paulista de Criadores de Suínos (APCS) chega aos seus 59 anos de fundação reafirmando seu compromisso com o desenvolvimento da suinocultura paulista e com a geração de resultados concretos para seus associados.

Por meio de seus principais braços de gestão associativista - a Bolsa de Comercialização de Suínos do Estado de São Paulo "Mezo Wolters" e o Consórcio Suíno Paulista "Vanderlei Bresiani" - a entidade vem demonstrando eficiência, transparência e profissionalismo nas operações que realiza.

Na área de comercialização, a Bolsa de Suínos movimentada semanalmente cerca de 29 mil suínos, com peso médio de 116 kg e preço médio registrado na última bolsa de R\$ 7,09 kg. Considerando uma média de 4,2 semanas por mês, o volume financeiro envolvido na formação de preços pode alcançar aproximadamente R\$ 100.173.192,00 mensais, demonstrando a relevância da Bolsa para o mercado paulista.

Já no Consórcio Suíno Paulista, apenas na compra de aminoácidos, realizada por meio de licitação e analisada pela comissão responsável, foi adquirido para a entrega no mês de abril um volume de R\$ 3.512.681,54.

Ainda ao longo do mês, serão incorporadas novas aquisições, incluindo farelo de soja, macros, antibióticos, injetáveis, material de inseminação e produtos de limpeza, ampliando significativamente o volume negociado.

Somente nos dois primeiros meses do ano, o Consórcio já registrou compras próximas de R\$ 47.843.000,00, números que refletem o alto nível tecnológico e produtivo das granjas paulistas, sempre em busca de insumos de qualidade para a melhor nutrição e desempenho dos suínos.

Todo esse trabalho reforça o compromisso da gestão da Bolsa de Comercialização e do Consórcio Suíno Paulista com os princípios de transparência, organização e profissionalismo, fundamentais para o fortalecimento do setor. ■

## NA BOLSA DE SUÍNOS

Cerca de  
**29 mil**  
suínos comercializados  
semanalmente

Com peso médio de

**116 kg**

Preço médio registrado  
na última bolsa de

**R\$ 7,09 kg**

// 3ª Edição //

**VICTAM**  
*LatAm* 2027

EM PARALELO COM



**2**  
EVENTOS  
SIMULTÂNEOS

**14-16**

SETEMBRO  
2027

EXPO CENTER NORTE  
SÃO PAULO, BRASIL

## O MAIOR EVENTO DE **NUTRIÇÃO ANIMAL E PROCESSAMENTO DE GRÃOS** DA AMÉRICA LATINA

Feira de novas *tecnologias, máquinas, equipamentos, ingredientes e aditivos* para produção de ração, além de *armazenagem, moagem, tratamento e transporte de grãos* para as indústrias de nutrição animal.

**+8.500**  
COMPRADORES

**+450**  
MARCAS  
EXPOSITORAS

**CONGRESSO  
INTERNACIONAL**  
CONFERÊNCIAS E WORKSHOPS

**VISITANTES DE  
TODA AMÉRICA  
LATINA**

**70%**  
DOS VISITANTES  
FECHARAM NEGÓCIOS

**60 ANOS**  
DE TRADIÇÃO NA  
EUROPA E ÁSIA



MEMBROS FUNDADORES:

**ANDRITZ**



**FAMSUN**  
Integrated Solution Provider

**WENGER®**

**ZHENG CHANG**

**FERRAZ**

**SEJA EXPOSITOR!**  
RESERVE JÁ O SEU STAND



+55 11 91368-8668



victamlatam@interlinkexhibitions.com



victamlatam.com

# DETALHES FAZEM A DIFERENÇA NO SEMI-CÔNFINAMENTO

COM CONDIÇÕES PRODUTIVAS DIVERSAS, **NÃO EXISTE 'RECEITA PRONTA'** E SÃO NECESSÁRIOS AJUSTES

GIOVANA DE PAULA  
giovana@dc7comunica.com.br

O semi-confinamento tem se consolidado como uma estratégia cada vez mais relevante dentro da pecuária de corte brasileira, especialmente em um cenário de busca por eficiência produtiva, sustentabilidade e rentabilidade. Em meio às discussões sobre intensificação, nutrição e tecnologia, especialistas defendem que a chamada “terminação a pasto com suplementação” é uma das formas mais inclusivas de terminação bovina no país, justamente por permitir ganhos consistentes

sem exigir, necessariamente, a estrutura de um confinamento tradicional.

Para Pedro Veiga, consultor da Cargill, é fundamental compreender que terminação não é sinônimo de confinamento. “São sistemas de produção distintos, com dores distintas e desafios distintos”, ressalta. Enquanto o confinamento pressupõe dieta totalmente controlada em cocho, com alta participação de concentrado e animais alojados em currais, a terminação a pasto trabalha com suplementação estratégica sobre uma base forrageira, aproveitando o potencial das

pastagens e ajustando a dieta conforme as condições de cada propriedade.

Segundo o consultor, não existe receita pronta quando se fala em semi-confinamento. As condições são diversas — clima, qualidade da forragem, categoria animal, infraestrutura disponível e capacidade de investimento do produtor influenciam diretamente o modelo adotado. O Brasil possui cerca de 179 milhões de hectares disponíveis para pastagens, o que evidencia o tamanho da oportunidade. “Temos muito potencial para crescer. A base do nosso siste-



ma ainda é o pasto. Precisamos extrair mais eficiência dele”, afirma.

A ração a pasto surge como ferramenta central nesse processo. Ao contrário do que muitos imaginam, a dieta pode ser simples e, ainda assim, apresentar excelentes resultados, desde que os ajustes sejam adequados. A suplementação energética e proteica, quando bem formulada, corrige deficiências da forragem, melhora a taxa de ganho de peso e contribui para encurtar o ciclo de produção. O segredo está na calibragem: oferta correta, adaptação gradual dos animais e acompanhamento técnico constante.

Veiga destaca que a melhoria genética do rebanho brasileiro trouxe ganhos expressivos de desempenho nas últimas décadas, mas também elevou o nível de exigência nutricional. “A genética cobra o preço para a melhoria geral e adequação do sistema produtivo”, explica. Animais mais precoces e com maior potencial de ganho precisam de dietas compatíveis com essa capacidade. Caso contrário, o produtor não captura todo o retorno do investimento feito na seleção e na qualidade do plantel.

Nesse contexto, otimizar a fermentação ruminal é um dos pilares da estratégia nutricional. “O rúmen é o grande motor biológico da bovinocultura de corte, responsável por transformar fibra e nutrientes em energia e proteína microbiana. Ajustes no equilíbrio entre energia e proteína, uso de aditivos e manejo adequado do fornecimento da ração contribuem para maximizar essa fermentação, reduzir perdas e melhorar a eficiência alimentar”, aponta. “O resultado aparece na balança, mas também na saúde do animal e na sustentabilidade do sistema”, diz Veiga.

A resposta em desempenho, contudo, é multifatorial. Raça, idade, classe sexual e condição corporal inicial influenciam diretamente o ganho de peso e o tempo necessário para atingir o ponto de abate. “Animais inteiros, castrados, novilhas ou machos jovens apresentam curvas de crescimento distintas e exigem estratégias específicas. Por isso, a recomendação técnica não pode ser padronizada. É preciso avaliar cada lote e cada realidade produtiva”, afirma.

A terminação a pasto, justamente

por sua flexibilidade, permite ao pecuarista ajustar o nível de intensificação de acordo com seus objetivos e sua capacidade de gestão. “Em regiões com boa oferta de forragem durante grande parte do ano, o semi-confinamento pode representar um salto expressivo de produtividade sem a necessidade de investimentos elevados em infraestrutura. Já em áreas com maior sazonalidade, a suplementação estratégica ajuda a mitigar os efeitos da seca e manter o desempenho dos animais”, aponta o especialista.

Outro ponto central destacado por Veiga é a valorização de uma cria bem-feita. “Um bezerro bem nutrido desde as fases iniciais, com sanidade adequada e bom manejo, chega à recria e à terminação com maior potencial produtivo. Manter o nível de produtividade ao longo de todo o ciclo é um desafio que exige planejamento. Não adianta intensificar apenas a fase final se as etapas anteriores não sustentarem esse avanço. A integração entre cria, recria e terminação é determinante para o sucesso econômico da atividade”, afirma.

O próprio perfil do pecuarista brasileiro tem mudado. De acordo com Veiga, o produtor já percebeu que precisa investir mais em nutrição para se manter competitivo. “A conta é clara: custos fixos diluídos em maior produção por hectare resultam em melhor margem. Ao acelerar o giro do capital e reduzir a idade de abate, o semi-confinamento contribui para melhorar indicadores financeiros e aumentar a previsibilidade do negócio”, avalia.

Essa evolução passa também por uma visão integrada de pessoas, produtos e plataformas. Pessoas capacitadas são fundamentais para executar corretamente o manejo nutricional e interpretar indicadores zootécnicos. “Produtos de qualidade garantem consistência no desempenho. E plataformas tecnológicas — como softwares de gestão, monitoramento de consumo e ferramentas de análise de dados — permitem maior controle das operações”, explica.

Ainda segundo ele, com controle vem a possibilidade de avançar em sustentabilidade. Sistemas mais eficientes produzem mais carne por área, reduzem a emissão por quilo produzido e utilizam melhor os recursos naturais. “A intensificação responsável,

apoiada em nutrição adequada e manejo criterioso, contribui para diminuir a pressão por abertura de novas áreas e reforça a imagem da pecuária brasileira no mercado internacional”, diz.

Apesar dos desafios — volatilidade de preços de insumos, variações climáticas e necessidade de capacitação constante — o cenário é de oportunidade. “O Brasil, com sua vasta área de pastagens e tradição na produção de bovinos, reúne condições únicas para expandir a terminação a pasto com suplementação. O caminho, segundo o consultor, não passa por fórmulas mágicas, mas por estratégia, planejamento e execução técnica”, afirma.

Em síntese, o semi-confinamento se apresenta como alternativa viável e escalável dentro da realidade brasileira. “Ao compreender que terminação não é a mesma coisa que confinamento, o produtor pode escolher o modelo que melhor se adapta à sua propriedade. Com dieta simples, ajustes precisos e foco na eficiência da fermentação ruminal, é possível alcançar excelentes resultados. Integrando genética, nutrição e tecnologia, a pecuária nacional tem espaço para crescer de forma sustentável, ampliando produtividade e rentabilidade em um mercado cada vez mais exigente”, explica. ■

**Pedro Veiga,**  
consultor  
da Cargill: “A  
resposta em  
desempenho é  
multifatorial”





# OPORTUNIDADE NO COCHO: ESTRATÉGIAS PARA DECIDIR PELO USO DE ALIMENTOS ALTERNATIVOS

PEDRO HENRIQUE SOARES MAZZA

A busca por rentabilidade e escala nos sistemas de produção pecuários tornou as reservas de forragem e o uso de concentrados ferramentas indispensáveis para garantir a escala de produção. No entanto, a dependência severa de grãos convencionais, como o milho e a soja, coloca o produtor em uma posição extremamente vulnerável diante das oscilações de mercado e dos altos custos de safras. Ficar refém exclusivamente de safras e do mercado de commodities é um risco elevado no cenário global contemporâneo, onde a alta instabilidade causada por guerras

bélicas e disputas comerciais inflaciona preços de forma imprevisível. Essa dependência do mercado externo torna o negócio pecuário perigoso e arriscado, exigindo que o produtor busque alternativas para proteger suas margens de lucro. É nesse contexto que os alimentos alternativos, resultantes do processamento agroindustrial, surgem como uma rota estratégica para manter o desempenho animal e a sustentabilidade global do sistema. O sucesso nessa transição, contudo, exige que o produtor compreenda a hierarquia desses materiais, diferenciando o que é um coproduto, com va-

lor de mercado e potencial nutricional estabelecido, de subprodutos ou resíduos, que muitas vezes apresentam desafios logísticos e de padronização.

Para que a substituição da soja ou do milho seja financeiramente vantajosa, não basta apenas identificar se o alimento alternativo servirá como fonte principal de proteína, carboidrato ou fibra. É fundamental conhecer com exatidão a composição nutricional completa desses ingredientes para formular uma dieta equilibrada e calcular com precisão se os custos de aquisição, transporte e conservação resultarão em uma redução real no custo de produção. Além disso, é indispensável que o técnico responsável pela formulação realize uma pesquisa rigorosa na literatura científica para validar a viabilidade nutricional desses insumos. Essa investigação deve garantir que o alimento não possua fatores antinutricionais, capazes de causar prejuízos metabólicos ou intoxicações graves ao rebanho, respeitando sempre os limites de inclusão para cada espécie e categoria animal.

O processo de decisão deve começar pela análise do método de processamento que esse alimento alternativo proveniente da agroindústria passou, pois ele define o perfil energético e proteico disponível. Aqueles provenientes do processamento de grãos de oleaginosas exigem atenção: se resultantes de extração mecânica, conhecidos como tortas, preservam um maior teor de gordura, sendo excelentes fontes de energia. Já os farelos, oriundos da extração química por solventes, apresentam menor teor de gordura e, frequentemente, uma concentração proteica mais elevada, como observado nos farelos de algodão e de mamona, que pode variar de 28% a 43% de proteína bruta. Nessa mesma linha de resíduos de grandes indústrias, os DDGS (Grãos de Destilaria com Solúveis) vêm surgindo como uma grande alternativa estratégica. Fruto da crescente indústria do etanol de milho no Brasil, os DDGS são coprodutos que concentram tanto energia quanto proteína, apresentando-se como uma opção moderna e de alta aplicação na pecuária. Com a expansão exponencial deste setor indus-

trial, a oferta de DDGS tende a crescer, consolidando-se como um ingrediente chave para reduzir a dependência direta do grão inteiro na dieta. Essa distinção é vital para formular dietas que atendam aos requerimentos específicos de cada categoria, desde vacas em lactação até bovinos em terminação.

Além do perfil nutricional, a viabilidade logística e o teor de matéria seca desses resíduos determinam o lu-

com a gestão de custos, transformando o desperdício industrial em uma fonte estável, nutritiva e lucrativa.

Em última análise, a utilização de alimentos alternativos representa muito mais do que uma tática de sobrevivência em tempos de crise, é uma mudança de paradigma rumo a uma pecuária de precisão e de baixo custo. O segredo do sucesso não reside apenas na substituição do ingre-

## O PROCESSO DE DECISÃO DEVE COMEÇAR PELA ANÁLISE DO MÉTODO DE PROCESSAMENTO QUE ESSE ALIMENTO ALTERNATIVO PROVENIENTE DA AGROINDÚSTRIA PASSOU, POIS ELE DEFINE O PERFIL ENERGÉTICO E PROTEICO DISPONÍVEL

cro na ponta do lápis. No caso da fruticultura e vegetais, é preciso diferenciar o descarte de mesa (frutos inteiros que fogem do padrão de mercado) daqueles provenientes da indústria de sucos e polpas. Estes últimos geram resíduos compostos principalmente por cascas e sementes, cuja composição varia drasticamente de acordo com as partes da planta ou da fruta que predominam no material. Resíduos de acerola e de abacaxi (devido à presença da coroa) são fontes majoritárias de fibra, enquanto resíduos de frutas cítricas se destacam como fontes de pectina (carboidratos solúveis). Essa variação deve ser rigorosamente avaliada, pois a alta umidade desses materiais pode inviabilizar o transporte e acelerar a deterioração. O produtor deve priorizar fornecedores próximos ou investir em tecnologias de conservação, podendo aproveitar esses materiais para produção de silagem, utilizando sequestrantes de umidade ou realizando a desidratação. Outro ponto inegociável é a atenção aos fatores antinutricionais, como a ricina na mamona ou o gossipol no algodão, que exigem tratamentos específicos e possuem limites de utilização para cada categoria animal. Em última análise, o segredo do sucesso reside na capacidade de articular o conhecimento técnico

ciente, mas na inteligência de mercado do produtor em articular o conhecimento técnico com a gestão rigorosa dos riscos logísticos e nutricionais. Ao transformar o que antes era visto como desperdício industrial em uma fonte estável e estratégica de nutrientes, o pecuarista blinda sua operação contra as incertezas globais e constrói um sistema produtivo mais resiliente, sustentável e, acima de tudo, lucrativo. ■



**Pedro Henrique Soares Mazza,**  
Zootecnista, Doutor em Zootecnia  
Professor no Departamento  
de Zootecnia da Universidade  
Federal do Norte do Tocantins  
Email: [pedro.mazza@ufnt.edu.br](mailto:pedro.mazza@ufnt.edu.br)



# ESTUDO APONTA QUE LEITE BRASILEIRO EMITE MENOS DA METADE DO CARBONO DA MÉDIA MUNDIAL

PESQUISA ANALISOU **MAIS DE 162 MILHÕES DE LITROS PRODUZIDOS EM SETE ESTADOS** E INDICA QUE MAIOR PRODUTIVIDADE PODE REDUZIR EMISSÕES EM ATÉ 43% POR LITRO

**GIOVANA DE PAULA**

[giovana@dc7comunica.com.br](mailto:giovana@dc7comunica.com.br)

A produção de leite no Brasil emite menos da metade do carbono registrado na média mundial, segundo estudo inédito conduzido pela Cargill, em parceria com a Universidade de São Paulo e a Embrapa Gado de Leite.

Intitulada “Benchmarking da Pegada de Carbono”, a pesquisa apon-

ta que a produção nacional emite, em média, 1,19 kg de dióxido de carbono equivalente (CO<sub>2</sub>eq) por quilo de leite produzido considerando o leite corrigido para os teores de gordura e proteína, metodologia adotada internacionalmente para comparações entre sistemas produtivos. A média global estimada é de 2,5 kg de CO<sub>2</sub>eq por quilo.

O levantamento utilizou a meto-

dologia de Avaliação de Ciclo de Vida (ACV), que mede os impactos ambientais do sistema produtivo do berço ao portão da fazenda. Foram analisados três sistemas de produção em quatro biomas brasileiros.

**BASE DE DADOS AMPLA.** O estudo é um dos mais abrangentes já realizados no setor lácteo nacional. Ao todo, foram avaliados 24.349 animais distribuídos em 28 propriedades de sete estados, com produção anual de 162.102.481 litros de leite. A dimensão da amostra permitiu estabelecer parâmetros técnicos comparáveis entre diferentes regiões e modelos produtivos.

De acordo com os dados, o desempenho brasileiro se aproxima ao de países com tradição no setor leiteiro. A pegada média registrada no Brasil é semelhante à da Alemanha, estimada em 1,2 kg de CO<sub>2</sub>eq por quilo de leite, e próxima à dos Estados Unidos, com média de 1,0 kg de CO<sub>2</sub>eq.

Diego Langwinski, gerente de tecnologia para bovinos de leite da Cargill Nutrição e Saúde Animal deu detalhes, com exclusividade à **Feed&Food**, sobre o processo da pesquisa. Segundo ele, a Cargill visa estar sempre na

vanguarda de temas estratégicos e relevantes aos seus negócios. “Neste sentido, é importante estar junto a entidades públicas respeitadas para investigar qual o status atual da pegada de carbono na produção leiteira brasileira usando ferramentas modernas e base de dados tropicalizadas, ajustadas à matriz energética utilizada no Brasil e com dados medidos no Brasil. O entendimento da pegada de carbono atual da pecuária leiteira é essencial para determinar os principais gargalos da atividade e traçar planos de ações para avançar na sustentabilidade das operações leiteiras brasileiras”, explica.

Langwinski comenta que os resultados do estudo mostram que existem fatores que fazem parte da rotina das propriedades leiteiras que estão intimamente ligados à pegada de carbono: indicadores reprodutivos, saúde, bem-estar animal e estrutura de rebanho. “De uma forma geral, todos os aspectos que trazem eficiência ao processo melhoram a produtividade e a sustentabilidade das operações leiteiras, resultando num resultado financeiro superior ao produtor de leite. Podemos dizer que o uso de tecnologia e práticas de manejo adequadas levam a uma menor pegada de carbono e garantem a licença de operar das fazendas leiteiras”, diz.

Segundo ele, o sistema produtivo brasileiro é muito amplo e existem muitas diferenças entre e dentro das regiões ou biomas. “De uma maneira geral, o estudo mostrou que existem fazendas com pegada de carbono baixíssima (ao redor de 0,6 kg de CO<sub>2</sub>eq), muito próximo aos melhores rebanhos do mundo, mesmo estando em uma geografia que impõe desafios de estresse térmico quase todo o ano e com temperatura que não é tão favorável à produção de forragem de qualidade”, afirma. “Novamente, a profissionaliza-

ção do setor, por meio do uso de dados na tomada de decisão, tecnologias que promovem produção e saúde dos animais, investimentos em instalações que garantem conforto e bem estar dos animais, entre outros fatores, colocam as fazendas leiteiras em um patamar diferenciado que vem evoluindo a cada ano”, detalha.

**PRODUTIVIDADE COMO FATOR-CHAVE.** A pesquisa também identificou relação direta entre eficiência produtiva e redução das emissões. Nas propriedades analisadas, o aumento da produtividade resultou em redução de até 43% na pegada de carbono por litro de leite.

Fazendas com produção diária superior a 25 litros por vaca registraram média de 0,90 kg de CO<sub>2</sub>eq por quilo de leite. Já propriedades com produtividade inferior a esse patamar apresentaram índice médio de 1,58 kg de CO<sub>2</sub>eq.

Segundo Marcelo Dalmagro, diretor de Marketing Estratégico e Tecnologia da Cargill Nutrição e Saúde Animal, decisões técnicas ligadas ao manejo do rebanho como ajustes na dieta e adoção de tecnologias voltadas à eficiência impactam diretamente os indicadores ambientais da atividade. “Além de vital para a sustentabilidade econômica das propriedades leiteiras, a produtividade passa a ser também um parâmetro associado à redução de emissões dentro da porteira”, afirma.

### PRINCIPAIS FONTES DE EMISSÃO.

O metano entérico foi identificado como a principal fonte de emissão, respondendo por 47% do total. Em seguida aparecem a produção de alimentos fora da propriedade (36,8%) e o manejo de dejetos (8,1%).

O levantamento também detalhou o desempenho por biomas. O Pampa apresentou a menor pegada média (0,99 kg de CO<sub>2</sub>eq por quilo de leite), seguido pelo Cerrado (1,12 kg), Mata Atlântica (1,19 kg) e Caatinga (1,50 kg).

Realizado entre 2022 e 2024, o projeto seguiu as normas internacionais ISO 14040, 14044 e 14067, garantindo padronização metodológica e comparabilidade dos dados entre sistemas produtivos e regiões. ■



**Diego Langwinski**, gerente de tecnologia para bovinos de leite da Cargill Nutrição e Saúde Animal: “O uso de tecnologia e práticas de manejo adequadas levam a uma menor pegada de carbono e garantem a licença de operar das fazendas leiteiras”

# ACNB ANUNCIA CALENDÁRIO DO CIRCUITO NELORE DE QUALIDADE 2026 COM 38 ETAPAS

COM PRIMEIRA ETAPA NACIONAL PROGRAMADA PARA MAIO, **MAIOR CAMPEONATO DE AVALIAÇÃO DE CARCAÇAS DE BOVINOS DO MUNDO CHEGA À 28ª EDIÇÃO**

A edição do Circuito Nelore de Qualidade, considerado o maior campeonato de avaliação de carcaças bovinas do mundo, teve início no dia 17 de março, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, marcando a abertura da 28ª edição, em 2026. A primeira etapa nacional acontecerá em 28 de maio, na cidade de Araguaína (TO). A Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB), responsável pela iniciativa, realizará 33 etapas no Brasil neste ano, além de outras 5 distribuídas entre Bolívia e Paraguai. De acordo com o presidente da entidade, Victor Paulo Silva Miranda, "a expectativa para este ano é superar 2025, que teve números recordes, com mais de 400 pecuaristas participantes e 49,7 mil animais analisados".

O Circuito Nelore de Qualidade acompanha o abate dos animais e avalia suas carcaças, analisando na prática

como está a qualidade da carne produzida. Realizado desde 1999, o projeto ajuda os produtores a entenderem melhor os resultados do seu trabalho, desde a escolha dos animais até a alimentação e os cuidados no dia a dia. Além disso, comenta o Miranda, "fortalece a raça Nelore, que representa cerca de 80% do rebanho bovino de corte do Brasil, e contribui para que o consumidor tenha acesso a uma carne cada vez melhor".

Em 2026, o Circuito passará por 11 estados de destaque para pecuária brasileira: Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rondônia, São Paulo e Tocantins. A edição de 2026 já conta, até o momento, com a confirmação dos frigoríficos Friboi, Frisa, Cooperfrigo, Fridosa, Minerva Foods,

Fribal e Masterboi, além do apoio da Matsuda Sementes e Nutrição Animal. "O Circuito Nelore de Qualidade é uma forma de mostrar, na prática, como a carne é produzida e como ela pode melhorar cada vez mais. A primeira etapa internacional foi realizada

no dia 17 de março, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e já apresentou ótimos resultados. O Circuito aproxima o produtor das exigências do mercado e valoriza quem investe em qualidade. Os pecuaristas são protagonistas desse processo. São

eles que, no dia a dia, investem em genética, nutrição e manejo para produzir uma carne de qualidade. O Circuito reconhece esse trabalho, oferece visibilidade aos resultados e incentiva a evolução contínua da raça Nelore", destaca o presidente da ACNB. ■



## CONFIRA O CALENDÁRIO DO CIRCUITO NELORE DE QUALIDADE 2026:

### MAIO

19, 20 e 21 – Asunción (Paraguai)  
28 – Araguaína (TO)

### JUNHO

09 – São Geraldo do Araguaia (PA)  
10 – Nova Olinda (TO)  
16 – Água Boa (MT)  
18 e 19 – Barra do Garças (MT)  
23 e 24 – Santa Cruz de La Sierra (Bolívia)  
30, 01 e 02.jul – Nanaque (MG)

### JULHO

06 – Anastácio (MS)  
08 – Naviraí (MS)

10 – Nova Andradina (MS)  
16 – Pontes e Lacerda (MT)  
29 e 30 – Igarapé do Meio (MA)

### AGOSTO

11 – Confresa (MT)  
20 – Ituiutaba (MG)  
25 – Araputanga (MT)  
27 – Vilhena (RO)

### SETEMBRO

01, 02 e 03 – Belén (Paraguai)  
10 – Gurupi (TO)  
15 – Lins (SP)  
17 – Iturama (MG)

18 – Senador Canedo (GO)  
22 e 23 – Canhotinho (PE)

### OUTUBRO

01 – Andradina (SP)  
05 e 06 – Colíder (MT)  
08 – Alta Floresta (MT)  
15 e 16 – Barra do Garças (MT)  
20, 21 e 22 – Diamantino (MT)  
21 e 22 – Santa Cruz de La Sierra (Bolívia)  
24 – Marabá (PA)  
27, 28 e 29 – Mozarlândia (GO)

### NOVEMBRO

05 e 06 – Imperatriz (MA)  
09 – Santana do Araguaia (PA)  
11 – Casa de Tábua (PA)  
11 e 12 – Itapetinga (BA)  
13 – Redenção (PA)  
17 – Campo Grande (MS) – Unidade II



# TIP BRASIL 2026

## da estratégia ao lucro/ha

22 a 24 de Abril de 2026



Local:  
ESPAÇO  
**DOIS IPÊS**  
Goânia/GO

O Curso Será Palco Para Grandes Nomes da Pecuária Brasileira.



**THIAGO BERNARDINO**

Como definir minha estratégia de gestão de preços do boi gordo diante do mercado de commodities agrícolas em 2026?



**ANTONIO CHAKER**

Métricas na TIP: como calcular e como se relacionam com o lucro da operação?



**ROGÉRIO GOULART**

Qual o impacto do preço de reposição na tomada de decisão do meu negócio?



**RICARDO ARANTES**

Como a gestão de pessoas pode construir resultados sustentáveis no meu negócio?



**ADILSON AGUIAR**

Impactos da correção do solo, adubação e nível de suplementação na eficiência produtiva da TIP.



**MOACYR CORSI**

Como maximizar a eficiência dos sistemas de pastejo contínuo, alternado e rotacionado na TIP?



**JOSÉ BENTO FERRAZ**

Como a genética e tamanho corporal interferem nas métricas zootécnicas do sistema de TIP?



**RODRIGO GOULART**

Como construir carcaças pesadas, eficientes e precoces ao abate?



**PAULO CÉSAR DOS SANTOS**

Instalações e projetos de TIP para maximizar a eficiência produtiva.



**FERNANDA BENEZ**

Como as práticas de manejo na TIP interferem no bem-estar animal?



**JOSÉ ZAMBRANO**

Desafios sanitários na TIP: como construir resultados de excelência?



**GUSTAVO REZENDE**

Como a estratégia de recria influencia na produção do boi magro com 14@S?



**FLÁVIO PORTELA**

Práticas de manejo nutricional: adaptação, processamento de grãos e suas relações com as métricas zootécnicas e econômicas.



**FLÁVIO DUTRA**

TIP de machos e fêmeas: qual a eficiência técnica e econômica nas águas e secas? Projeto TIP Brasil - onde estamos, onde podemos chegar?



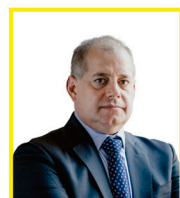
**ROGÉRIO COAN**

Como ajustar a formulação da dieta para maximizar a eficiência bioeconômica da TIP?



**ROBERTO BARCELLOS**

Como a produção de carne em sistemas intensivos a pasto pode se tornar um diferencial de qualidade para o Brasil?



**MAURÍCIO PALMA**

Análise econômica e financeira de projetos de TIP.

### PATROCINADORES

Cota 150@/ha/ano:



Cota 140@/ha/ano:



Cota 100@/ha/ano:



Cota 60@/ha/ano:



Cota 40@/ha/ano:



Cota 20@/ha/ano:



Cota 10@/ha/ano:



### INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

www.COANCONSULTORIA.com.br

(16) 99631-0019



Realização:



Apoio:



Mídias parceiras:



# CUSTOS LOGÍSTICOS ATINGEM 15,5% DO PIB EM 2025 E ACENDEM ALERTA PARA COMPETITIVIDADE DO PAÍS

ESPECIALISTA APONTA QUE OS INVESTIMENTOS EM INFRAESTRUTURA NÃO ACOMPANHARAM O DESEMPENHO DO SETOR

GIOVANA DE PAULA  
giovana@dc7comunica.com.br

Os custos logísticos no Brasil passaram a representar 15,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2025, segundo o estudo anual “Custos Logísticos e o Impacto nas Empresas Brasileiras”, elaborado há mais de duas décadas pelo Instituto de Logística e Supply Chain (ILOS). Em 2014, essas despesas correspondiam a 10,4% do PIB, o que evidencia uma trajetória de crescimento ao longo da última década.

De acordo com o sócio-diretor do ILOS, Maurício Lima, o aumento está diretamente relacionado à falta de investimentos em infraestrutura. Nos últimos dez anos, o Brasil ampliou em 25% o volume de cargas transportadas, mas praticamente sem expansão equivalente na estrutura logística disponível.

“Os investimentos em infraestrutura não acompanharam o desempenho do setor. Isso pressiona os custos e faz com que os gastos logísticos cresçam gradativamente a cada ano. O País não consegue sustentar taxas elevadas de crescimento quando o custo logístico sobe nesse ritmo”, afirma o executivo.

## ESTOQUES E JUROS AMPLIAM PRESSÃO.

O estudo também aponta que as despesas com estoques aumentaram de 3% para 5% do PIB desde 2014. O cenário é agravado pela taxa básica de juros em patamar elevado, que encarece o capital imobilizado das empresas.

Segundo o levantamento, os quatro anos em que a relação entre a taxa Selic e os estoques mais pesou sobre o PIB estão concentrados no período recente: 2022, 2023, 2024 e 2025. O resultado é maior pressão fi-

nanceira sobre as companhias, que precisam equilibrar custos operacionais, financeiros e de armazenagem.

**MARGENS COMPRIMIDAS E RISCO NO MÉDIO PRAZO.** O estudo revela ainda uma contradição no setor. Para as empresas contratantes, o transporte é visto como um custo elevado. Já para as transportadoras, os preços praticados não têm sido suficientes para compensar o aumento das despesas operacionais. Entre 2023 e 2024, os custos das empresas de transporte subiram, mas o repasse aos fretes foi inexistente ou insuficiente. Em 2025, os valores cobrados permane-

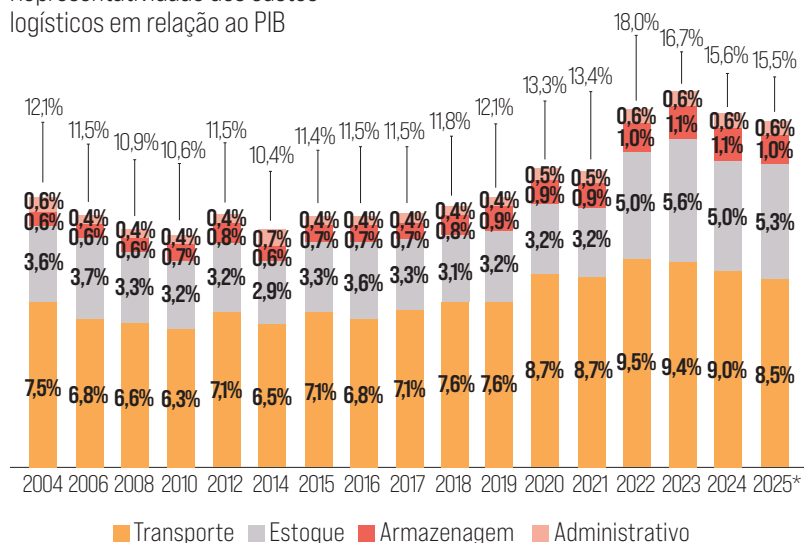
ceram próximos aos do ano anterior.

Embora a estabilidade nos preços possa parecer positiva em um primeiro momento, o cenário preocupa especialistas. A redução das margens tem levado operadores logísticos a deixarem determinados segmentos, inclusive o de graneis agrícolas — setor que registrou crescimento de aproximadamente 17% na produção em 2025.

Para analistas, a combinação de infraestrutura limitada, juros elevados e rentabilidade comprimida pode comprometer a capacidade de atendimento da demanda no médio prazo, ampliando os riscos de gargalos e instabilidade no setor logístico brasileiro. ■

## EVOLUTIVO DOS CUSTOS LOGÍSTICOS

Representatividade dos custos logísticos em relação ao PIB



Fonte: ILOS 2025. \*Somente transporte doméstico. A partir de 2014, a pesquisa passou a ser anual





## AÇÕES QUE POTENCIALIZAM CADA VEZ MAIS RESULTADOS NA PECUÁRIA

O primeiro passo pode não te levar para onde você quer, mas certamente tira você de onde está! e isso diz muito sobre alcançar novos e melhores resultados.

Transformar um Passivo Operacional em Ativo Financeiro é uma realidade! E o período de estiagem já bate à porta – um mercado mundial agitado em meio ao nosso dia a dia que se pauta em superar desafios. A demanda é cada vez maior e os desafios também. Vimos trazendo sempre alternativas para que os processos produtivos sejam de certa forma melhor atendidos e a rentabilidade seja crescente.

Já é uma realidade em diversas propriedades a implementação do Beef on Dairy, favorecendo que haja não só uma melhoria no manejo dentro da propriedade em razão de ajustes decorrentes do protocolo mas também, resultados acima da média em razão de assegurar alimentação de alta qualidade nutricional aos animais através da utilização da Forragem Verde Hidropônica. Neste período de estiagem que se aproxima, o uso de Forragem Verde Hidropônica favorece que o escore Corporal das matrizes se mantenham em nível de alta produção e com resultados ainda melhores para os animais que nascerão – e é sobre isso que a chamada dessa matéria traz a ênfase! O “gabiru” só existe em razão de haver um período de queda de escore da vaca prenha que leva não só à diminuição da produção do volume de leite mas que também prejudica a formação do bezerro – e esse detalhe faz toda a diferença para se alcançar resultados de excelência na aplicação do protocolo de manejo do Beef on Dairy!

É sobre encontrar alternativas ainda melhores para compor não só os aspectos produtivos que por sua vez alavancam a rentabilidade alcançando animais mais precoces e pesados mas também, desenvolver uma dimensão ainda maior de aspectos diretos e indiretos que reverberam pela indústria e alcança o consumidor final.

O mercado vem se posicionando diante de premissas internacionais de demanda voltados

a questões de Compliance e Governança, aspectos estes ligados a Sustentabilidade, Bem Estar Animal, Rastreabilidade, baixas emissões de Metano Entérico, uso racional da água dentre outros diversos que, ao darmos ênfase dentro destes processos produtivos que já estão presentes e são inerentes aos nossos propósitos enquanto produtores, contribuimos para uma cadeia de produção melhor fortalecida e com alto potencial de demanda. Nos bastidores, promovemos diversas ações que potencializam cada vez mais esses resultados a ponto qualificarmos a cadeia produtiva ainda melhor. Embora tenhamos passado por diversas atribuições relacionadas aos mercados Internacionais, guerras e conflitos, taxações e bloqueios, mostramos o quanto nós somos resignados e resilientes – um segmento produtivo que tem compromisso de sempre melhorar. Estamos imersos na cadeia de leite e corte entregando resultados de excelência que se superam período a período.

Propriedades nas regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste e Nordeste já são referência nos resultados de rentabilidade em razão da adoção de métodos e processos que anteciparam os ciclos e favoreceram mais de 23% de acréscimo em sua rentabilidade, em vários deles, simplesmente ajustando “as velas” para que essa “navegação” ocorresse em águas mais “navegáveis” – o fato é compreender que estamos em uma fase de processos que demandam de novas implementações e estratégias pois as alternativas que funcionaram para se chegar até aqui em resultados não serão mais as mesmas que impulsionarão os resultados daqui para diante.

A Ecco2 possui consultores e especialistas preparados para atender a sua propriedade com competências multidisciplinares, promovendo uma total integração entre a cadeia de profissionais já atuantes em sua propriedade (Veterinários, Zootecnistas, Gerentes, dentre outros), ajustando o foco dos resultados para que seus ganhos alcancem patamares expressivos para sua propriedade – entre em contato conosco – reginaldo@ecco2.com.br. ■



### Reginaldo Ferreira Rocha

é consultor empresarial, palestrante, especialista em Beef on Dairy, Regularização e Gestão Fundiária pela Ecco2 Gestão de Negócios

# BRASIL AMPLIA PRESENÇA INTERNACIONAL NO AGRO E REFORÇA PAPEL NA SEGURANÇA ALIMENTAR

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO, ABERTURA DE MERCADOS E AVANÇO TECNOLÓGICO **CONSOLIDAM O PAÍS COMO GRANDE FORNECEDOR DE ALIMENTOS** E IMPULSIONAM EMPREGO E RENDA NO INTERIOR

O agronegócio brasileiro vive um momento de consolidação no comércio internacional. Nas últimas décadas, o país ampliou sua capacidade produtiva, diversificou mercados e fortaleceu sua posição como um dos principais fornecedores de alimentos do mundo. Esse avanço é resultado de investimentos em pesquisa, tecnologia e políticas públicas voltadas à expansão sustentável da produção.

Para Julio Ramos, diretor de Assuntos Estratégicos da Associação

Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) e ex-secretário-adjunto de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), o Brasil alcançou um novo patamar de protagonismo no comércio internacional. Segundo ele, cadeias como a da carne bovina refletem essa transformação, com presença em 177 países e exportações que alcançam 3,5 milhão de toneladas, números que evidenciam o reconhecimento sanitário e a confiança internacional na produção brasileira.

Ao mesmo tempo, o impacto do setor vai além do comércio exterior. A expansão do agro movimentada toda a cadeia produtiva, gera empregos e fortalece economias regionais. Para Julio, o desafio agora é manter o ritmo de crescimento, ampliar mercados e consolidar uma visão integrada do setor.

**O BRASIL SE CONSOLIDOU COMO UM DOS PRINCIPAIS FORNECEDORES DE ALIMENTOS DO MUNDO. COMO O SENHOR AVALIA ESSE MOMENTO?** O Brasil passou por uma transformação muito importante nas últimas décadas. Hoje não somos apenas um grande produtor de alimentos, mas um fornecedor relevante para diversos mercados. Esse processo foi construído com base em ciência, pesquisa e tecnologia. Instituições como a Embrapa tiveram papel fundamental nesse avanço. Na cadeia da carne bovina isso fica muito claro. O Brasil se tornou o maior produtor do mundo, superando os Estados Unidos, e já era o maior exportador. Hoje a carne brasileira está presente em 177 países, o que demonstra que o país foi testado e aprovado do ponto de vista sanitário e produtivo.

**QUAL É O IMPACTO ECONÔMICO DESSA PRODUÇÃO PARA O PAÍS?** Quando falamos da cadeia da carne bovina, estamos falando de um sistema que movimentada uma parte significativa da economia brasileira. A exportação de 3,5 milhão de toneladas gera um efeito multiplicador muito grande. Cada embarque envolve produtores rurais, frigoríficos, transporte, logística portuária, serviços financeiros e comércio exterior. Isso significa geração de emprego e renda em várias regiões do país, principalmente no interior, onde muitas vezes a agroindústria é o principal motor da economia local.

**EXISTE A PERCEÇÃO DE QUE A PRODUÇÃO BRASILEIRA É VOLTADA APENAS PARA EXPORTAÇÃO. ISSO CORRESPONDE À REALIDADE?** Não corresponde. Muitas vezes as pessoas imaginam que o Brasil produz apenas para exportar, mas isso não é verdade. Cerca de 70% da produção de carne bovina permanece no mercado interno, atendendo diretamente o consumidor brasileiro. Esse equilíbrio é muito importante para o setor. Com a aprovação do PL da isenção do Imposto de Renda, que deve injetar na economia algo em torno de R\$ 25 bilhões, acreditamos que os cerca de 15 milhões de beneficiários contribuirão para o aquecimento da economia e, conseqüentemente, para o aumento do consumo interno. Posso afirmar com tranquilidade que a produção brasileira, com esse mix entre exportação e mercado interno, permite que continuemos gerando empregos, agregando valor a cortes que não fazem parte do dia a dia do brasileiro e garantindo uma carne acessível e de qualidade em todo o país. Temos um mercado interno forte e, ao mesmo tempo, uma presença relevante no comércio exterior. Isso dá estabilidade à cadeia produtiva e ajuda a sustentar empregos ao longo de todo o sistema.

**COMO O CENÁRIO INTERNACIONAL INFLUENCIA O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA?** O cenário externo tem aberto oportunidades importantes para o Brasil. Hoje observamos

uma queda de rebanho em países como Estados Unidos e Austrália, que são grandes concorrentes no mercado internacional de carne bovina. Isso cria espaço para o Brasil ampliar sua participação. Ao mesmo tempo, o país tem vantagens importantes, como disponibilidade de área, tecnologia e capacidade produtiva. O desafio é aproveitar essas oportunidades com planejamento e visão de longo prazo.

**AINDA EXISTE A IDEIA DE QUE O BRASIL EXPORTA APENAS PRODUTOS DE MENOR VALOR AGREGADO. COMO O SENHOR AVALIA ESSA PERCEPÇÃO?** Essa é uma visão equivocada. O Brasil vem avançando cada vez mais na agregação de valor à produção. Quando exportamos produtos com maior valor agregado, geramos melhor remuneração ao longo da cadeia produtiva. Isso significa mais renda para produtores, mais empregos na indústria e mais desenvolvimento para municípios do interior. A exportação, nesse sentido, contribui para fortalecer a economia e reduzir desigualdades regionais.

**QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS DESAFIOS PARA O CRESCIMENTO DO SETOR NOS PRÓXIMOS ANOS?** Um dos principais desafios é pensar o agro de forma integrada. Não é possível analisar a carne bovina isoladamente, porque ela está diretamente conectada à produção de grãos, à logística e ao comércio internacional. Se há um problema em um desses pontos, todo o sistema é afetado. Por isso é importante ter uma visão de cadeia. Além disso, precisamos continuar ampliando mercados e fortalecendo a parceria entre governo e setor privado para superar barreiras comerciais e abrir novas oportunidades. A agropecuária é uma importante ferramenta de transformação e tem papel relevante na diminuição da desigualdade social. Um setor forte, aliado a políticas públicas consolidadas, é caminho para reduzir desigualdades e garantir que as pessoas possam escolher o que comer; e não que a condição financeira escolha por elas. ■

# SCOT CONSULTORA REFORÇA O PAPEL DA INFORMAÇÃO DE QUALIDADE NA TOMADA DE DECISÕES DURANTE REUNIÃO DA ASBRAM

CONSULTORIA APRESENTOU DADOS, ANÁLISES E INCENTIVOU OS PARTICIPANTES DA REUNIÃO DA ASBRAM **A ADOTAREM UMA POSTURA MAIS ANALÍTICA E PROATIVA** DIANTE DOS DESAFIOS DO SETOR, CONTRIBUINDO PARA UMA PECUÁRIA MAIS SUSTENTÁVEL E COMPETITIVA

GIOVANA DE PAULA

giovana@dc7comunica.com.br

**A**lcides Torres, fundador e CEO da Scot Consultoria, ao lado de Lorenzo Cracco, consultor de mercado nas áreas de proteína de origem animal, grãos, coprodutos e insumos agrícolas apresentaram uma ampla atualização do mercado oferecida durante a reunião da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM) realizada no último mês de março.

A palestra reuniu técnicos e profissionais do agronegócio interessados em compreender melhor o cenário atual do mercado pecuário. Com uma abordagem clara e baseada em dados atualizados, os analistas apresentaram uma leitura detalhada das tendências de preços, oferta e demanda, tanto no mercado interno quanto nas exportações.

Ao longo da apresentação, foram discutidos fatores que vêm influenciando diretamente a cadeia produtiva, como o custo de produção, a variação cambial e o comportamento do consumo.

A Scot também trouxe projeções importantes para os próximos meses, apontando possíveis oportunidades para os pecuaristas que adotarem estratégias mais eficientes e alinhadas às dinâmicas do mercado.

Outro ponto relevante da palestra foi a análise do ciclo pecuário e seus impactos nas decisões de investimento. Os especialistas enfatizaram a importância do planejamento de longo prazo, destacando que momentos de baixa podem representar oportuni-

dades para reposição e melhoria do rebanho, enquanto períodos de alta exigem cautela e gestão estratégica.

Eles abriram a apresentação com uma análise sobre o impacto da guerra no agronegócio. “Há um impacto muito grande sobre todas as cadeias, pois o Irã é um grande comprador de milho, por exemplo, com a compra de 22,2% do total do grão exportado em 2025”, afirmou Cracco. “E assim o mercado da proteína como um todo sofre um impacto”, destacou Torres. “As exportações brasileiras, assim como as vendas internacionais do mundo todo são impactadas e logística precisa ser repensada, principalmente pelos canais fechados de acesso ao Irã”, disse.

Torres destacou que estamos em uma safra sazonal de alta do milho e para o segundo semestre, não exportar para o Irã, pode aumentar a oferta interna e gerar pressão dos preços no Brasil.

Segundo análise apresentada, o mercado de DDG (grãos secos de destilaria) vem ganhando espaço relevante na pecuária brasileira, principalmente impulsionado pela expansão da indústria de etanol de milho. Esse coproduto, rico em proteína e energia, tem sido cada vez mais utilizado na formulação de dietas para bovinos de corte e leite, substituindo parcialmente insumos tradicionais como milho e farelo de soja. A maior oferta interna tem contribuído para ampliar sua competitividade dentro dos sistemas intensivos, como confinamentos.

Nos últimos anos, o crescimento

da produção foi expressivo, acompanhando a instalação de novas usinas de etanol de milho no Centro-Oeste. Estimativas indicam que o Brasil pode alcançar cerca de 5 milhões de toneladas de DDG/DDGS na safra 2025/26, consolidando o produto como um dos principais coprodutos da cadeia do milho. Esse avanço fortalece a integração entre energia e pecuária, criando um ciclo mais eficiente de aproveitamento de recursos.

Do ponto de vista de mercado, o DDG também tem ganhado importância como item de exportação. Em 2025, o Brasil exportou cerca de 879 mil toneladas para mais de 25 países, registrando crescimento próximo de 10% em relação ao ano anterior. Esse movimento mostra que, além do consumo interno, o produto já é reconhecido globalmente como alternativa competitiva na nutrição animal, inclusive com abertura de novos mercados como a China.

Dentro da pecuária brasileira, especialmente em sistemas de confinamento, o DDG tem ajudado a reduzir custos de alimentação e melhorar margens. Em 2025, a maior oferta de coprodutos — incluindo o DDG — contribuiu para queda nos custos das dietas e aumento da rentabilidade da engorda intensiva. “Assim, a tendência é de crescimento contínuo do uso desse insumo, acompanhando a intensificação da pecuária e a busca por maior eficiência produtiva no país”, destacou Torres. “Estamos na fase de ampliação das usinas e canais abertos para exportação do DDG”, destacou. ■

# IMPORTAÇÕES DE TILÁPIA SUPERAM EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS PELA PRIMEIRA VEZ E ACENDEM ALERTA NO SETOR

O avanço das importações de tilápia no Brasil acendeu um sinal de alerta em um dos segmentos mais dinâmicos do agronegócio nacional. Em fevereiro de 2026, o país importou mais de 1,3 mil toneladas de filé provenientes do Vietnã — volume equivalente a cerca de 4,1 mil toneladas de peixe vivo — superando, pela primeira vez, as exportações brasileiras do produto. O montante já corresponde a 6,5% da produção mensal.

O dado chama atenção em um setor que vinha apresentando crescimento consistente acima da média das demais proteínas animais. Segundo o presidente da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR), Francisco Medeiros, a tilápia lidera a expansão no país há mais de uma década. “É a proteína que mais cresceu nos últimos 11 anos, com taxas superiores a 10% ao ano, acima de suínos, aves, bovinos, leite e ovos”, afirma.

Apesar do histórico positivo, a entrada do produto importado altera a dinâmica do mercado. O filé vietnamita tem chegado ao Brasil com preços entre R\$ 25 e R\$ 29 por quilo, pata-mar considerado agressivo pelo setor produtivo. “Esse valor se aproxima do custo da matéria-prima nas indústrias nacionais, criando uma distorção relevante na concorrência”, diz Medeiros.

**PERDA DE COMPETITIVIDADE FORA DA PRODUÇÃO.** Embora o Brasil apresente altos níveis de produtividade, tecnologia e eficiência dentro da produção aquícola, a competitividade se perde ao longo da cadeia. Custos tributários elevados, encar-

gos trabalhistas e exigências ambientais mais complexas são apontados como principais entraves.

Além disso, o produto importado pode chegar ao mercado brasileiro com vantagens, como a isenção de ICMS em alguns estados. “Temos uma produção extremamente eficiente dentro da porteira, talvez entre as mais competitivas do mundo. Mas, fora dela, a carga tributária e a burocracia comprometem esse desempenho”, avalia o dirigente.

O setor não defende o fechamento do mercado, mas cobra condições mais equilibradas de competição. “É fundamental garantir isonomia tributária, sanitária, trabalhista e ambiental para que haja concorrência justa”, ressalta.

**PREOCUPAÇÃO SANITÁRIA ENTRA EM PAUTA.** Outro ponto de atenção é o risco sanitário associado à importação. O Vietnã registra enfermidades ainda inexistentes no Brasil, como o vírus TiLV, considerado altamente letal para a tilápia. Diante disso, a Peixe BR solicitou ao Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) o envio de uma missão técnica ao país asiático para realização da Análise de Risco de Importação (ARI), conforme previsto na legislação brasileira. “Existem doenças no Vietnã que não estão presentes aqui e que têm alta taxa de mortalidade. Precisamos dessa análise com urgência”, afirma Medeiros.

## MOMENTO ESTRATÉGICO E INCERTEZAS

O AUMENTO das importações ocorre em um período estratégico para o setor, marcado pela recuperação dos preços no mercado interno impulsionada pela Quaresma. No entanto, a maior oferta externa pode limitar essa valorização e pressionar a rentabilidade dos produtores. “As exportações ajudam a equilibrar o mercado interno. Com o crescimento das importações, esse efeito diminui, o que pode impactar negativamente o setor”, explica.

Atualmente, o Brasil ocupa

a quarta posição entre os maiores produtores globais de tilápia e mantém potencial de expansão. Contudo, representantes da cadeia produtiva alertam que a continuidade desse crescimento depende de melhorias no ambiente regulatório e na competitividade fora da produção. “Construímos uma cadeia sólida ao longo dos últimos 20 anos, uma das mais promissoras do agronegócio brasileiro. Não somos contra a importação, mas precisamos de condições iguais para competir”, conclui Medeiros. ■

# AQUICULTURA PAULISTA GANHA FORÇA E TILÁPIA PASSA A INTEGRAR O VALOR DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

LEVANTAMENTO REALIZADO PELA COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL (CATI) IDENTIFICOU **1.462 UNIDADES AQUÍCOLAS DISTRIBUÍDAS EM 371 MUNICÍPIOS PAULISTAS**

**GIOVANA DE PAULA**  
giovana@dc7comunica.com.br

Aquicultura vem ganhando espaço na matriz produtiva do agronegócio paulista e a tilápia se consolida como a principal espécie desse avanço. Diante do crescimento da produção e do potencial de expansão do setor, a criação do pescado foi incluída, pela primeira vez, no cálculo do Valor da Produção Agropecuária (VPA) do Estado de São Paulo em 2025.

O movimento acompanha uma tendência global. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), divulgado em 2024, a produção mundial de pescados e organismos aquáticos atingiu 223,2 milhões de toneladas, avaliadas em US\$ 472 bilhões. A aquicultura respondeu por 57% desse total e segue em expansão, impulsionada pela demanda por proteína e pela segurança alimentar.

Para o pesquisador do Instituto de Economia Agrícola (IEA-APTA), Eder Pinnati, a pesquisa científica tem contribuído para a melhoria da produtividade e da qualidade dos peixes criados no Estado. “São diversos desafios que vão desde a qualidade da água até a gestão da cadeia que estão sendo estudados concomitantemente, e o IEA inicia o acompanhamento e divulgação de dados e informações da cadeia produtiva da tilápia”, afirma. Diante da relevância e intensificação da atividade na agropecuária paulista, a tilápia foi incluída no Valor da Produção Agropecuária (VPA) em 2025, que gera um *ranking* de relevância econômica para os produtos do setor. Elaborado desde 1948, o VPA é um dos principais indicadores econômicos da agropecuária paulista e serve de base para análises setoriais, planejamento e formulação de políticas públicas vol-

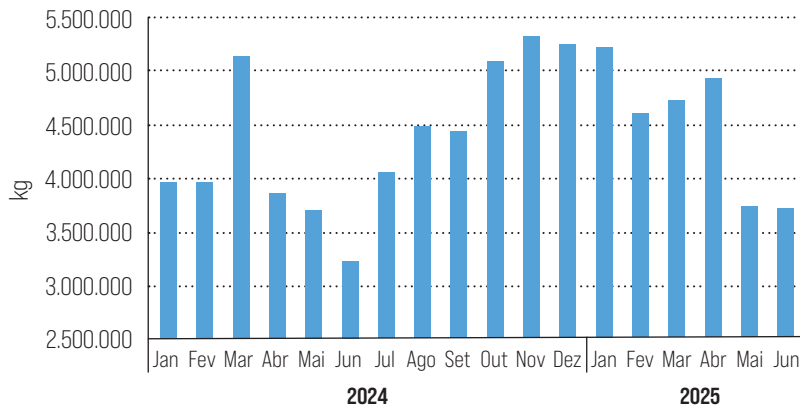
tadas ao desenvolvimento do setor.

No cenário internacional, a China lidera a produção de pescados, com 35% da oferta mundial, seguida pelo restante da Ásia. O Brasil ocupa posição de destaque na aquicultura continental, figurando como o 13º maior produtor de peixes cultivados e o 8º em produção de peixes de água doce.

No país, a tilápia é o principal pescado cultivado. Dados do Ministério da Pesca e Aquicultura indicam que, em 2023, a produção nacional de pescados e crustáceos alcançou 791,5 mil toneladas, alta de 6,2% em relação ao ano anterior. Desse total, a tilápia respondeu por 55,87%, o equivalente a 442,17 mil toneladas. Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Pernambuco concentram cerca de 76% da produção nacional, com ampla liderança do Paraná.

Em São Paulo, a atividade aquíco-

## QUANTIDADE MENSAL DE ABATE DE TILÁPIAS (estado de São Paulo, janeiro de 2024 a junho de 2025)



Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de CDA/SA. Coordenadoria de Defesa Agropecuária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Guias de Trânsito Animal (GTAs). Relatório interno. (S.I.s.n.), 2025

## PREÇO, PRODUÇÃO E VALOR<sup>1</sup> (Criação de tilápias, estado de São Paulo, 2024 e 2025)

Ano	Preço (R\$/kg)	Produção (kg)	Valor (R\$ milhão)	Posição
2024	9,70	52.644.607	510,65	25
2025 <sup>1</sup>	9,14	54.169.800	494,11	26

Fonte: Elaborada a partir de dados de INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. Banco de dados: estatísticas de preços médios recebidos pelos agricultores paulistas - PMR, São Paulo: IEA, 2025. Disponível em: [ciagri.ia.sp.gov.br/nia/precos\\_medios.aspx?cod\\_sis=2](http://ciagri.ia.sp.gov.br/nia/precos_medios.aspx?cod_sis=2). Acesso em: 22 set. 2025; CDA/SA. Coordenadoria de Defesa Agropecuária da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Guias de Trânsito Animal (GTAs). Relatório interno. (S.I.s.n.), 2025

la ainda não atingiu todo o seu potencial, mas apresenta crescimento consistente. Levantamento realizado pela Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati) identificou 1.462 unidades aquícolas distribuídas em 371 municípios paulistas. A produção está concentrada principalmente nos reservatórios de hidrelétricas do oeste do Estado, como nas regiões de Jales, Andradina e Fernandópolis, onde predomina o sistema de criação em tanques-rede.

Dados da Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA) mostram que, entre janeiro de 2024 e junho de 2025, o volume de abate de tilápias em estabelecimentos com inspeção estadual ou federal somou 79,73 mil toneladas, com média mensal de 4,48 mil toneladas. O maior volume de abates ocorre, tradicionalmente, no último trimestre do ano.

A tilápia domina a produção pau-

lista de pescados. Em 2018, dos 62,8 mil toneladas produzidas no Estado, 55,7 mil toneladas corresponderam à espécie, o equivalente a quase 89% do total. A tecnologia de criação em tanques-rede tem sido decisiva para o aumento da produtividade, respondendo atualmente por mais de 75% do volume produzido.

Para o cálculo preliminar de 2025, o Instituto de Economia Agrícola (IEA), em parceria com a Cati e a CDA, estimou que o Valor da Produção da Aquicultura Paulista, considerando apenas a criação de tilápias, alcançou R\$ 494,11 milhões. O resultado representa queda de 3,04% em relação ao ano anterior, apesar do aumento de 2,9% no volume produzido, que chegou a 54,17 mil toneladas. A retração no valor é atribuída à redução de 5,77% nos preços médios recebidos pelos produtores.

Mesmo com a queda momentânea, as perspectivas são positivas. A



## FUTURO PROMISSOR

Brasil está construindo uma nova história para o setor de pescados, aponta o Presidente da ApexBrasil

O presidente da ApexBrasil, **Jorge Viana (foto)** afirmou que entre os setores em destaque, o de pescados desponta como uma das apostas para o futuro do agronegócio brasileiro. Segundo Jorge Viana, a piscicultura reúne condições para se tornar uma das grandes estrelas das exportações nacionais. "Estamos no início do ano e já construindo uma nova história para o setor de pescados. O Brasil tem um potencial extraordinário de crescimento, principalmente pela abundância de recursos hídricos", afirmou, ao destacar a parceria inédita entre a ApexBrasil e a Associação Brasileira da Indústria de Pescados (Abipescas).

Viana citou o exemplo da China, que, mesmo com menor disponibilidade de água, domina cerca de 60% do mercado global de pescados. "Não é um modelo para criticar, mas para nos inspirar", disse.

expectativa é de que condições climáticas favoráveis, como temperatura e luminosidade adequadas, impulsionem a produção no segundo semestre, com possibilidade de reversão da perda no valor da produção. O aumento no número de criatórios, tanto em tanques-rede quanto em viveiros escavados, reforça o dinamismo do setor e sustenta a decisão de incluir a tilápia entre os produtos estratégicos da agropecuária paulista. ■

# PANORAMA DA CARCINICULTURA PARAIBANA NO ANO DE 2025

ITAMAR ROCHA

Antes de entrarmos no mérito do presente artigo, consideramos de fundamental importância, destacar que os primeiros números setoriais da carcinicultura paraibana foram obtidos pela ABCC, em 2004, referente ao Ano de 2003 (Censo da Carcinicultura Brasileira realizado pela ABCC em 2004), quando a Paraíba contava com 66 fazendas de cultivo de camarão, englobando uma área de 591 ha, cuja produção de 3.323 t, contribuiu para uma exportação de US\$ 12,1 milhões, sendo 100% destinado ao mercado dos EUA, através da Empresa Empress.

Por outro lado, segundo o Censo realizado pela ABCC em 2011, a carcinicultura paraibana se desenvolveu mais rapidamente nas áreas interiores do que no litoral, destacando que a produtividade média anual da carcinicultura das fazendas localizadas no interior da Paraíba já representou 10.200 kg/ha/ano, a mais elevada em termos comparativos com outras Regiões e Estados do Nordeste (3.506 kg/ha/ano), demonstrando de um lado, o potencial de recursos naturais da Paraíba para a atividade e, de outro, o bom nível tecnológico em uso nos seus sistemas produtivos interioranos.

Nesse mesmo contexto, um estudo realizado pelo SEBRAE/PB em 2016, reportou uma produtividade média de 15 ton/ha/ano nos empreendimentos de carcinicultura que utilizavam água do Rio Paraíba, contra apenas 3 ton/ha/ano da média dos

empreendimentos localizados no litoral. Nesse mesmo sentido, no ano de 2019, a carcinicultura paraibana realizada nos polos interioranos, mostrou que um elevado fortalecimento, de tal ordem, mesmo sem contar com financiamentos bancários, muito menos com um mínimo de apoio governamental, para o desempenho desse setor, mostrou que vários micros e pequenos empreendimentos estavam produzindo entre 20 a 25 toneladas de camarão (10 a 12 g) por hectare/ano.

Na verdade, o grande diferencial da carcinicultura paraibana, está relacionada ao fato de que além das fazendas estabelecidas nos estuários dos Rios Paraíba e Mamanguape, o cultivo do camarão marinho *Penaeus vannamei*, vem sendo praticado ao longo do Vale do Rio Paraíba, bem como, do Rio Mamanguape, Rio Piranhas e, em várias reservatórios interioranos, cujas águas apresentam características de baixa salinidade (classificadas como oligo e mesohalinas) e nas quais, o referido camarão marinho, mesmo sendo originado do Oceano Pacífico, tem se adaptado bem, inclusive, apresentando níveis de produtividade superiores aos alcançados em águas estuarinas, na Paraíba, no Nordeste/Brasil e no mundo.

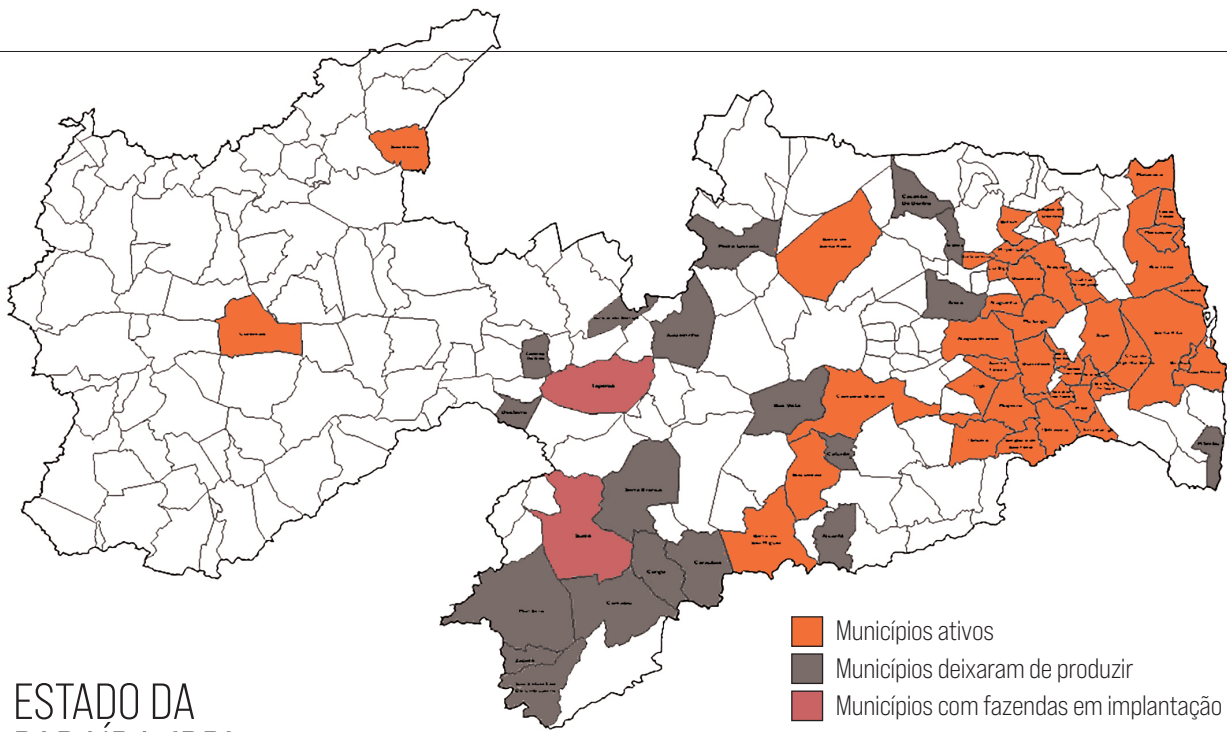
Nesse sentido, a carcinicultura paraibana, no ano de 2025, contou com 2 (dois) importantes polos produtores: O Polo Costeiro que incluiu 09 (nove) municípios, com 142 fazendas de camarão e, O Polo do Interior, contemplando 33 (trinta e

tres) municípios, com 262 fazendas de camarão, cuja produção de camarão cultivado foi de 19.730,85 toneladas, cuja expressiva maioria corresponde a micros e pequenos empreendimentos (0,1 a 10,0 hectares).

Em 2025, as 404 fazendas exploraram uma área de 1.453 hectares de viveiros com o cultivo do camarão *Penaeus vannamei*, tendo produzido 19.730,85 toneladas (-21,2%) em relação a 2024, tendo como destaque o fato da maior parte (90 %) da sua produção ter sido comercializada, na forma de camarão inteiro / fresco, conservado no gelo, por meio de atravessadores, que compram e recolhem o camarão in natura, resfriado em gelo, na porteira das fazendas e distribuem para centros de processamentos, ou para os diversos pontos de comercialização, incluindo estabelecimentos de consumo direto (restaurantes e bares).

Mesmo assim, é importante destacar que as 19.730,85 toneladas de camarão produzidos na Paraíba em 2025, foram advinda de uma exploração, até poucos anos inexistente, mas que já contribui para uma significativa geração e distribuição de renda no meio rural desses municípios, inclusive, estabelecendo uma nova ordem econômica no litoral e no semi-árido paraibano, contribuindo inclusive, para a reversão do exodo rural, um desafio intransponível do ponto de vista das atuais políticas públicas, que adicionalmente, gera negócios para micros e pequenos produtores rurais, bem como, 5.500 empregos (di-





## ESTADO DA PARAÍBA (PB)

3º Produtor de Camarão de Cultivo

**404** Número de Carcinicultores

Área explorada  
**1.529,35** ha

Produção  
**19.730,85** ton

<b>Polo Litoral</b>	<b>Polo Interior</b>
9 municípios	33 municípios
142 produtores	262 produtores

**R\$700 milhões**  
foi o faturamento da cadeia produtiva em 2025

### Principais desafios:

-  Conseguir acessos a financiamentos bancários (investimentos e custeios)
-  Implantar indústrias de processamento da produção
-  Conseguir nauplios e pós-larvas SPF/SPR
-  Retornar ao mercado internacional

Em 2025, **apenas 1% [4]** dos carcinicultores paraibanos conseguiram acessar financiamentos bancários

retos e indiretos) no campo, cuja cadeia produtiva gerou uma expressiva receita (R\$ 700.000.000,00 / setecentos milhões de reais) em 2025.

As oportunidades estão postas, os atores rurais paraibanos estão motivados, a lei da carcinicultura paraibana disciplinou e deu segurança jurídica aos investidores, embora o setor esteja aguardando ansiosamente, a aprovação de uma nova legislação, já em tramitação na Assembleia Legislativa da Paraíba, contemplando incentivos específicos para a carcinicultura interiorana, a exemplo do que foi recentemente aprovado pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte e sancionada pela Governadora Fátima Bezerra.

Adicionalmente, o setor carcinicultor paraibano, requer a máxima prioridade, na efetivação das medidas de apoios financeiros (investimentos e custeio operacional), por parte dos Agentes Financeiros Oficiais (BB, BNB, CEF), condição indispensável para que a Paraíba possa atrair investidores, tanto para a produção de pos-larvas SPF e SPR, como para a instalação de indústrias de processamento e agregação de valor, condição *non-quom*, para que o Estado se transforme num destacado produtor e exportador de camarão marinho cultivado.

Em realidade, a carcinicultura marinha, que a Paraíba sempre se destacou em produtividade, trata-se de uma atividade cujo produto da sua exploração, o “camarão *Penaeus vannamei*”, já é a “estrela da gastronomia mundial de frutos do mar” e que, terá sempre demandas nacional e internacional, reprimidas, como pode ser confirmada pelo fato de que no âmbito interno, o consumo de camarão cresceu de 0,2 kg/per capita/2003, para 1,5 kg per capita/2025 e, no âmbito internacional, os destaques são para a China, seu maior produtor (camarão extrativo e cultivado), que adicionalmente já é seu maior importador (901.563t/US\$ 4,794 bilhões), seguido pelos EUA (795.641t e US\$ 7,03 bilhões), em 2025, que sempre serão importadores.

Nesse contexto, as perspectivas da Paraíba são bastante promissoras, inclusive porque além de um atualizado “censo da sua carcinicultura”, já realizado e em processo de tabulação, contará com um “Plano de Desenvolvimento Setorial”, em processo de realização, que irão nortear e atrair os necessários investimentos estruturadores, de fundamentais importância para assegurar a plena e racional exploração dessa estratégica atividade primária, que além de utilizar águas de uso insignificantes, não está sujeita a ciclos de produção e possui demanda insatisfeita, tanto nacional, como internacional. ■

**Itamar Rocha**, Presidente ABCC, Diretor DEAGRO/FIESP, Membro Titular do CONAPE / MPA; Membro Titular da CSPA / MAPA, Presidente da FENACAM'26



# ESG: PLATAFORMAS INTEGRADAS SURGEM COMO RESPOSTA À NECESSIDADE DE GOVERNANÇA MAIS ROBUSTA NAS ORGANIZAÇÕES

O DESAFIO É MAPEAR RISCOS ESG AO LONGO DA REDE DE TERCEIROS PERMANECE SIGNIFICATIVO

GIOVANA DE PAULA  
giovana@dc7comunica.com.br

A pressão por práticas sólidas de ESG (ambiental, social e governança) tem se intensificado no Brasil e no exterior, especialmente após casos globais de não conformidade envolvendo grandes corporações. Em agosto de 2025, por exemplo, organizações de direitos humanos ingressaram com uma ação nos Estados Unidos contra a Tesla, acusando a empresa de trabalho forçado e “greenwashing” em sua cadeia de fornecimento de cobalto. O episódio reforçou um alerta já conhecido no mercado: falhas na gestão de fornecedores podem rapidamente se transformar em crises reputacionais e jurídicas de grandes proporções.

O avanço das exigências regulatórias e a vigilância crescente de investidores e consumidores ampliaram o alcance da governança corporativa.

Se antes o foco estava restrito à conformidade documental e à responsabilização interna, hoje as empresas são cobradas por uma visão abrangente e contínua de toda a cadeia de valor — do primeiro ao último elo.

Apesar de muitas companhias já contarem com políticas estruturadas e departamentos de compliance consolidados, o desafio de mapear riscos ESG ao longo da rede de terceiros permanece significativo. A distância entre o discurso institucional e a prática operacional expõe fragilidades que podem comprometer tanto a imagem quanto os resultados financeiros das organizações. “Há uma expectativa cada vez maior de investidores, consumidores e órgãos reguladores por mais transparência e responsabilidade em todas as etapas da operação. No entanto, a gestão de fornecedores ainda é vista por

muitos como uma tarefa administrativa, quando, na verdade, trata-se de um eixo estratégico de governança”, afirma Carlos Butori, Country Manager e CCO da CIAL Dun & Bradstreet no Brasil.

**DA REAÇÃO À PREVENÇÃO.** A exposição a fornecedores com baixo nível de conformidade ou histórico negativo pode gerar consequências que vão de multas regulatórias a crises reputacionais severas. Envolvimento indireto com trabalho análogo à escravidão, uso de matéria-prima ilegal ou emissões irregulares de carbono são exemplos de situações que já levaram empresas a enfrentar investigações e perder contratos relevantes.

Nesse contexto, a análise de riscos na cadeia de suprimentos exige mais do que controles isolados ou planilhas descentralizadas. Torna-se fun-

damental integrar informações, automatizar processos e aplicar critérios consistentes e auditáveis, sobretudo em organizações com redes extensas e complexas de parceiros comerciais.

Para Pedro Vieira Maciel, COO Brasil e Head de Produtos Latam, o ponto central está na inteligência aplicada aos dados. “O verdadeiro desafio não é apenas coletar informações sobre os fornecedores, mas transformá-las em insights confiáveis, acionáveis e alinhados às políticas internas. É isso que diferencia uma gestão de riscos reativa de uma gestão estratégica e preventiva”, destaca.

**TECNOLOGIA COMO PILAR DA GOVERNANÇA.** Diante desse cenário, plataformas integradas de gestão de fornecedores têm ganhado espaço nas áreas de compliance, compras e governança. Entre elas está o CIAL360 Supplier, solução desenvolvida pela CIAL Dun & Bradstreet que reúne funcionalidades de homologação, avaliação de riscos e due diligence contínua.

A plataforma consolida dados financeiros, jurídicos, reputacionais e ambientais em um único ambiente digital. Além das bases próprias, o sistema é alimentado por informações da Dun & Bradstreet, considerada a maior base de dados comerciais do mundo, com mais de 500 milhões de empresas monitoradas globalmente, incluindo listas de sanções, pessoas politicamente expostas (PEPs), indicadores ESG e registros de mídia adversa.

**ESG COMO PRÁTICA CONTÍNUA.** Com a consolidação dos critérios ESG como exigência de mercado e a crescente complexidade regulatória, a gestão de fornecedores deixa de ser um processo pontual e passa a demandar acompanhamento permanente.

A centralização de dados, o uso de indicadores de risco padronizados e a automação dos fluxos de homologação e monitoramento tornam-se, assim, pilares de uma estratégia de governança capaz de escalar com segurança. “Não basta saber quem é seu fornecedor. É preciso entender com quem ele se relaciona, qual sua exposição a riscos e como ele impacta seus próprios compromissos de governança. Essa visibilidade é o que garante a integridade da cadeia”, conclui Pedro Vieira Maciel.



## TROFÉU CURUCA PREMIA AÇÕES SUSTENTÁVEIS NO AGRONEGÓCIO

O **TROFÉU CURUCA**, que será entregue durante o Salão Internacional de Proteína Animal (Siavs) entre 04 e 06 de agosto, consolidou-se como um dos principais reconhecimentos do sistema de produção de proteína animal ao valorizar eficiência, qualidade e boas práticas ao longo da cadeia.

Mais do que uma premiação, ele funciona como um indicador público de desempenho técnico e de compromisso com padrões elevados de produção, estimulando produtores, integradores e indústrias a buscarem melhoria contínua.

O SIAVS 2026 é um dos maiores encontros da cadeia de proteína animal do Brasil e da América Latina. Organizado pela ABPA, o evento reúne lideranças empresariais, produtores, técnicos, pesquisadores, autoridades e compradores internacionais para discutir os rumos da avicultura e da suinocultura.

A programação tradicionalmente combina congresso técnico-científico e feira de negócios, com debates sobre sanidade, mercado internacional, sustentabilidade, inovação tecnológica, bem-estar animal, biossegurança e ESG.

Ao destacar resultados consistentes em índices zootécnicos, manejo, sanidade e gestão,

o prêmio contribui para disseminar referências positivas dentro do setor. As propriedades e empresas reconhecidas tornam-se vitrines tecnológicas, influenciando outros elos da cadeia a adotarem soluções mais modernas, seja em ambiência, nutrição, biossegurança ou gestão de dados. Esse efeito multiplicador fortalece a competitividade do sistema como um todo.

O Troféu Curuca também tem papel relevante na consolidação de uma cultura orientada por indicadores. Ao premiar desempenho mensurável, ele reforça a importância da coleta e análise de dados, da padronização de processos e da busca por eficiência produtiva com responsabilidade sanitária e ambiental – aspectos cada vez mais exigidos por mercados consumidores e parceiros internacionais.

Por fim, a iniciativa contribui para valorizar o produtor e os profissionais que atuam na base da cadeia de proteína animal. O reconhecimento público eleva a autoestima do setor, estimula a profissionalização e evidencia que excelência produtiva está diretamente ligada à sustentabilidade econômica e à credibilidade da atividade perante a sociedade. ■



## JOVENS PRODUTORES INCLUEM BIOGÁS NA GESTÃO DO SETOR

Uma ação importante no setor da proteína animal está em desenvolvimento no Brasil e também no mundo. Exemplos nacionais marcantes como da Sra Maria Antonieta, líder do setor lácteo, diretora da Abraleite, onde na sua propriedade os dejetos da atividade leiteira são processados num biodigestor, transformados em biofertilizantes, biometano, bioeletricidade e tudo isso utilizado nas suas lavouras de café com ótimo resultado.

Da mesma forma na Cooperativa Primato, de Toledo no Paraná, um investimento em “bioplantas”, ao lado da Tupy MWM, permite oferecer biofertilizantes aos agricultores, onde além da economia circular e da abertura dessa região para o mercado de carbono, isso se transforma numa fonte adicional de receita para a cooperativa, além de aumentar a segurança da disponibilidade e do acesso a ótimos fertilizantes.

Também assistimos essas iniciativas no Salão de Agricultura de Paris, com diversas palestras num “mundo bio” reunindo grandes marcas de alimentos a agricultura e pecuária regenerativas onde passa a ser uma tendência inenarrável os dejetos, os resíduos, o “lixo” ser transformado em saúde e também melhorando a rentabilidade da atividade agropecuária.

Alunos internacionais do MBA com dupla diplomação na França da Audencia Business School e no Brasil a FECAP, FAM – Food & Agribusiness Management, na sua passagem por São Paulo visitaram a indústria e a área de descarbonização da Tupy MWM, uma empresa hoje voltada para o desenvolvimento de biodigestores, instalações e a construção de bioplantas que permitem produzir biofertilizantes, e biometano para a movimentação de veículos e máquinas, e bioeletricidade para aumentar a segurança da energia elétrica da propriedade e também exportar o excesso em áreas onde esses acordos já possam ser realizados.

Mas acima e além de tudo, quando olhamos pelo ponto de vista de marketing da atividade da proteína animal, vamos compreendendo que a carne do futuro terá além das práticas inovadoras que já estão à disposição e sendo realizadas no Brasil ao longo de toda cadeia produtiva desde a genética até a industrialização e chegada nos pontos de consumo e de vendas como os supermercados, precisaremos intensamente dessa visão “clean”. Um ciclo de vida de produto de ponta a ponta totalmente saudável. Saúde passa a ser o sinônimo do alimento e doravante isso está no conceito “one planet one health”. Transformar dejetos, resíduos, e os incômodos dos odores, além de uso de parte importante dos produtores nas suas propriedades com lagoas de dejetos não terá mais lugar no futuro.

Os alunos internacionais de vários continentes nesta visita acima saíram muito impressionados com as realidades brasileiras em evolução neste contexto bioenergética, biogás e ambiental da proteína animal.

Em visita a Savencia, queijos Polenghy recém adquiriram a Quata, da mesma forma a sustentabilidade e o biogás cada vez mais integrados na gestão e na avaliação da performance da empresa e dos seus executivos.

Agradecemos a Tupy MWM pela recepção, visita e extraordinária aula. ■

TRANSFORMAR DEJETOS, RESÍDUOS,  
E OS INCÔMODOS DOS ODORES, ALÉM  
DE USO DE PARTE IMPORTANTE DOS  
PRODUTORES NAS SUAS PROPRIEDADES  
COM LAGOAS DE DEJETOS **NÃO**  
**TERÁ MAIS LUGAR NO FUTURO**



### José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

# PORTAL FEED&FOOD, INFORMAÇÃO E NOTÍCIAS A QUALQUER HORA DO DIA

CONECTE-SE COM AS INOVAÇÕES E TENDÊNCIAS  
DA CADEIA GLOBAL DE PRODUÇÃO  
DE PROTEÍNA ANIMAL.



Acesse agora  
e confira  
nossos conteúdos  
exclusivos

 **FEED & FOOD**  
XCLUSIVE

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO

MAIS DO QUE  
PREMIAÇÃO.  
UMA PLATAFORMA  
DE VISIBILIDADE



{ TROFÉU  
CURUCA  
2026 }

**05 DE AGOSTO**

DISTRITO ANHEMBI / SÃO PAULO / BRASIL

Dentro da 6ª edição do  
**Simpósio Feed&Food de Sustentabilidade**,  
evento paralelo ao SIAVS 2026



INSCREVA  
SEU CASE  
E PARTICIPE

EXCLUSIVE  
FEED & F20D  
anos



SIAVS  
SALÃO INTERNACIONAL  
DE PROTEÍNA ANIMAL